



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE**

GLAUCE GONÇALVES DA SILVA GOMES

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: Aversidade e intergeracionalidade nas relações
socioafetivas familiares em Palmas-TO**

Palmas, TO

2025

Glauce Gonçalves da Silva Gomes

**Gravidez na adolescência: avosidade e intergeracionalidade nas relações socioafetivas
familiares em Palmas-TO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal do Tocantins
(UFT), como requisito à obtenção do grau de Mestre (a)
em Educação

Orientadora: Dr.^a Neila Barbosa Osório
Coorientador: Dr. Luiz Sinésio Silva Neto

**Palmas, TO
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

G633g Gomes, Glauce Gonçalves da Silva.

Gravidez na adolescência: avosidade e intergeracionalidade nas relações socioafetivas familiares em Palmas-TO. / Glauce Gonçalves da Silva Gomes. – Palmas, TO, 2025.

138 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação, 2025.

Orientador: Neila Barbosa Osório

Coorientador: Luiz Sinésio Neto

1. Gravidez na Adolescência. 2. Avosidade. 3. Intergeracionalidade. 4. Relações socioafetivas. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Glauce Gonçalves da Silva Gomes

Gravidez na adolescência: avosidade e intergeracionalidade nas relações socioafetivas familiares em Palmas-TO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Foi avaliado para a obtenção do título de Mestre (a) em Educação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 28 /04 /2025

Banca Examinadora:

Dra. Neila Barbosa Osório – UFT

Dr. Luiz Sinésio Neto – UFT

Dra. Jocyléia Santana dos Santos – UFT

Prof. Dr. Dr. Djanires Lageano Neto de Jesus (membro externo – UEMS-UMA)

Ao Arquiteto Criador do Céu, da terra e de tudo o que nela há. Diante de Ti, Pai, sou apenas um grão de areia na imensidão da vida. Com esmero e dedicação, entrego este tecido de conhecimento, no desejo que, a partir dele, eu possa seguir nesta jornada e impactar vidas. A Ti, meu **Deus**, dedico esta dissertação. 📖

AGRADECIMENTOS

A Deus sempre na minha vida, pelo cuidado, amor e oportunidades que me permitiram chegar tão longe.

À Dona Dolores, minha mãe, que hoje tem 79 anos de idade, mulher guerreira que sempre incentivou e se sente vitoriosa com a nossa vitória.

Ao meu pai, Adão de Oliveira Silva, *in memoriam*, encontra-se em uma nova morada desde 2015, teve uma partida muito cedo, aos 65 anos.

Ao meu amado, admirável esposo, **Edvan Barreira Gomes**, grande incentivador e cuidador, nosso alicerce.

Aos meus filhos, **Edvan Barreira Gomes Júnior, Thayane Barreira Gonçalves e Luís Gustavo Gonçalves Barreira**, que são a razão da minha vida, com eles entendi meu propósito de existência.

Aos amigos fiéis e companheiros de lutas e de glórias, **Maria de Lourdes Leôncio Macedo** nossa (**Malu**), **Amanda Pereira Costa** dividimos muitas lutas, **Adriana Pereira Aguiar** que me deu a primeira oportunidade na gestão da Seduc, **Marileide Carvalho de Souza**, esta foi a do romper das madrugadas, pegou na minha mão e seguimos, **Euler Rui Barbosa** o que seus olhos não veem, consegue por meio da janela da alma, **Celestina Maria de Souza** de coração generoso me recordo da aula que me deste para entrevista, **Giselle do Carmo Maia** parceira até debaixo d'água, **Silvanis dos Reis Borges** incentivadora, **Marlon e Núbia Brito** esses são compostos de parceria e a eles meu respeito, aqui estão grandes mestres parceiras. Estendo a todos demais pesquisadores, **Valmir, André, Luciana, Rachel, Elizangela, Francijanes, Rosiane, Wesquisley, Fernando, Sara, Tamires, Dona Margarete, Daniel**. A minha madrinha de Crisma **Ana Lúcia** e seu esposo **Márcio**, amigos para sempre.

À Secretaria de Educação do Estado do Tocantins, na qual me orgulho de fazer parte.

À Universidade Federal do Tocantins, pela oportunidade, cumprimento a professora **Dr. Jociléia Santana**, a frente do Programa.

À minha orientadora Dra. Neila Barbosa Osório, quem eu tenho profunda admiração, respeito e amor, digo sim, eu Amo você, vejo como seu legado é grandioso, e o impacto na vida das pessoas velhas, leva um percurso que parece patinar, a cada descoberta e projeto surge como *insights*, sempre de sucesso.

Ao coorientador Dr. **Luiz** Sinésio Silva Neto, professor de excelência e legítimo representante da academia, o seu trilhar pelo caminho da ciência, é um exemplo que merece ser seguido, desejo muito sucesso.

Aos velhos da Universidade da Maturidade – UMA, Palmas, esse projeto de extensão basilar nos três pilares, a **credibilidade**, **validade** e **reprodutibilidade** da pesquisa científica, refletida na comunidade externa, oportuniza os velhos, um espaço de dignidade com educação ao longo da vida, quero dizer que não encerra aqui, temos muitas histórias ainda para escrever.

Às **adolescentes grávidas** que contaram sua história para contribuir neste processo de pesquisa, faço votos que não desistam dos seus sonhos.

Aos **professores doutores** com quem tive a honra de desfrutar de seus conhecimentos no desenvolvimento da prática pedagógica no âmbito da UFT: Idemar Vizolli, Luiz Sinésio Silva Neto, Jocyléia Santana, Maria José de Pinho e Rosilene Lagares.

A todos aqueles que direta ou indiretamente, contribuíram com o processo e com os escritos... **Gratidão...**

RESUMO

O tema Gravidez na Adolescência: Avósidade e Intergeracionalidade nas Relações Socioafetivas Familiares em Palmas-TO, dissertado, aprofunda a compreensão das complexas dinâmicas familiares que se desenrolam em torno da gravidez na adolescência, com um olhar particular para o papel das pais/avós nessa relação intergeracional. Ao explorar o conceito de avósidade, a pesquisa busca desvelar como as relações socioafetivas principalmente entre mães/avós de adolescentes grávidas, são impactadas por esse evento, desafiando as concepções tradicionais sobre família e cuidado. A pesquisa, de natureza qualitativa, com abordagem fenomenológica, objetivou analisar como a gravidez na adolescência influencia o equilíbrio das relações socioafetivas entre mães/avós e filhas grávidas, e, o resultado dessa intergeracionalidade. A pesquisa, em formato de entrevistas semiestruturadas, foi realizada em dois *lôcus*: na Universidade da Maturidade (UMA) e em duas escolas estaduais em Palmas - Tocantins, com os seguintes grupos: 1) mulheres idosas que tiveram experiência de gravidez no período da adolescência; 2) adolescentes que engravidaram no período de 2024-2025. Considerando a adolescência entre 14 e 17 anos, buscamos compreender as experiências, percepções e estratégias de enfrentamento desse desafio. A escolha de Palmas como campo de estudo justifica-se pela atuação profissional da pesquisadora, pela relevância e incidência do tema e pela possibilidade de analisar as particularidades culturais e sociais que influenciam as relações familiares nesse contexto. Tanto a Universidade da Maturidade, Polo de Palmas, quanto as escolas estaduais apresentam-se como espaços privilegiados para o diálogo: o primeiro, com mulheres idosas que vivenciaram a maternidade precocemente; o segundo, com adolescentes grávidas. A gravidez na adolescência é um fenômeno complexo e multifacetado, com diversas implicações sociais, psicológicas, biológicas e culturais. A presença de mães/avós nesse contexto atua como fator de proteção, oferecendo apoio emocional, financeiro e prático às jovens mães e seus filhos. A inserção de um novo membro na família, em idade precoce, gera conflitos e tensiona as relações intergeracionais existentes. A pesquisa buscou identificar os desafios enfrentados pelas adolescentes grávidas, a necessidade de reconfigurar seus projetos de vida, lidar com as expectativas da família e compreender como as relações familiares, em meio aos conflitos e tensões entre expectativas e realidade no enfrentamento de uma gravidez precoce, impactam o redimensionamento das vidas das adolescentes. Ao analisar as estratégias de enfrentamento utilizadas pelas mães/avós nesse processo de relações socioafetivas, o estudo pretende contribuir para a construção de programas e políticas públicas que fortaleçam os vínculos familiares e a oferecer suporte adequado às famílias que vivenciam essa realidade. A escola e o Estado, como espaços de conhecimento, socialização e apoio também são considerados, com o objetivo de identificar os recursos e serviços disponíveis para as adolescentes grávidas e suas famílias em Palmas. Ao aprofundar a compreensão do papel das mães/avós nesse contexto intergeracional, a pesquisa, não esgota o tema, contribui para a construção de um conhecimento mais aprofundado sobre as dinâmicas familiares e as formas de apoio mais adequadas às famílias que enfrentam a gravidez na adolescência.

Palavras-chave: Gravidez na adolescência; Avósidade; Intergeracionalidade; Relações socioafetivas; Contexto escola e família.

ABSTRACT

The dissertation, "Teenage Pregnancy: Grandparenthood and Intergenerationality in Family Socio-Affective Relationships in Palmas-TO," delves into the complex family dynamics surrounding adolescent pregnancy, with a specific focus on the role of parents/grandparents within this intergenerational context. By exploring the concept of grandparenthood, this research seeks to uncover how socio-affective relationships, particularly among mothers/grandmothers of pregnant adolescents, are impacted by this event, challenging traditional notions of family and care. This qualitative study, employing a phenomenological approach, aimed to analyze how teenage pregnancy influences the balance of socio-affective relationships between mothers/grandmothers and their pregnant daughters, as well as the outcomes of this intergenerational dynamic. The research, conducted through semi-structured interviews, took place in two settings: the University of Maturity - UMA (Universidade da Maturidade) and two state schools in Palmas - Tocantins. The participants included: 1) elderly women who experienced pregnancy during their adolescence; and 2) adolescents who became pregnant between 2024 and 2025. For the purposes of this study, adolescence was defined as the period between 14 and 17 years of age. The research sought to understand the experiences, perceptions, and coping strategies employed when facing this challenge. The choice of Palmas as the study site is justified by the researcher's professional experience, the relevance and prevalence of the topic, and the opportunity to analyze the specific cultural and social factors that influence family relationships within this context. Both the University of Maturity, Palmas Campus, and the state schools provided valuable spaces for dialogue: the former with elderly women who experienced early motherhood, and the latter with pregnant adolescents. Teenage pregnancy is a complex and multifaceted phenomenon with diverse social, psychological, biological, and cultural implications. The presence of mothers/grandmothers in this situation acts as a protective factor, offering emotional, financial, and practical support to young mothers and their children. However, the early addition of a new family member can lead to conflict and strain existing intergenerational relationships. This research sought to identify the challenges faced by pregnant adolescents, the need to reconfigure life plans, and the navigation of family expectations. It also aimed to understand how family relationships, amidst the conflicts and tensions between expectations and reality when dealing with early pregnancy, impact the redefinition of adolescents' lives. By analyzing the coping strategies employed by mothers/grandmothers within these socio-affective relationships, the study aims to contribute to the development of programs and public policies that strengthen family bonds and provide adequate support to families experiencing this reality. Schools and the government, as spaces of knowledge, socialization, and support, are also considered to identify available resources and services for pregnant adolescents and their families in Palmas. By deepening our understanding of the roles of mothers/grandmothers within this intergenerational context, this research, while not exhaustive, contributes to a more thorough understanding of family dynamics and the most appropriate forms of support for these families during adolescent pregnancy.

Keywords: Teenage pregnancy; Grandparenthood; Intergenerationality; Socio-affective relationships; School and family context.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Percentagem de nascidos vivos de mães adolescentes no Brasil - 2010/2020.....	29
Figura 2 - Painel de referências de nascidos vivos adolescentes de 10 a 19	31
Figura 3 - Universidade da Maturidade – Polo Palmas – Dependências físicas.....	54
Figura 4 – Atividades de teatro, dança, sala de aula invertida, contexto da UMA.....	54
Figura 5 – Centro de Ensino Médio Taquaralto	56
Figura 6 – Colégio Dom Alano Du Noday.....	57
Figura 7 – Visões de uma tecnologia digital.....	59
Figura 8 – Foto intergeracional (Coordenadores – mães/filhos/ netos).....	61
Figura 9 – Grupo de Dança Flores do Ipê.....	62
Figura 10– Demonstrativo metodológico da triangulação de Bardin.....	63
Figura 11- Mulheres idosas entrevistadas – gravidez na adolescência.....	90
Figura 12- Adolescentes grávidas entrevistadas em 2024.....	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Publicações (GOMES, Glauce Gonçalves da Silva).....	21
Quadro 2- Quadro de riscos na realização da pesquisa	26
Quadro 3- Caracterização Metodológica da Pesquisa	27
Quadro 4- Histórico – Polos da Universidade da Maturidade - UMA	58
Quadro 5- Disciplinas Curriculares Polo Palmas.....	61
Quadro 6- Relato histórico das adolescentes de 14 a 17 anos – gravidez precoce - 2024	91
Quadro 7- Relato histórico de acadêmicas da UMA que tiveram gravidez na adolescência ...	93
Quadro 8- Informações sobre prevenção – Sexualidade e Gravidez Precoce	96
Quadro 9- Informações sobre prevenção – Sexualidade e Gravidez Precoce	97
Quadro 10- Relatos de Preconceitos e relações socioafetivas mães/avós	100
Quadro 11- Relatos de Preconceitos e relações socioafetivas mães/avós	101
Quadro 12- Prevenção – contexto apoio familiar e relações de avosidade	101

L

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Prevalência de mães adolescentes no Brasil	37
Gráfico 2- Distribuição da Maternidade por idade e grau de Instrução.....	37
Gráfico 3- Distribuição da Maternidade por idade e grau de Instrução	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEM	Centro de Ensino Médio
CEMIL	ETI Professora Margarida Lemos
CEP	Comitê de Ética
EJA	Educação de Jovens e Adultos
GGEM	Grupo Gestor Multidisciplinar
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
PPGE	Programa de Pós-Graduação Educação
SEDUC-TO	Secretaria de Educação do Tocantins do Tocantins
SEMUS	Secretaria Municipal de Saúde de Palmas/TO
SESTO	Secretaria do Estado da Saúde
SISNAC	Sistema de Informação Sobre Nascidos Vivos
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UMA	Universidade da Maturidade
UNIRG	Universidade de Gurupi
UE	Unidade de Ensino

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	O entrelaçar dos percursos da vida.....	18
1.2	Histórico desencadeador da justificativa e objetivos da pesquisa.....	22
1.3	Organização dos títulos da dissertação.....	23
2	CAMINHOS PERCORRIDOS.....	26
2.1	A revisão bibliográfica e documental do fenômeno da gravidez na adolescência	27
2.1.1	Demonstrativo estatístico da gravidez na adolescência no Brasil: o desafio de quebrar o ciclo da pobreza intergeracional.....	36
2.1.2	Avós e netos na dinâmica familiar.....	38
2.1.3	Desafios enfrentados pelos avós no contexto familiar.....	41
2.2	Abordagem qualitativa da pesquisa.....	48
2.2.1	O enfoque no método fenomenológico	48
2.3	A pesquisa semiestruturada como ferramenta pedagógico: estudo de caso.....	50
2.4	O Lócus da Pesquisa.....	53
2.4.1	As Escolas Estaduais Contexto das Entrevistas – Adolescentes Grávidas....	55
2.4.2	A Universidade da Maturidade – UMA/UFT Contexto das Entrevistas de Mulheres Idosas – grávidas a época da adolescência.....	58
2.5	Análise de conteúdo de Bardin	62
3	OS IMPACTOS DA GRÁVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA.....	65
4	O PAPEL DA ESCOLA NO APOIO ÀS ADOLESCENTES GRÁVIDAS.....	73
5	AVOSIDADE, RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E AS LIGAÇÕES SOCIOAFETIVAS FAMILIARES.....	81
5.1	Relações Sócioafetivas entre futuros avós e adolescentes grávidas.....	86

5.2	Interseção entre Aversidade e Gravidez na Adolescência.....	86
6	DISCUSSÃO E AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA...	89
7	POLÍTICAS PÚBLICAS E INTERVENÇÃO SOCIAL NO APOIO À ADOLESCENTES GRÁVIDAS – DIRETRIZES.....	109
8	IMPLICAÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS NO FORTALECIMENTO DAS RELAÇÕES FAMILIARES	118
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
	REFERÊNCIAS.....	126
	APÊNDICES.....	134
	Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)....	134
	Apêndice B – Questionário para acadêmicos da Universidade da Maturidade.....	136
	Apêndice C – Roteiro para entrevista para estudantes grávidas.....	137
	ANEXOS.....	138
	Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP.....	138

1 INTRODUÇÃO

Entre o viver e morrer, ao nascer, o renascer de vidas em contextualizações embrionárias diversificadas no que tange aos contextos sociais, culturais, econômicos, políticos, históricos que no desenrolar se incorporam e se desenvolvem processualmente nos valores na moralidade na ética e no amor.

O nascimento marca o início de uma jornada fascinante, repleta de transformações biológicas, emocionais e espirituais. A gestação, um período de cerca de 40 semanas, estabelece uma conexão profunda entre a mãe e o bebê em desenvolvimento. As mudanças físicas e emocionais experimentadas pela gestante são profundas, envolvendo transformações corporais e uma intensa preparação para o cuidado do novo ser.

A gestação é uma experiência única e subjetiva, marcada pela intensidade das sensações corporais e pela emergência de uma nova consciência de si e do outro. A gestante vivencia seu corpo de maneira singular, percebendo as transformações que ocorrem e as novas possibilidades que se abrem. A relação com o bebê em desenvolvimento é uma experiência intersubjetiva, na qual a mãe se sintoniza com as necessidades e os desejos do outro.

A gravidez precoce apresenta algumas particularidades e desafios tanto para a mãe adolescente quanto para o bebê. Embora a concepção, em si, seja um processo biológico semelhante ao de qualquer outra gravidez, mas o contexto social, psicológico e físico da adolescente pode influenciar significativamente essa experiência. Além das mudanças físicas, a jovem enfrenta desafios emocionais, familiares e educacionais que podem impactar sua trajetória e o desenvolvimento do bebê.

Nos desafios físicos, as adolescentes, especialmente as mais jovens, podem apresentar corpos ainda em desenvolvimento, o que aumenta os riscos de complicações durante a gravidez e o parto, como pré-eclâmpsia, parto prematuro, baixo peso ao nascer e anemia. Já nos desafios emocionais, a gravidez na adolescência pode gerar uma série de emoções complexas, como medo, ansiedade, insegurança, culpa e até mesmo alegria. A falta de preparo para a maternidade e a pressão social podem intensificar esses sentimentos. Nos desafios sociais, as adolescentes podem enfrentar estigmas, julgamentos e exclusão social, o que pode afetar sua autoestima e bem-estar psicológico. Além disso, a gravidez pode interromper seus estudos, limitar suas oportunidades de trabalho e dificultar sua inserção social. Quanto aos desafios familiares, o apoio familiar é fundamental para a adolescente grávida, mas muitas vezes esse apoio pode ser limitado ou ausente.

A gravidez pode gerar conflitos familiares, especialmente quando a adolescente não conta com o apoio dos pais ou responsáveis. Esses conflitos muitas vezes decorrem da falta ou da insuficiência de orientação sexual. É fundamental oferecer informações precisas e completas sobre sexualidade, métodos contraceptivos e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, torna-se necessário implementar políticas públicas que promovam a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, garantindo acesso a serviços de saúde, educação e apoio social.

É importante ressaltar que a gravidez na adolescência é um problema complexo com diversas causas e consequências. A abordagem deve ser multidisciplinar e envolver a família, a escola, a comunidade e o sistema de saúde. Trata-se de um fenômeno, que pode ser classificado como antigo, atual e de futuro. Dessa forma o estudo dessa temática é fundamental, pois contribui para novas gerações.

Nesse contexto, a avosidade é um elo entre gerações, um fio condutor que tece a história familiar. As avós, com sua sabedoria ancestral, transmitem valores, tradições e um legado de afeto. Como afirma Oliveira (2010, p.461), a avosidade, definida como laço de parentesco, está intimamente ligada às funções materna e paterna, das quais, entretanto, diferencia-se, exercendo papel determinante na formação do sujeito. Em momentos tão delicados como a gravidez na adolescência, quando o apoio dos pais se faz ausente, o amparo dos avós nasce como um farol que ilumina o caminho, oferecendo conforto, orientação e um porto seguro.

A avosidade idade um rico mosaico de papéis e experiências, que se transforma ao longo do tempo e das diferentes culturas. As avós, com sua sabedoria ancestral e seu olhar amoroso, desempenham um papel fundamental na vida de seus netos. Seja como contadoras de histórias, guardiãs da memória familiar ou simplesmente como um porto seguro, as avós oferecem um apoio inestimável, especialmente em momentos de transição, como a gravidez na adolescência. No entanto, é importante reconhecer que as avós também enfrentam desafios, como a conciliação entre seus próprios projetos de vida e os cuidados com os netos. A valorização e o apoio à avosidade são essenciais para o bem-estar das famílias e das comunidades. Afinal, é na família que se forma o primeiro contexto intergeracional, tecido formado por elos de amor.

Assim, a introdução desta dissertação se iniciará pelo memorial descritivo da pesquisadora, seguido pelo histórico introdutório da pesquisa e o desenvolvimento da estrutura da dissertação.

1.1 O entrelaçar dos percursos da vida

De uma família de cinco irmãos, filha de mãe solo, na madrugada do dia dois, em junho do ano de 1978, em São Miguel do Araguaia-GO, nasci, Glauce Gonçalves da Silva, quinta filha, de Dolores Gonçalves da Silva, uma mulher guerreira que criou os filhos com determinação e empreendedorismo, apesar de sua pouca formação acadêmica. Minha mãe foi uma inspiração, administrava uma pequena “pensão¹” que garantiu temporariamente o sustento digno da família, com bonança, parte da minha infância.

Exausta da carga que os trabalhos exigiam até então, e com os quatro filhos já casados, as despesas já menores com a família que restringida estava entre ela, eu e minha irmã caçula. Por decisão de Dona Dolores, como gosta de ser chamada, minha mãe, com recursos acumulados, mudando para capital Goiânia, eu com dez anos. Com o suor de muitas dificuldades, ela investiu esses recursos e outras posses vendidas e arriscou tudo, em um investimento chamado *overnight*², no entanto, com o confisco financeiro de 1990, durante o governo do Presidente Fernando Collor, perdemos os recursos financeiros, e os sonhos esvaíram-se como águas no ralo, acompanhados de um sentimento de impotência diante das perdas, que ela considerava uma aposentadoria segura.

Desesperada, a única saída, com as necessidades batendo à porta, obrigou minha mãe a tomar a decisão de corajosamente buscar apoio junto a minha avó, Dona Bernardina Lopes Gonçalves, que morava em Gurupi-TO. Acolhidas, sob um espírito empreendedor admirável, vivemos por cerca de dois anos dividindo os poucos proventos oriundos de aposentadoria e de vendas autônomas de cosméticos. Nesse mesmo sentido, minha mãe buscou alternativas de juntar rendas com minha avó, vendendo quitutes que ela mesma fazia.

Ainda nesse lar acolhedor, sob os princípios da avosidade, aos 13 anos, com as dificuldades que a necessidade impusera em nossas vidas, precisei deixar a escola por um ano, contribuindo para a estatística da evasão, comecei a trabalhar para ajudar nas despesas de casa.

¹ Pensão: Casa em que se admitem hóspedes, mediante pagamento. = HOSPEDARIA

² Overnight: O termo *overnight*, diretamente traduzido do inglês, significa “durante a noite”. No mercado financeiro, essa expressão é utilizada para se referir a negociações de títulos públicos ocorridas durante o dia, mas que passam de um dia para o outro. Ou seja, continuam se movimentando depois do horário de fechamento do *open market*.

A adolescência foi uma fase de aprendizado e desafios, que trouxe amadurecimento atemporal, com o emprego, pude custear os materiais didáticos e pagar a taxa que, na época, a escola exigia. Nesse processo, a única certeza e decisão que eu tinha era que aquele não era meu lugar, pois aquela vida era marcada por privações e limitações, entendi que somente poderia mudar minha realidade com estudos.

Nesse pensamento, a escola pública foi um espaço essencial para minha formação. No pecado das fragilidades e precariedades que permeiam o processo educacional, e de sua conjuntura como um todo formativo, evidenciada e ratificada pela evolução das teorias educação, aqui especificamente, falando acerca da ausência de diálogos e os tabus sobre a sexualidade e suas nuances. Tanto em casa quanto na escola, essa falta de discussão impactou minhas experiências, levando-me a vivências precoces.

Aos 17 anos, inconsequente e imaturamente, sem conhecimento e orientação adequada, engravidei e enfrentei as consequências dessa fase. Decidimos nos casar e, com o apoio de familiares e de meu esposo, Edvan Barreira Gomes continuei meus estudos, concluindo o ensino médio e iniciando uma jornada de superação.

Enquanto meu esposo cursava Ciências Contábeis, provedor da família, criamos nossos três filhos: Thayane, Edvan Júnior e Luís Gustavo, que hoje são motivos de orgulho com suas conquistas acadêmicas e profissionais. Após seis anos da conclusão do ensino médio, prestei vestibular e ingressei na faculdade de Pedagogia pela Fundação/Universidade de Gurupi - UnirG, com conclusão em 2006.

Paralelamente a faculdade, contribui como professora e diretora da escola bíblica dominical de adolescentes na classe “Fonte de Vida”, permaneci por alguns anos consecutivos, por opção, desenvolvendo afinidade com a interlocução de conhecimentos espirituais, morais, éticos e de formação humana, no aconselhamento de adolescentes em construção.

Profissionalmente, comecei no Colégio Ômega, como professora auxiliar de alfabetização e, posterior, assumi uma turma de educação infantil, por dois anos. Com proposta no âmbito empresarial, trabalhei como consultora técnica em vendas de uma grande empresa, Anadíesel Pneus, por três anos de muitos aprendizado e valorização financeira.

Com desejo latente de atuar na educação, com o respaldo financeiro familiar provido pelo esposo, decidi assumir o contrato de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental da rede estadual, na qual fui professora, por três anos. Em 2012, concursada, assumi como coordenadora pedagógica, posteriormente, por opção e afinidade com os adolescentes, redirecionei minha atuação do trabalho pedagógico com professor para o atendimento com os

estudantes na orientação educacional. Cada experiência moldou minha prática, especialmente ao lidar com realidades desafiadoras de jovens e adolescentes.

Em busca de horizontes acadêmicos que atendessem inicialmente ao ingresso da minha primogênita, Thayane, mudamos para a capital, Palmas, em 2015. Essa mudança impulsionou novas oportunidades, tanto para minha família quanto para minha atuação em políticas públicas educacionais.

Na trajetória educacional de 2015 até a presente data, na Secretaria de Educação do Tocantins–Seduc/TO, ocupei diversas funções, atualmente como Gerente de Desenvolvimento e Monitoramento Pedagógico. Sempre com o objetivo de contribuir, e com apoio e aporte familiar dos conflitos familiares na esfera pedagógico-jurídica, atuo como prestadora de serviços ao Tribunal de Justiça, por meio do Grupo Gestor Multidisciplinar-Ggem, na produção de relatórios socioeducacionais que integram os contextos social e pedagógico das causas que envolvem menores em formação pedagógica.

Nessa conjuntura, com o emaranhado das experiências vivenciadas no contexto profissional despertou em mim o desejo de contribuir com a academia, no que diz respeito a pesquisa sobre as relações socioafetivas e apoios significativos, e os impactos desses fatores, assim surgiu o sonho do Mestrado Acadêmico em Educação.

Na Universidade Federal do Tocantins, realizei como aluna especial em 2017/18, as disciplinas: Docência do Ensino Superior, Educação e Interculturalidade e Tópicos Especiais em Educação Intergeracional do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE.

O sonho do mestrado ficou em *standby* por quatro anos. Em 2023.1, sob a temática da intergeracionalidade e com respaldo da fenomenologia, fui aprovada como aluna regular no Mestrado Acadêmico em Educação do PPGE/UFT, com o foco na compreensão da conexão entre gerações e os impactos no processo educacional. Essas experiências resultaram em uma coletânea de minibiografias, um livro, "UMA História para Te Contar", organização coletiva junto aos colegas pesquisadores da Universidade da Maturidade – UFT, fortalecendo minha paixão por registrar histórias e contribuir para o desenvolvimento humano, sob a orientação dos Coordenadores da UMA, os professores Doutores Neila Barbosa Osório e Luiz Sinésio Neto.

Com respaldo nas disciplinas cursadas, no convívio com os velhos do polo da UMA/UFT de Palmas-TO e experiências nos outros polos, nas trocas de vivências e conhecimentos com os colegas mestrandos/doutorandos nas interlocuções do Grupo Interdisciplinar para Pesquisa e Estudos em Educação Intergeracional e Altas Habilidades-GIPEEIAH, consolidei como autora ou coautora de publicações científicas:

Quadro 1 - Publicações (GOMES, Glauce Gonçalves da Silva) - 2023-2024

Modalidade (resumo simples, resumo expandido, artigo, capítulo)	Quant.	Observações
Organização de livros	02	100% versados sobre a temática do envelhecimento humano/intergeracionalidade
Resumo simples	20	84% versados sobre a temática do envelhecimento humano/intergeracionalidade
Artigo publicados em revistas A e B	19	84% versados sobre a temática do envelhecimento humano/intergeracionalidade, destes, 75% contemplam estudos sobre o envelhecimento humano / intergeracionalidade/ Políticas Públicas de atendimento; 25% relacionados a políticas educacionais da educação básica
Capítulo	07	75% contemplam estudos sobre o envelhecimento humano / intergeracionalidade/ Políticas Públicas de atendimento; 25% relacionados a políticas educacionais da educação básica
Resenha	02	100% contextualizações teóricas e/ou práticas de pessoas idosas – Tocantins
Trabalhos publicados em Anais de Eventos	01	100% contextualizações teóricas e/ou práticas de pessoas idosas – Tocantins
Docência	22 anos	Docência na educação, infantil, no ensino fundamental, coordenadora pedagógica, orientadora educação, pontuo que ter a oportunidade de dar aulas na UMA, somaram para trilhar desta pesquisa

Fonte: A pesquisadora.

Hoje, ao refletir sobre minha trajetória, sinto gratidão. De filha de mãe solo, estudante de escola pública e mãe adolescente a profissional engajada na educação, trilhei um caminho de resiliência e aprendizados. Compreendendo a fenomenologia, encontrei muitas explicações do que vivi: um ciclo contínuo de desafios, descobertas e crescimento, que contemporaneamente permitem contribuir para a transformação social por meio da educação.

Este memorial não é apenas uma narrativa da minha trajetória, mas também uma celebração das pessoas, experiências e sonhos que moldaram quem sou. Incessantemente continuo a busca por caminhos para contribuir e impactar positivamente a vida de jovens e adolescentes nas particulares fragilidades que nos são impostas, principalmente no universo dos menos favorecidos financeiro e socialmente.

Assim, nesse patamar de memórias e superações, com na perseverança da mola mestra que impulsiona a humanidade, sigo com esperança e determinação de que a educação é o caminho para um futuro mais justo e inclusivo.

1.2 Histórico desencadeador da justificativa e objetivos da pesquisa

A gravidez na adolescência é um fenômeno que atravessa fronteiras culturais e sociais, desafiando famílias, comunidades e políticas públicas a repensarem suas estruturas e práticas (Canavarro; Araújo, 2012, p.34), descrevem a gravidez adolescente como um fenômeno que envolve diferentes fatores de risco. Nesse contexto, as relações intergeracionais, em especial aquelas entre avós e netos, emergem como um aspecto crucial para compreender os impactos e as dinâmicas dessa experiência.

Esta dissertação, intitulada “GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: AVOSIDADE E INTERGERACIONALIDADE NAS RELAÇÕES SOCIOAFETIVAS FAMILIARES EM PALMAS-TO”, propomos a explorar o papel dos avós nesse cenário, investigando como a avosidade se manifesta e contribui para as estratégias de enfrentamento das famílias diante desse desafio.

O conceito de avosidade, entendido como o exercício do papel de avô ou avó nas dinâmicas familiares, ganha destaque na análise das transformações que ocorrem quando uma gravidez não planejada insere um novo membro no núcleo familiar. Sampaio *et al.* (2021) compreendem que a “fase da avosidade dura o tempo de um ciclo familiar. Para Monteiro (2015), a avosidade enfatiza o pertencimento a geração mais velha da família. Assim, esta função e velhice se sobrepõem.

A pesquisa busca iluminar as complexidades dessas relações, enfatizando tanto os aspectos de apoio e cuidado quanto os conflitos e tensões que podem surgir. Para Taborda (2014), embora adolescentes de todas as classes sociais possam engravidar, as consequências da gravidez precoce incluem a impossibilidade de completar a fase da adolescência e os conflitos familiares. O enfrentamento da situação varia conforme a classe social, sendo diferente para jovens de camadas mais favorecidas.

Por meio de uma abordagem qualitativa de natureza fenomenológica, este estudo tem como objetivo central analisar como a gravidez na adolescência influencia o equilíbrio das relações socioafetivas entre avós e netos. Nesse sentido, busca compreender como os avós lidam emocionalmente com a notícia de uma gravidez não planejada, identificar possíveis conflitos e tensões e/ou estratégias de enfrentamento que surgem no seio familiar devido a essa gravidez, bem como identificar estratégias utilizadas pelos avós para manter o equilíbrio socioafetivo na família

O lócus da pesquisa é a cidade de Palmas, Tocantins, escolhida por sua relevância cultural, social e pela experiência profissional da pesquisadora. As entrevistas, realizadas em duas escolas públicas da rede estadual e na Universidade da Maturidade (UMA), buscam

captar as vivências de avós, adolescentes grávidas e profissionais da educação, compondo um mosaico de experiências que enriquecem o debate acadêmico e contribuem para a construção de políticas públicas. A Universidade da Maturidade, em particular, destaca-se como um espaço privilegiado para ouvir mulheres que vivenciaram a maternidade na adolescência e que, hoje, refletem sobre suas experiências enquanto avós.

O local escolhido para pesquisa, marco central do Brasil, Palmas, está ao centro geodésico do país, sendo a capital mais jovem do Brasil, surgiu junto com a promulgação da Constituição de 1988. Sua população estimada em 2020 é de 306.966 habitantes, uma área de unidade territorial de 2.227,329 km² e densidade demográfica de 102,90 hab/Km² IBGE, (2022).

Esta dissertação se insere em um campo de estudos que ganha crescente relevância à medida que a sociedade reconhece a importância das relações intergeracionais no fortalecimento das famílias. A gravidez na adolescência, além de ser uma questão de saúde pública, é um fenômeno social que exige uma abordagem interdisciplinar e sensível às nuances culturais e afetivas. A análise das estratégias de enfrentamento adotadas pelos avós e das dinâmicas familiares proporciona *insights* valiosos para o desenvolvimento de iniciativas que promovam equidade, acolhimento e bem-estar das famílias.

Ao longo das partes que se seguem, o leitor será convidado a mergulhar em um universo rico em narrativas e reflexões, que vão desde a contextualização histórica e cultural do tema até a análise das práticas e percepções dos envolvidos. O desenrolar dos escritos está explicitado em oito títulos.

1.3 Organização dos títulos da dissertação

A introdução, título um desta dissertação, foi nomeada como O desencadear dos percursos da vida, apresentamos, na forma de memorial descritivo, a dimensão pessoal e profissional da pesquisadora.

Recapitulando, as informações construídas no trilhar deste trabalho tiveram origem desde as minhas inquietações, anseios e desejo de estudar a temática do envelhecimento no que se refere às relações socioafetivos entre avós e netas no contexto de gravidezes precoces. Este estudo se fundamenta no estado da arte sobre a intergeracionalidade no âmbito familiar. A escuta da realidade pesquisada configura a entrada no campo empírico da temática.

A metodologia da pesquisa está descrita no segundo título por meio da abordagem qualitativa adotada, enfatizando a escolha da pesquisa fenomenológica para captar as

experiências vividas pelos participantes. O contexto social e cultural de Palmas, Tocantins, será apresentado como um locus relevante para o estudo, e as razões para a escolha das escolas públicas e da Universidade da Maturidade (UMA) como cenários de coleta de dados serão esclarecidas.

A análise das dificuldades que os avós enfrentam em função da gravidez na adolescência de suas filhas, está delineada no título três. Nele, os avós dispõem-se a cuidar dos netos, conciliando ou sobrepondo as responsabilidades de mulher/homem, mãe/pai e avó/avô no exercício de suporte à família, segundo Pinto *et al* (2014).

No quarto título, será feita uma análise profunda das relações entre avós e netos sob o impacto da gravidez na adolescência. A discussão enfocará as alterações nas dinâmicas familiares e nas funções assumidas por cada um durante esse processo, além de investigar de que forma a avosidade pode atuar como um fator de proteção e apoio emocional em momentos de crise. Mainetti; Wanderbroocke (2013) afirmam que se têm evidenciado situações em que as avós se tornam cuidadoras integrais e até legais dos netos.

A importância da escola como um espaço de socialização e apoio, onde adolescentes grávidas podem encontrar recursos e serviços que auxiliem em suas situações, está descrita no quinto título. Nele, serão relatadas experiências de apoio escolar e a interação entre avós e professores, enfatizando a necessidade de um trabalho colaborativo que possa beneficiar a família como um todo. Cerqueira *et al* (2010) apontam que, neste caso, seria constituída pela adolescente grávida e a sua rede direta de apoio, como pais, namorado, amigos e escola.

No delinear das contribuições sociopolíticas e acadêmicas, no sexto título será discutida a importância da criação de políticas públicas que ofereçam suporte a famílias que enfrentam a gravidez na adolescência. Apresentará sugestões de programas de intervenção que possam fortalecer os vínculos familiares e ajudar na adaptação das jovens mães e avós. Um diálogo entre os profissionais da saúde, educação e assistência social será proposto como fundamental para essa construção.

Para avaliação dos resultados, o penúltimo título dedicar-se-á a uma reflexão crítica sobre os principais achados da pesquisa. A investigação se concentrará na intersecção entre tradições e valores locais e a percepção da avosidade, proporcionando uma visão abrangente de como essas relações se manifestam no contexto específico. O que, para Pinto *et all* (2014), os netos são a continuidade, dádiva dos avós e representam o elo de amor materno e paterno. Por isso, a avosidade é singular, traçada no convívio com outras gerações, principalmente, aquelas de laços familiares. Serão apresentados os dados coletados, suas interpretações e implicações para a prática. A avaliação incluirá a análise da eficácia das estratégias

identificadas pelos avós e o impacto das relações socioafetivas na vida de todos os envolvidos.

O último título, por fim, o oitavo, está dedicado às considerações finais e propostas para o futuro, e revisitará os principais pontos discutidos ao longo do trabalho, destacando a relevância do entendimento das relações socioafetivas entre avós e netos em contextos de gravidez não planejada em escolas estaduais de Palmas. Chamamos ação para a implementação de estratégias sustentáveis e políticas que promovam o bem-estar das famílias, reforçando a importância do valor dos laços intergeracionais no fortalecimento da estrutura familiar.

Assim, este trabalho é, acima de tudo, um convite à empatia e à ação, na busca por uma sociedade mais justa, onde as relações intergeracionais sejam valorizadas como um alicerce para o cuidado e o desenvolvimento humano.

2 CAMINHOS PERCORRIDOS

A metodologia de uma dissertação é como um mapa que guia toda a jornada. Ela define os caminhos a serem percorridos, os instrumentos a serem utilizados e os critérios para análise dos dados. Em outras palavras, a metodologia é o coração da pesquisa, pois é ela que garante a sua credibilidade e a sua relevância.

A escolha pela abordagem qualitativa com enfoque fenomenológico é uma decisão que reflete o compromisso em valorizar as vozes dos participantes e compreender suas realidades de forma profunda e respeitosa. Nesta metodologia, buscamos não apenas coletar dados, mas também criar um espaço onde as histórias possam ser contadas e, assim, contribuir para a construção de um conhecimento que realmente faça a diferença na vida das adolescentes grávidas e suas famílias.

A seleção dos participantes da pesquisa é um aspecto crucial que garantirá a riqueza e a diversidade das informações coletadas. Para esta investigação, optamos por uma amostra reflexa das diferentes realidades e experiências que cercam a gravidez na adolescência.

Vale enfatizar que a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), sendo aprovada por meio do Número do Parecer: 7.289.602/2024, seguiu os princípios éticos preceituados pelo Conselho Nacional de Saúde, de acordo com a resolução CNS 466/2012. A participação da pesquisa é exclusivamente mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), entregue aos participantes em duas vias assinadas pelo pesquisador responsável e pelo entrevistado.

Conforme estabelecimento das normas do Comitê de Ética, alguns critérios, descritos no quadro a seguir, foram considerados, com atenção aos possíveis riscos.

Quadro 2 – Quadro de riscos na realização da pesquisa

Riscos	Precauções	Caso a Precaução Falhe
Cansaço Ou Desconforto	Pausas no transcorrer das entrevistas. O atendimento em ambiente privado disponibilizado dependendo de cada instituição.	O participante poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, caso não se sinta a vontade
Constrangimento	Coleta de informações individualmente.	As entrevistas serão realizadas individualmente, somente o avaliador e o avaliado.
Quebra de sigilo e vazamento dos dados	As informações serão armazenadas no computador por Letras maiúsculas relacionadas aos nomes dos pesquisados com identificação e protegidos por senha.	Se as informações vazarem não haverá possibilidade de identificação pessoal do participante.

Fonte: A pesquisadora.

Seguindo esses critérios, os participantes foram cuidadosamente selecionados, com delimitação de dois grupos para realização da pesquisa. Para as mulheres que tiveram gravidez na adolescência, buscamos garantir a inclusão de jovens de dois diferentes contextos socioeconômicos e culturais onde as escolas estão inseridas. A diversidade contextual nas experiências vividas é fundamental para capturar a complexidade da gravidez na adolescência.

O primeiro grupo, composto com participantes que foram recrutadas por meio de convites em comunidades locais, da cidade de Palmas, definindo marco temporal nas idades de 14 a 17 anos, tendo como território duas unidades escolares, o Centro de Ensino Médio de Taquaralto e Colégio Estadual Dom Alano Du Noday, assegurando que jovens de diferentes origens tenham a oportunidade de compartilhar suas histórias.

O segundo grupo, composto por mulheres idosas, acadêmicas da UMA/UFT, que tiveram gravidez precoce.

O tipo de pesquisa escolhido, nesse sentido, foi a descritiva exploratória com abordagem qualitativa e enfoque fenomenológico. Conforme quadro detalhado explicitado neste título e subtítulos.

Quadro 3 – Caracterização Metodológica da Pesquisa

Caracterização da Pesquisa	
Tipo de pesquisa	Descritiva e exploratória
Abordagem	Qualitativa
Forma	Estudo de Caso
Participantes	Estudantes mulheres da rede estadual de ensino de Palmas Acadêmicas da Universidade da Maturidade – UMA/UFT
Instituições	Secretaria de Educação Estadual (Colégio Estadual Dom Alano Du Noday e Centro de Ensino Médio Taquaralto) Universidade da Maturidade – UMA/UFT
Instrumentos de coleta	-Diário de Campo -Entrevistas semiestruturadas
Análises das Informações	Apresentar a constatação que a análise do fenômeno visual, auditivo e observações, relatar a transcrição do pensamento dos entrevistados colaborar com a escuta sensível registrar fidedignamente. Na análise de conteúdo, conforme estudo de Bardin: 1) Pré-análise, 2) Exploração do material e 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Fonte: A pesquisadora.

2.1 A revisão bibliográfica e documental do fenômeno da gravidez na adolescência

A revisão biográfica considera-se um suporte fundante para o desencadear da pesquisa e análise dos resultados. Como afirma Fonseca, (2002, p.32),

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

A pesquisa feita por revisão literal, segundo Moita; Andrade (2007, p.430), “apresenta uma temática mais aberta, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção; a busca das fontes não é pré-determinada e específica”.

Para Rother (2007), os trabalhos de revisão de literatura constituem formas de pesquisa que buscam informações bibliográficas ou eletrônicas para obtenção de resultados de outros autores, como fundamentação teórica de um determinado tema ou objetivo, permitindo a aquisição e atualização de conhecimento sobre uma temática específica, cujos resultados são considerados qualitativos e não quantitativos.

Historicamente, a gravidez na adolescência tem sido uma constante em diversas culturas ao redor do mundo. No Brasil, por exemplo, as taxas de gravidez entre adolescentes têm apresentado oscilações ao longo das décadas, refletindo mudanças nas normas sociais e nas políticas públicas.

Durante as décadas de 60 e 70, a gravidez na adolescência era frequentemente vista como um evento natural, muitas vezes celebrado dentro do contexto familiar. No entanto, com o avanço da educação sexual e a maior conscientização sobre os direitos reprodutivos, essa percepção começou a mudar, gerando um aumento da discussão sobre as implicações e os desafios que a gravidez na adolescência traz.

Figura 1 – Percentagem de nascidos vivos de mães adolescentes no Brasil - 2010/2020

Idade da Mãe	
2010	Menor de 10 anos 0
	10 a 14 anos 27.049
	15 a 19 anos 525.581
2011	Menor de 10 anos 1
	10 a 14 anos 27.785
	15 a 19 anos 533.103
2012	Menor de 10 anos 2
	10 a 14 anos 28.236
	15 a 19 anos 531.909
2013	Menor de 10 anos 0
	10 a 14 anos 27.989
	15 a 19 anos 532.002
2014	Menor de 10 anos 1
	10 a 14 anos 28.244
	15 a 19 anos 534.364
2015	Menor de 10 anos 1
	10 a 14 anos 26.700
	15 a 19 anos 520.864
2016	Menor de 10 anos 4
	10 a 14 anos 24.135
	15 a 19 anos 477.246
2017	Menor de 10 anos 0
	10 a 14 anos 22.146
	15 a 19 anos 458.777
2018	Menor de 10 anos 0
	10 a 14 anos 21.172
	15 a 19 anos 434.956
2019	Menor de 10 anos 3
	10 a 14 anos 19.330
	15 a 19 anos 399.922
2020	Menor de 10 anos 2
	10 a 14 anos 17.526
	15 a 19 anos 363.252

Fonte: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/fevereiro/casos-de-gravidez-na-adolescencia-diminuiram-em-media-18-desde-2019>.

Carreno (2016) afirma que a gravidez na adolescência se constitui como uma realidade que não pode ser ignorada, por possuir fortes implicações morais, físicas, emocionais e psicossociais.

A identificação de suas causas e efeitos traz os “nós críticos” necessários para impactar e compreender. Para a autora, esses "nós críticos" incluem questões como o acesso à educação, a falta de preparo emocional e social da jovem para lidar com as responsabilidades da maternidade precoce, o impacto da gravidez na continuidade de seus estudos e projetos de vida, além das questões familiares, sociais e econômicas que frequentemente acompanham esse evento.

A gravidez na adolescência, portanto, não é um evento isolado, mas sim um fenômeno que revela e acentua desigualdades e vulnerabilidades em diferentes níveis. Esse cenário se configura como um período do desenvolvimento no qual certas expectativas sociais recaem sobre os indivíduos, moldando o que se entende por ser adolescente. Esse processo é fruto da conjugação de transformações biológicas, cognitivas, emocionais e sociais pelas quais as pessoas passam.

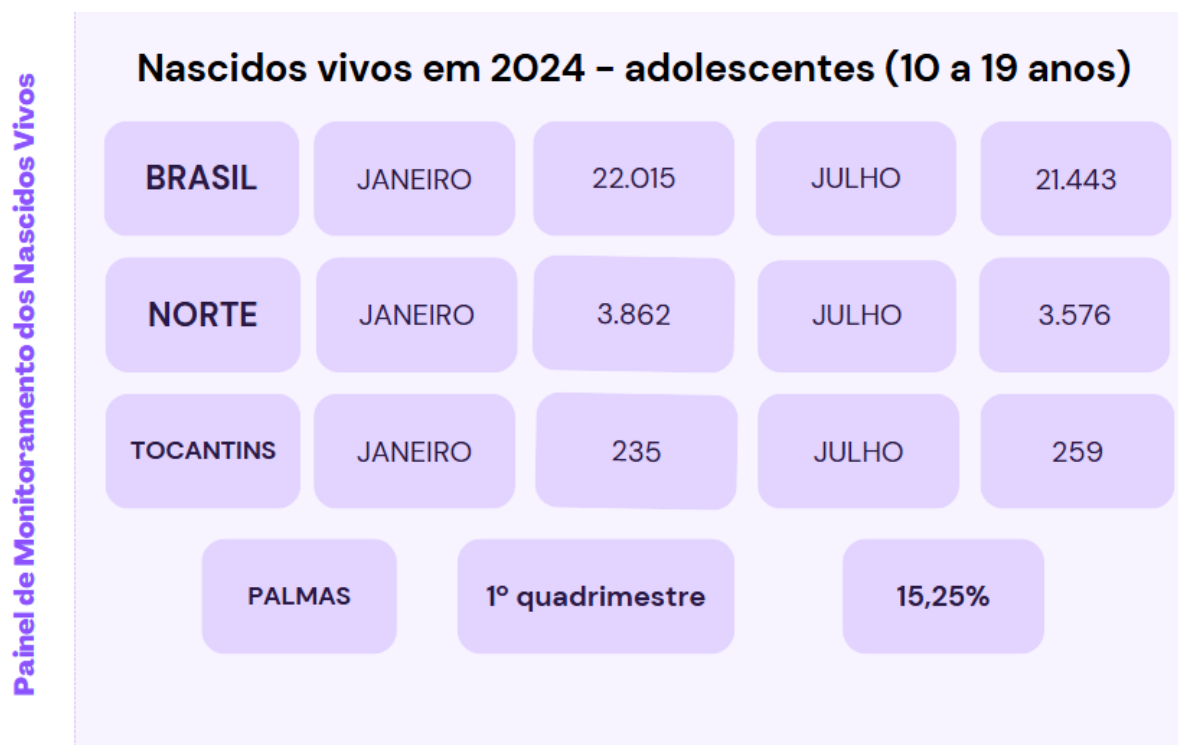
Sendo a gravidez na adolescência, antes de tudo, um fenômeno social, os contornos da adolescência não podem ser definidos em termos absolutos, uma vez que tal definição depende do lugar que a sociedade atribui ao adolescente em um dado momento histórico (Dias; Teixeira, 2004).

No estudo em questão, delineamos dois momentos históricos diferentes com contextualização comum da gravidez na adolescência. De um lado analisa estudantes de duas escolas da rede pública estadual do Tocantins que passam ou passaram por gravidez na adolescência e de outro, mulheres idosas acadêmicas da Universidade da Maturidade, polo Palmas Tocantins, que vivenciaram a gravidez precoce na época em que ocorreu.

A gravidez na adolescência não é um fenômeno novo no cenário brasileiro. Acompanhando uma tendência internacional, ela assume, sobretudo nas últimas décadas, o estatuto de problema social, para o qual converge a atenção dos poderes públicos, de organismos internacionais e da sociedade civil.

Até aproximadamente meados do século XX, a gestação na adolescência não era considerada uma questão de saúde pública, não recebia a atenção de pesquisadores como recebe na contemporaneidade. No Brasil, esse fenômeno tornou-se mais visível com o aumento da proporção de nascimentos de mães menores de 20 anos, observado ao longo da década 1990, quando os percentuais passaram de 16,38% em 1991 para 21,34% em 2000 (IBGE, 2002).

Figura 2 – Painel de referências de nascidos vivos adolescentes de 10 a 19



Fontes Adaptado: <https://www.to.gov.br/saude/rag-relatorio-anual-de-gestao/2xb5qsvt5cgk>
<http://plataforma.saude.gov.br/natalidade/nascidos-vivos/>

No primeiro quadrimestre de 2024, a proporção de nascidos vivos de mães adolescentes, com idades entre 10 e 19 anos, foi de 15,25%. No ano anterior, o Estado alcançou o percentual de 15,74%. Esse indicador aponta para uma tendência negativa, e sua redução constitui uma das prioridades da área técnica.

A estratégia para isso envolve a promoção de espaços de discussão e o aprimoramento das redes de atenção, com ênfase no cuidado integral às pessoas, levando em consideração as questões de gênero e as populações em situação de vulnerabilidade social, tanto na atenção básica quanto nas redes temáticas e de atenção (Secretaria de Estado da Saúde do Tocantins, 2024).

A gravidez na adolescência é um tema que ressoa profundamente na sociedade, trazendo à tona questões que vão além do simples ato de gerar uma vida. É um fenômeno social que se entrelaça com as dinâmicas familiares, as expectativas culturais e as realidades econômicas. É fundamental entender a relevância social da gravidez na adolescência, que não apenas impacta a vida das jovens mães, mas também reverbera nas relações familiares, especialmente entre avós e netas.

É essencial, investigar as dinâmicas familiares que emergem nesse contexto. Os avós, figuras muitas vezes centrais nas estruturas familiares, desempenham um papel crucial no

apoio às adolescentes grávidas. Eles podem oferecer não apenas suporte emocional, mas também uma rede de proteção que ajuda a mitigar os desafios enfrentados por essas jovens. A presença dos avós pode ser um fator decisivo para a construção de um ambiente acolhedor e seguro, onde a adolescente se sinta apoiada em sua nova realidade.

Através de uma análise cuidadosa, esperamos lançar luz sobre um tema que, embora muitas vezes cercado de estigmas e preconceitos, é fundamental para a construção novas perspectivas sociais de vida.

O fenômeno social da gravidez na adolescência não é apenas um evento biológico, é um fenômeno que carrega significados profundos e variados, moldados por contextos biológicos, históricos e culturais. Para compreendê-lo, é necessário olhar para as transformações sociais ocorridas ao longo dos anos, que influenciaram não só a percepção da gravidez, mas também as políticas públicas que a cercam.

Nas décadas de 1960 e 1970, a gravidez na adolescência era frequentemente vista como parte do ciclo natural da vida. Em muitas comunidades, essa experiência era celebrada, e as jovens mães eram cercadas por um suporte familiar que incluía não apenas os pais, mas também avós, tios e primos.

As tradições culturais, muitas vezes reforçavam a ideia de que a maternidade precoce era uma passagem, um rito de iniciação que conferia status à mulher jovem. Contudo, com urbanização da sociedade, as mulheres passaram a ter acesso à educação e ao mercado de trabalho, essa visão começou a se transformar. A partir da década de 1980, com o surgimento de movimentos feministas e a luta por direitos reprodutivos, a gravidez na adolescência passou a ser vista sob uma nova perspectiva.

A educação sexual começou a ser incorporada nas escolas, e a discussão sobre contracepção e prevenção ganhou espaço, refletindo mudanças nas expectativas sociais (Louros, 1997 38p.). As políticas públicas começaram a reconhecer a necessidade de apoiar adolescentes, não apenas com informações sobre saúde reprodutiva, mas também com programas que abordassem as consequências sociais e econômicas da gravidez na juventude.

No entanto, ainda existem lacunas significativas nas políticas de apoio, especialmente em regiões vulneráveis, como Palmas, Tocantins, capital jovem em efervescência de crescimento populacional.

As percepções sobre a gravidez na adolescência variam amplamente entre diferentes culturas e classes sociais. Em algumas comunidades, a gravidez precoce pode ser vista como uma bênção, enquanto em outras é cercada de estigmas e preconceitos. Essa dualidade é particularmente evidente nas representações da gravidez na mídia e na literatura. Muitas

vezes, as narrativas sobre adolescentes grávidas são carregadas de estigmas, retratando-as como vítimas de suas circunstâncias, sem considerar as complexidades de suas vidas e as redes de apoio que podem existir.

Os avós, nesse contexto, emergem como figuras fundamentais. Historicamente, eles têm sido os guardiões da sabedoria familiar e da tradição, oferta de suporte emocional e prático. Em muitos casos, são eles que assumem a responsabilidade de cuidar dos netos, o que permite que as adolescentes continuem com seus estudos ou buscar oportunidades de trabalho. A presença dos avós pode suavizar o impacto da gravidez na adolescência, criando um espaço onde a jovem mãe se sinta valorizada e apoiada, em vez de isolada e envergonhada (Falcão; Salomão (2003).

A importância de entender essas dinâmicas familiares é fundamental para a construção de políticas públicas mais eficazes. Ao considerar a perspectiva dos avós, podemos desenvolver intervenções que não apenas ajudem as adolescentes, mas também fortaleçam os laços intergeracionais. A pesquisa em Palmas, Tocantins, busca captar essas nuances e explorar como as tradições locais e as experiências pessoais moldam a vivência da gravidez na adolescência.

Frequentemente tratada com estigmas e preconceitos, a gravidez na adolescência, é um tema que merece uma análise cuidadosa e sensível, especialmente nas representações que emergem na mídia e na literatura. Essas representações moldam a percepção pública e, muitas vezes, contribuem para a construção de narrativas que desumanizam as adolescentes grávidas, reduzindo suas experiências a meras estatísticas ou a histórias trágicas. É importante, portanto, explorar como essas narrativas são construídas e o impacto que têm na vida dessas jovens.

Na literatura, as protagonistas adolescentes grávidas frequentemente são retratadas como vítimas de suas circunstâncias. Histórias que deveriam celebrar a complexidade da maternidade precoce muitas vezes se transformam em narrativas de desespero, enfatizando os desafios e as dificuldades sem oferecer uma visão equilibrada das alegrias e conquistas que também podem surgir dessa experiência. Essa visão unilateral não apenas perpetua estigmas, mas também ignora o papel ativo que essas jovens desempenham em suas vidas e na criação de seus filhos.

Além disso, a mídia frequentemente destaca as histórias de adolescentes que enfrentam a gravidez de forma solitária, sem o apoio da família, o que pode distorcer a realidade de muitas jovens que, ao contrário, contam com redes de apoio robustas, principalmente de avós e outros familiares. Essa falta de representação justa pode levar a uma

percepção errônea de que a gravidez na adolescência é sempre um fardo, quando, na verdade, muitas vezes, representa uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento pessoal.

A religião também desempenha um papel significativo nas percepções sobre a gravidez na adolescência. Em muitas comunidades, as doutrinas religiosas influenciam como a gravidez é vista. Para algumas, a gestação é considerada uma bênção; enquanto para outras, pode ser um motivo de vergonha e condenação. As práticas religiosas, portanto, moldam não apenas as crenças individuais, mas também as normas sociais que cercam a maternidade precoce, segundo Pereira e Viera, (2021).

É essencial entender como essas influências religiosas podem oferecer tanto um suporte valioso quanto um peso adicional para as adolescentes grávidas. Para Pereira e Viera, (2021), o debate sobre educação sexual começa a ganhar espaço, com amplo apoio da maioria da população, quando também diversas organizações políticas e religiosas

Práticas culturais específicas também podem afetar a aceitação ou rejeição da gravidez na adolescência. Em algumas culturas, é comum que as jovens sejam celebradas por se tornarem mães, enquanto em outras, a gravidez precoce é vista como um desvio das expectativas sociais. Essa dualidade cultural é um fator determinante na experiência da gravidez na adolescência e pode influenciar diretamente a forma como as jovens se percebem e como são percebidas por suas comunidades.

Segundo Afonso (2009), à medida que são explorados esses aspectos culturais, torna-se evidente que a gravidez na adolescência não pode ser compreendida isoladamente. É um fenômeno que está profundamente enraizado nas complexas interações entre normas sociais, crenças religiosas e dinâmicas familiares. A presença dos avós, por exemplo, pode ser um fator crucial que altera a narrativa, oferecendo suporte emocional e prático que pode transformar a experiência da gravidez.

Ao refletir sobre a gravidez na adolescência, é vital adotar uma abordagem que valorize as vozes das jovens mães e reconheça a diversidade de experiências que elas vivenciaram. Através de uma análise crítica das representações culturais e sociais, é possível trabalhar para acabar com os estigmas que cercam a gravidez na adolescência e promover uma compreensão mais empática e inclusiva, que não apenas apoie as adolescentes, mas também celebre suas histórias e suas lutas.

Schmidt, (2007), faz inferências sobre a intergeracionalidade, especialmente a relação com os avós, é considerada aqui como uma ponte poderosa para a construção de narrativas mais positivas e encorajadoras, transformando desafios em oportunidades de crescimento e conexão familiar.

A conexão entre a gravidez na adolescência e as particularidades culturais de Palmas, Tocantins, é um aspecto que merece atenção especial. Ao adentrar nesse contexto, é possível perceber como as tradições locais, as crenças e as práticas sociais influenciam a forma como a gravidez precoce é vivenciada e percebida. Palmas, uma cidade que se destaca por sua diversidade cultural e pela presença de diferentes grupos sociais, oferece um cenário rico para a análise das dinâmicas familiares em situações de gravidez na adolescência.

Em Palmas, as relações familiares são frequentemente moldadas por um forte senso de comunidade. A presença dos avós é uma constante nas narrativas das adolescentes grávidas. Eles não apenas oferecem suporte emocional, mas também se tornam pilares de estabilidade em meio a um momento que pode ser desafiador e repleto de incertezas. A estrutura familiar em Palmas, muitas vezes, caracteriza-se por laços intergeracionais que se entrelaçam, criando uma rede de apoio que é essencial para as jovens mães. Ramos,

As entrevistas semiestruturadas realizadas na pesquisa revelam histórias tocantes de avós que assumem um papel ativo no amparo às netas adolescentes em processo de gravidez e pós-parto. Muitas vezes, são eles que cuidam das crianças enquanto as mães buscam concluir seus estudos ou iniciar uma carreira. Essa dinâmica não apenas alivia a pressão sobre as adolescentes, mas também fortalece os laços familiares, promovendo um ambiente em que o amor e o suporte se tornam bases para o crescimento e desenvolvimento das crianças.

Outro ponto relevante é a influência das práticas culturais e religiosas na aceitação da gravidez na adolescência. Em algumas comunidades de Palmas, a gravidez precoce é vista como uma bênção, uma continuidade da vida familiar que deve ser celebrada. Essa perspectiva contrasta com o estigma que, muitas vezes, permeia o tema em outras regiões, onde a gravidez na adolescência é frequentemente associada a falhas pessoais e sociais. Assim, entendemos que a forma como a cultura local celebra a maternidade pode proporcionar um espaço de acolhimento e compreensão, permitindo que as jovens mães se sintam valorizadas e apoiadas em suas escolhas.

Além disso, a educação desempenha um papel fundamental nesse contexto. As escolas em Palmas têm buscado implementar programas de educação sexual que abordam não apenas a prevenção da gravidez, mas também o suporte às jovens mães. É importante criar um ambiente acolhedor nas escolas, onde as adolescentes possam se sentir seguras para compartilhar suas experiências e buscar ajuda. Essa abordagem proativa é essencial para quebrar o ciclo de estigmas e preconceitos que cercam a gravidez na adolescência.

À medida que há exploração dessas dinâmicas, fica evidente a necessidade de políticas públicas que reconheçam e valorizem o papel dos avós e das redes de apoio nas vidas das

adolescentes grávidas. A criação de programas que promovam a interação intergeracional pode ser uma estratégia eficaz para fortalecer as relações familiares e oferecer suporte emocional e prático às jovens mães. O envolvimento dos avós nas políticas de saúde e educação pode garantir que suas vozes e experiências sejam ouvidas e respeitadas.

Concluindo esta seção, é fundamental ressaltar que a gravidez na adolescência, quando vista através da lente das relações intergeracionais, pode se transformar em uma oportunidade de fortalecimento familiar. A presença dos avós, a aceitação cultural e o suporte educacional são elementos que, juntos, podem criar um ambiente em que as jovens mães se sintam empoderadas e apoiadas. Essa visão mais ampla não apenas desafia os estigmas sociais, mas também promove uma compreensão mais profunda das complexidades que envolvem a gravidez na adolescência, destacando a importância de um olhar intergeracional que valorize as experiências e os laços familiares.

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa com enfoque fenomenológico para investigar como a gravidez na adolescência. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa busca compreender as experiências, percepções e significados atribuídos pelos sujeitos em contextos naturais, sem a preocupação direta com a quantificação dos dados.

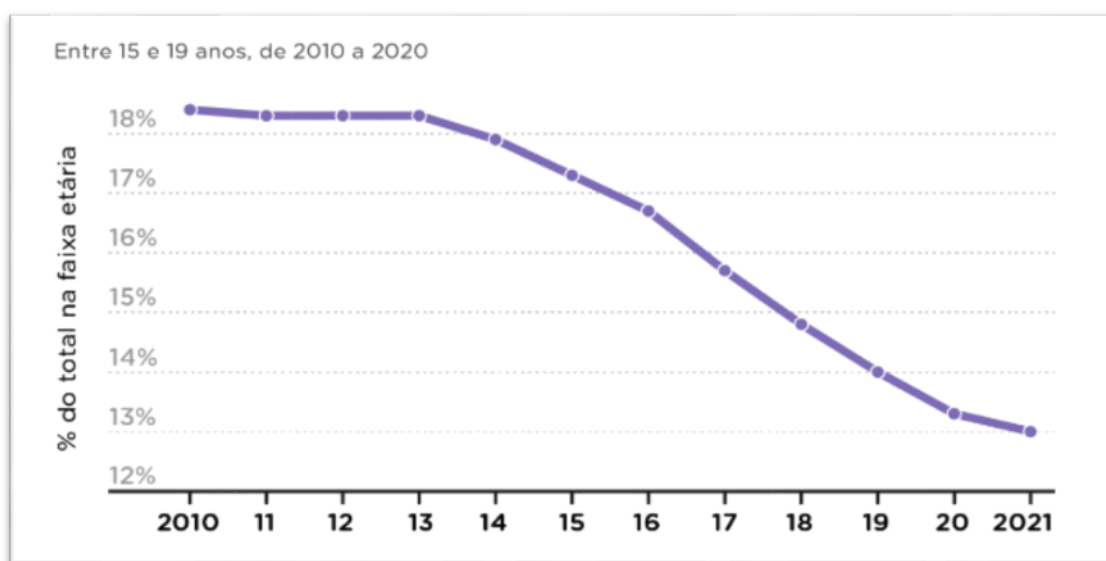
Esse método é amplamente utilizado em estudos que envolvem fenômenos subjetivos e complexos, como a gravidez na adolescência, pois permite explorar e interpretar realidades sociais, culturais e individuais. Segundo Denzin e Lincoln (2005), a pesquisa qualitativa se concentra em interpretar as vivências dos sujeitos, permitindo uma análise detalhada dos contextos em que esses fenômenos ocorrem.

Concluindo esta seção, é fundamental ressaltar que a gravidez na adolescência, quando vista através da lente das relações intergeracionais, pode se transformar em uma oportunidade de fortalecimento familiar. A presença dos avós, a aceitação cultural e o suporte educacional são elementos que, juntos, podem criar um ambiente em que as jovens mães se sintam empoderadas e apoiadas. Essa visão mais ampla não apenas desafia os estigmas sociais, mas também promove uma compreensão mais profunda das complexidades que envolvem a gravidez na adolescência, destacando a importância de um olhar intergeracional que valorize as experiências e os laços familiares.

2.1.1 Demonstrativo estatístico da gravidez na adolescência no Brasil: o desafio de quebrar o ciclo da pobreza intergeracional

A gravidez na adolescência é um problema de saúde pública no Brasil, com impactos médicos, psicossociais e econômicos. Entre 2010 e 2021, houve uma redução de 5 pontos percentuais na taxa de mães adolescentes (15-19 anos), mas o país ainda apresenta uma das maiores prevalências na América Latina (14%), ficando atrás de Paraguai (15%) e Equador e Colômbia (18%) (Sisnac, 2021).

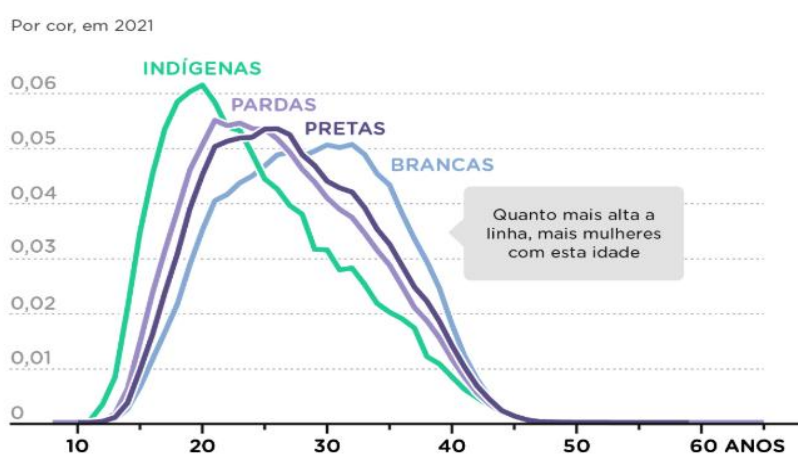
Gráfico 1 - Prevalência de mães adolescentes no Brasil



Fonte: Sinasc (Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos), do Ministério da Saúde (2021).

Os dados do Sinasc de 2021 mostram que 73% das mães adolescentes são negras, evidenciando desigualdades raciais. A gravidez precoce é mais comum entre indígenas e nas regiões Norte (19,9%) e Nordeste (15,6%), enquanto o Sul apresenta a menor taxa (9,7%).

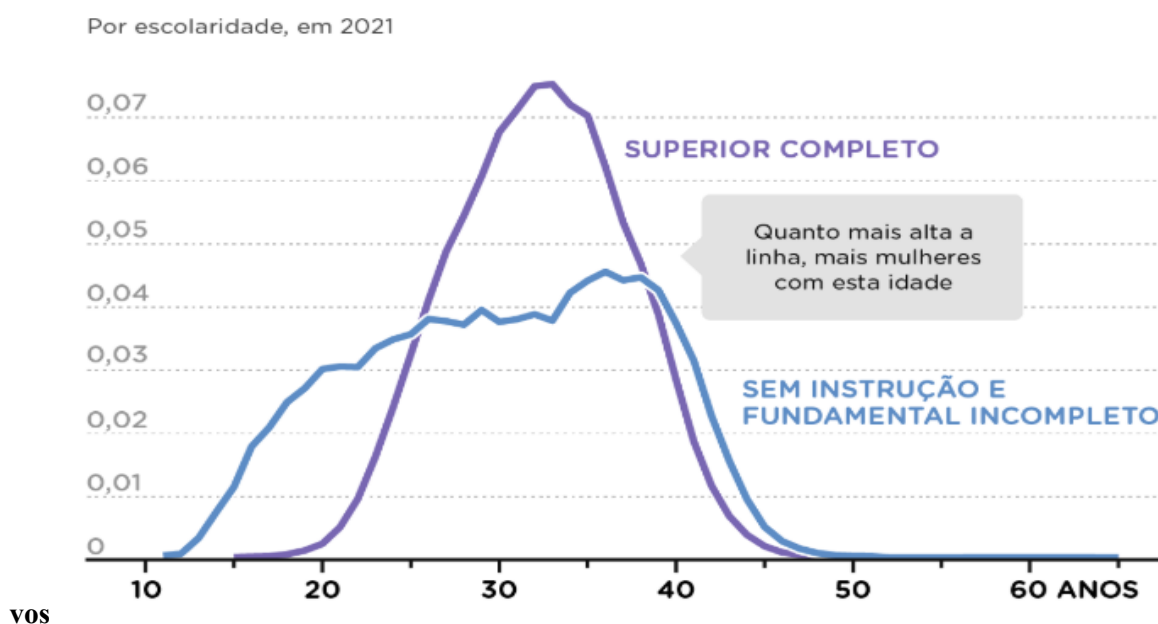
Gráfico 2- Distribuição das idades da mãe dos nascidos vivos



Fonte: Sinasc (Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos), do Ministério da Saúde.

Fatores como falta de acesso à informação e serviços de saúde, baixa escolaridade, raça, classe econômica, início precoce da vida sexual e uso inadequado de contraceptivos contribuem para o problema. A gravidez precoce aumenta os riscos de complicações para mãe e bebê e tem alta reincidência, agravando conflitos familiares e dificultando o acompanhamento pré-natal devido a preconceitos no SUS.

Gráfico 3 - Distribuição da maternidade por idade e grau de instrução



Fonte: Sinasc (Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos), do Ministério da Saúde.

Além disso, a maternidade precoce afeta a continuidade dos estudos e perpetua o ciclo de pobreza, com 14% das adolescentes deixando de estudar por conta da gravidez. Ainda vale mencionar que filhos de mães adolescentes têm maior chance de repetir esse padrão.

A educação sexual nas escolas, promovida por programas como o PSE, e o acesso facilitado a métodos contraceptivos são fundamentais para prevenir a gravidez precoce. Abordagens integradas que envolvam educação, apoio emocional e orientação são essenciais para promover a autonomia e o bem-estar das adolescentes. A dinâmica familiar é essencial ser considerada frente ao fenômeno multifacetado da gravidez precoce, independente do espaço, contexto socioeconômico-cultural e tempo do fato ocorrido.

2.1.2 Avós e netos na dinâmica familiar

A figura dos avós transcende o papel tradicional de membros mais velhos da família, desempenhando funções que vão desde o cuidado emocional até o apoio prático no cotidiano,

especialmente em um contexto marcado por transformações socioeconômicas e mudanças nos arranjos familiares, nos quais há implicação dos avós na educação dos netos: por exemplo é cada vez mais frequente que os avós assumam tarefas como levar os netos ao infantário ou à escola, de acordo com (Sousa, 2005, p.41), tem-se o primeiro espaço intergeracional, no qual desenvolvem-se ligações afetivas, mantendo, o amor, como principal vínculo.

Na dinâmica familiar contemporânea, os avós frequentemente assumem múltiplos papéis: são conselheiros, cuidadores, transmissores de valores culturais e, em muitos casos, protagonistas na criação dos netos. Esse envolvimento pode ocorrer por diversas razões, como a necessidade de os pais trabalharem fora, a continuidade dos estudos, questões de saúde ou mesmo a ausência e/ou negligência de um dos genitores. No contexto desta pesquisa, que aborda mães adolescentes, a imaturidade e a incapacidade de assumir sozinhas a parentalidade são fatores determinantes.

Segundo Sousa (2005), há uma grande variabilidade na forma como esse papel é exercido, desde a completa ausência até a substituição mais ou menos explícita dos pais ausentes. Para Teixeira e Rabelo (2021), a convivência entre avós e netos também pode ser influenciada por fatores como a coabitação com filhas solteiras, gestações na infância e adolescência, separação ou divórcio dos filhos, viuvez de um dos avós, desemprego e a imaturidade dos pais

Coelho, Osório e Neto (2023), exemplifiquem que os netos são a continuidade da vida dos avós e representam o elo de amor materno e paterno. Por isso, a avosidade é singular, tracejada no convívio com outras gerações. Além disso, o papel dos avós como "elo entre gerações" possibilita a preservação da memória familiar e cultural, o sentimento de um senso de continuidade e pertencimento aos netos, algo extraordinário para os seres humanos.

Do ponto de vista emocional, a relação entre avós e netos é marcada por uma troca genuína de afeto e aprendizado mútuo, não é apenas a criança que agrega a sua vida aprendizados novos, ao que percebemos, os avós são automaticamente transformados, a educação dedicada aos filhos é totalmente diferente da dedicada aos netos. Sequeira (2015, p.15) descreve que os laços entre a maternidade e paternidade são estendidos, “tendo assim os avós “um papel imprescindível na vida dos netos e das famílias, pois funcionam como mediadores entre o passado, o presente e o futuro”. Do ponto de vista físico, há um rejuvenescimento por parte dos avós. Perspectiva em que a interação intergeracional é nomeada por Sequeira como:

Relacionando-se estas perspectivas de envelhecimento ativo com as relações intergeracionais, nomeadamente entre avós e netos, pois muitos netos contribuem para que os avós se mantenham ativos e muitos avós querem participar ativamente na educação dos seus netos pelo mesmo motivo (Sequeira, 2015, p.14).

Os avós, ao compartilharem suas experiências de vida, fornecem aos netos referências importantes para a construção de sua própria identidade, tudo com muito amor e zelo. Por outro lado, os netos trazem aos avós vitalidade, alegria e uma perspectiva renovada de mundo, o que pode contribuir significativamente para a qualidade de vida dos avós. Para Lacerda, (2020, p. 21), “o tornar-se avós constitui-se como uma transição sistêmica que modifica os relacionamentos, é uma nova condição que auxilia no desejo de continuar a viver”.

No entanto, é preciso reconhecer que essa relação também exige equilíbrio, pois nem sempre os avós estão preparados para assumir tal função. Em alguns casos, há uma sobrecarga de responsabilidades impostas aos avós, como o cuidado integral dos netos, o que pode impactar negativamente a saúde física e emocional dessa geração, que biologicamente já não possui o mesmo vigor físico dos pais. Nesse sentido, estudos indicam que cuidar de familiares pode representar uma grande sobrecarga emocional, física e financeira, afetando a qualidade de vida dos cuidadores, como afirma (Ferreira; Pereira 2024).

A relação entre avós e netos deve ser compreendida como uma parceria valiosa, construída com base no afeto, no respeito e na cooperação. Segundo Deus e Dias (2016), os avós desempenham um papel fundamental no suporte emocional, oferecendo carinho e afeto tanto para seus filhos quanto para os netos. Os autores afirmam que atualmente, observa-se que os pais, em função das suas atividades cotidianas, têm cada vez menos tempo para se dedicarem aos filhos, com isso, os avós das crianças efetivamente passam a ser importantes fontes de apoio.

Essa interação intergeracional, quando equilibrada, promove benefícios significativos para as crianças, proporcionando um ambiente de amor incondicional e aprendizado constante. Há transmissão de valores, como o respeito pelo outro, o amor, a importância da família, esses são alguns dos valores fundamentais transmitidos pelos avós, mitigados por (Sequeira 2018). Além disso, a presença ativa dos avós na vida dos netos contribui para a manutenção de uma vida ativa e saudável para os próprios avós, fortalecendo os laços familiares e promovendo o bem-estar de todos os envolvidos.

É mister que os laços entre avós e netos representam um pilar fundamental para a dinâmica familiar. A convivência saudável entre as gerações contribui para a formação de indivíduos mais afetivos, resilientes e conectados com suas raízes, reforçando a importância da família como um sistema de apoio e cuidado mútuo. É comum notar a expressão de

sentimentos nos olhares de amor e carinho entre as partes envolvidas. Como afirma Ramos (2005, p.196), “a família exerce um papel fundamental na transmissão de valores, solidariedade e vínculos que atravessam gerações, promovendo conexões familiares, sociais e intergeracionais”.

Atribuímos, aqui, o milagre da criação ao amor, um sentimento mais desprendido de interesse, é dadaiva, entrega, é um sentimento singular, marcado por uma combinação única de afeto, sabedoria e acolhimento. Diferente do amor parental, frequentemente associado a responsabilidades e desafios cotidianos, o amor dos avós tende a ser mais leve e descomplicado, permeado por uma doçura que aquece o coração e fortalece os laços familiares.

Para os avós, os netos, representam uma nova oportunidade de vivenciar a infância por outro ângulo, sem a rigidez que, por vezes, acompanharam sua própria experiência de paternidade ou maternidade. Oliveira (2011) considera que as avós, por estarem próximas de suas filhas, conseqüentemente, as que mais apoiam nas necessidades cotidianas. Esse amor educa com paciência, orienta com cuidado e se traduz em gestos simples, como um abraço apertado, uma história contada antes de dormir ou um prato favorito preparado com carinho, sem falar nas delícias preparadas pelas vovós, que se tornam partes do que somos. Para Silva e Correa (2014), ao ouvir uma história contada, a criança ganha recursos para formar uma conscientização sobre si mesma (Silva; Correa, 2014 p. 126).

Além disso, o amor dos avós é um elo entre gerações. Por meio dele, os netos têm acesso a valores, tradições e memórias que enriquecem suas vidas e fortalecem suas identidades. Os avós são, muitas vezes, guardiões das histórias familiares, das receitas antigas e dos ensinamentos passados de geração em geração, sendo verdadeiros pilares que mantêm viva a cultura e o afeto no núcleo familiar. Para, (Castro 2023, p.8), “nasce uma criança e nasce também uma mãe, um pai, uma irmã, um irmão, uma tia, um tio, um vovô e nasce uma vovó.”

2.1.3 Desafios enfrentados pelos avós no contexto familiar

Os desafios enfrentados pelos avós no cuidado dos netos têm sido amplamente discutidos na literatura, especialmente em contextos que envolvem gravidez na adolescência. Segundo Falcão e Salomão (2005, p.57), os avós frequentemente assumem um papel essencial na criação dos netos, sobretudo em situações em que os pais, devido à imaturidade ou condições financeiras precárias, não conseguem exercer plenamente suas responsabilidades

parentais. A ligação afetiva entre avós e netos, embora seja um fator positivo, muitas vezes mascaram o desgaste emocional, social e financeiro que pode ocorrer nessa relação.

De acordo com Deus; Dias (2016, p.61), a gravidez na adolescência gera um impacto significativo no sistema familiar, pois "os pais da adolescente - muitas vezes, os avós da criança - precisam reorganizar suas vidas para suprir as necessidades básicas da criança e da mãe adolescente". Além disso, o suporte financeiro e emocional que se espera dos avós pode gerar tensões no ambiente familiar, principalmente quando há desequilíbrios nos papéis desempenhados pelos membros da família.

A legislação brasileira reconhece a importância do papel dos avós na criação dos netos, mas também destaca que a responsabilidade primária recai sobre os pais biológicos. Contudo, devido à dependência da adolescente em relação aos seus pais, os avós podem ser acionados para cumprirem tal obrigação, de acordo com os artigos 1.696 e 1.69 do Código Civil de 2002 (Brasil, 2002). Além disso, a imaturidade e falta de experiência da jovem mãe frequentemente fazem com que os avós assumam funções parentais, ampliando os desafios enfrentados.

Como afirmam Pinto *et al.* (2008, p. 37), "os aspectos emocionais, financeiros e de relacionamento estão entre os maiores desafios enfrentados pelos avós cuidadores, sendo esses agravados em contextos de vulnerabilidade social ou de instabilidade familiar". Nesse sentido, é essencial que políticas públicas e iniciativas comunitárias ofereçam suporte tanto para as mães adolescentes quanto para os avós, de modo a minimizar os impactos negativos dessas situações para todos os envolvidos.

Os avós frequentemente enfrentam sentimentos complexos, como culpa, preocupação e sobrecarga emocional, ao lidar com a gravidez de uma filha adolescente. Conforme apontam Falcão e Salomão (2005, p.38), a notícia de uma gravidez na adolescência é, na maioria das vezes, recebida como um evento inesperado, gerando preocupações quanto ao futuro da família, ao bem-estar da jovem mãe e ao desenvolvimento do bebê. Esses sentimentos são ampliados pela necessidade de adaptação a uma nova dinâmica familiar, que pode incluir o replanejamento de objetivos e rotinas.

De acordo com (Vitale 2008, p.43), os avós frequentemente precisam conciliar o papel de cuidadores com seus próprios desafios emocionais e pessoais. A sobrecarga emocional é intensificada pela renúncia a projetos individuais, como sonhos profissionais ou planos de aposentadoria tranquila, que são adiados ou abandonados em função das novas responsabilidades.

Além disso, Deus e Dias (2016) ressaltam que, enquanto os avós assumem papéis parentais adicionais, podem surgir conflitos internos relacionados ao sentimento de responsabilidade pela gravidez da adolescente. Esse conflito emocional pode ser acompanhado por uma sensação de fracasso na educação dos filhos, bem como pela preocupação com o impacto da nova dinâmica na estabilidade familiar.

Os desafios financeiros enfrentados pelos avós que assumem a responsabilidade de cuidar de netos, especialmente em casos de gravidez na adolescência, são amplamente reconhecidos na literatura acadêmica. Estudos indicam que o suporte financeiro à adolescente e ao bebê frequentemente recai sobre os avós, resultando em um impacto significativo no orçamento familiar.

De acordo com Mainetti e Wanderbroocke (2013, p.91), os avós, muitas vezes, assumem o cuidado dos netos em situações nas quais os pais enfrentam dificuldades financeiras ou despreparo para cuidar dos filhos. Essa responsabilidade adicional pode comprometer a estabilidade econômica dos avós, especialmente quando dependem de aposentadorias modestas ou recursos limitados.

Além disso, Ferreira *et al.* (2012, p.597) destacam que a gravidez na adolescência está frequentemente associada a contextos de vulnerabilidade social, manifestando-se com maior prevalência em regiões de menor desenvolvimento socioeconômico. Essa realidade contribui para a perpetuação da pobreza e compromete a continuidade da vida escolar das adolescentes, ampliando as dificuldades financeiras enfrentadas pelas famílias.

A análise espacial da vulnerabilidade social da gravidez na adolescência, conforme estudo de Ferreira *et al.* (2012, p. 602), revela que áreas com menor índice de desenvolvimento humano apresentam maiores taxas de gravidez precoce, evidenciando a correlação entre vulnerabilidade social e incidência de gravidez na adolescência.

Nesse contexto, os avós, ao assumirem despesas extras com os netos, como educação, alimentação e saúde, podem ver seus próprios planos pessoais comprometidos. A sobrecarga financeira e a necessidade de readequação de prioridades podem afetar negativamente o bem-estar e a qualidade de vida dos avós, que se veem obrigados a adiar ou renunciar a projetos pessoais e profissionais.

Portanto, é fundamental a criação das políticas públicas e programas de assistência social que considerem o papel dos avós no suporte às adolescentes grávidas, oferecendo apoio financeiro e psicológico para minimizar os impactos negativos dessa dinâmica familiar. A implementação de redes de apoio pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida tanto

dos avós quanto das jovens mães e seus filhos, na rede estadual, as escolas já contam com equipe Tríade: psicólogo, assistente social e orientador educacional.

Os desafios sociais enfrentados pelos avós no contexto da gravidez na adolescência são complexos e multifacetados. Estudos indicam que, além de lidarem com julgamentos e preconceitos da comunidade, esses avós podem vivenciar impactos na autoestima e nas relações interpessoais. Falcão e Salomão (2005, p. 23) destacam que, frequentemente, os avós assumem a responsabilidade pelo cuidado infantil, o que pode gerar conflitos na delimitação de papéis criando um dilema entre exercer a função de avós ou assumir, na prática, o papel de pais da criança.

Além disso, a gravidez na adolescência pode resultar no afastamento de amigos e em estigmatização social. Deus e Dias (2016, p. 603) ressaltam que “os avós são figuras importantes no suporte emocional, oferecendo apoio, carinho e afeto tanto para seus filhos quanto para os netos, especialmente no contexto da gravidez na adolescência.”

A necessidade de navegar por expectativas e cobranças externas também é evidente. Vitale (2008, p.208) discute como as avós, ao exercerem cuidados como mães substitutas, enfrentam sofrimento psíquico devido à sobrecarga da função de cuidar, especialmente quando a filha adolescente não tem condições psíquicas de ocupar o papel materno.

É fundamental reconhecer que, embora os avós desempenhem um papel crucial no suporte à adolescente e ao bebê, muitas vezes carecem de apoio profissional adequado. A ausência de redes de proteção social e institucional pode levar ao desamparo da adolescente e sobrecarregar os avós, conforme observado por Pinto, Arrais e Rodrigues (2014, p.208).

Portanto, é essencial que se façam políticas públicas e iniciativas comunitárias que ofereçam suporte tanto para as mães adolescentes quanto para os avós, minimizando os impactos negativos e promovendo um ambiente de acolhimento e compreensão.

Os "desafios de relacionamento" decorrentes da chegada de um bebê em famílias em que os avós assumem papéis parentais são amplamente discutidos na literatura acadêmica. A parentalidade exercida pelos avós, especialmente em contextos de ausência ou incapacidade dos pais biológicos, pode tensionar as relações familiares devido à redefinição de papéis e responsabilidades.

Com a mesma concepção, Santos (2024) ressalta que a parentalidade exercida pelos avós apresenta desafios ligados às razões que os levam a assumir esse papel, às diferenças geracionais e às novas dinâmicas familiares que surgem. Essas questões impactam diretamente o vínculo com os netos, alteram a estrutura familiar e podem gerar repercussões psíquicas significativas.

Nesse contexto, os avós desempenham um papel fundamental no suporte emocional e afetivo dentro das famílias, sendo figuras de referência tanto para seus filhos quanto para seus netos. Deus e Dias (2016) destacam que esse apoio pode fortalecer os vínculos intergeracionais, proporcionando um ambiente mais acolhedor e seguro para todos os envolvidos. No entanto, quando os avós assumem a responsabilidade primária pelos cuidados dos netos, surgem desafios que impactam diretamente a dinâmica familiar.

Na perspectiva dos autores, um dos principais desafios é a possível desresponsabilização dos pais biológicos em relação às funções parentais. Em alguns casos, a presença ativa dos avós no cuidado das crianças pode levar a uma dependência excessiva por parte dos pais, que acabam não assumindo ou se responsabilizando apenas parcialmente pela criação dos filhos. Esse fenômeno pode ser especialmente comum em contextos de gravidez na adolescência, dificuldades socioeconômicas ou ausência de um dos progenitores.

A sobrecarga dos avós nesse papel parental pode gerar conflitos dentro da família, principalmente devido à necessidade de redefinição de papéis e fronteiras entre avós e pais. Muitas vezes, os avós se veem divididos entre o desejo de proteger os netos e a frustração ao perceberem que sua intervenção pode estar contribuindo para que os pais biológicos não desenvolvam plenamente suas responsabilidades. Além disso, a diferença geracional na abordagem da educação infantil pode acentuar desentendimentos, tornando a convivência familiar desafiadora (Deus e Dias, 2016).

Os autores destacam que para minimizar esses impactos negativos, é fundamental estabelecer limites saudáveis na relação entre avós, pais e netos. O equilíbrio entre apoio e autonomia parental pode ser alcançado por meio do diálogo aberto, da definição clara de responsabilidades e, sempre que possível, do suporte de profissionais da área da assistência social e da psicologia familiar.

Vitale (2008, p.37) discute que, “com as mudanças nos laços familiares, a figura dos avós ganha destaque na contemporaneidade, pois estabelece relações afetivas com os netos diante a instabilidade psicossocial e econômica que atinge as famílias. No entanto, desempenhar simultaneamente os papéis de avós e pais pode gerar confusão entre os membros sobre seus lugares na dinâmica familiar, exigindo adaptações significativas.

Portanto, a assunção da parentalidade pelos avós, embora muitas vezes necessária, implica desafios que afetam as relações familiares, exigindo compreensão e adaptação por parte de todos os membros envolvidos.

Superando esses desafios, é essencial que os avós contem com suporte emocional e prático. Certamente, cada família enfrenta dificuldades particulares, e algumas delas podem

ser especialmente complexas. Em alguns casos, avós acabam se separando por não conseguirem enfrentar juntos essa nova realidade. Além disso, mesmo nos tempos atuais, ainda há famílias que abandonam suas filhas ou as expulsam de casa, forçando-as a assumir sozinhas, de maneira abrupta, as consequências de uma gravidez não planejada.

Segundo Melo *et al.* (2019. 54), não podemos abafar os casos, omitir-nos e abandonar nossos adolescentes à própria sorte. E, para esses e outros desafios, algumas estratégias que podemos fomentar é, buscar apoio profissional.

Silva (2021, p. 14) aponta que o trabalho do psicólogo é identificar os fatores de proteção para cada indivíduo. Esses profissionais podem ajudar os avós a lidar com a sobrecarga emocional e a estabelecer uma dinâmica familiar mais saudável. Em alguns casos, autoridades religiosas também podem oferecer apoio. Além disso, há desafios emocionais e de saúde. O desgaste físico gerado pelo cuidado diário dos netos, aliado ao estresse e à falta de tempo para cuidar de si mesmos, pode agravar problemas de saúde preexistentes. Somam-se a isso sentimentos de solidão ou culpa quando, por limitações físicas ou financeiras, os avós não conseguem suprir todas as demandas dos netos.

Nesse contexto, segundo Vitale (2008), fortalecer a rede de apoio é essencial, pois contar com familiares, amigos e grupos comunitários pode aliviar a pressão e oferecer suporte prático no cuidado do bebê. A presença de pessoas de confiança contribui para um ambiente mais seguro e acolhedor, favorecendo o bem-estar da mãe e dos avós.

Para Altmann (2003, p.584), no campo da educação, essa escolha parece estar ligada ao termo "orientação educacional". Historicamente, os orientadores educacionais dividiram com os professores de Ciências a responsabilidade por trabalhar esse tema na escola. Promover a educação da adolescente, falar da prevenção, incentivar e apoiar a jovem mãe a continuar os estudos e a desenvolver habilidades para sua independência financeira é importante para o futuro dela e de seu filho.

Contar com o apoio da orientação educacional ou com equipe multidisciplinar da escola, que hoje em dia integra as instituições da rede estadual de ensino, além de oferecer suporte no atendimento domiciliar; estabelecer limites e responsabilidades.

É importante que os avós equilibrem o suporte dado à adolescente com a necessidade de responsabilizá-la pelo cuidado de seu filho, promovendo sua autonomia. Embora sua vida passe por mudanças significativas, ela não deve deixar de viver, e o autocuidado deve ser incentivado. Campos (2022, p. 74) discute o conceito do "cuidador do cuidador", destacando que cuidar de quem cuida gera satisfação, pois assegura o bem-estar do outro.

A sobrecarga de responsabilidades, com o aumento das famílias monoparentais, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e as dificuldades econômicas enfrentadas por muitos lares, os avós acabam se tornando os principais cuidadores dos netos. Esse cenário, embora motivado pelo amor e pelo desejo de ajudar, pode sobrecarregar física e emocionalmente os avós, que, normalmente, já enfrentam limitações de saúde típicas da terceira idade (Jorge; Wolfgang, 2015).

Essa sobrecarga ocorre devido a fatores como o divórcio dos pais, o desemprego e a necessidade de coparentalidade, frequentemente presentes em famílias multigeracionais, nas quais avós, pais e netos coabitam como solução para a falta de emprego, conforme afirmam Jorge e Wolfgang (2015), essas configurações familiares podem ser tanto uma estratégia de suporte quanto um fator de sobrecarga para os avós.

Muitas comunidades oferecem programas específicos para apoiarem mães adolescentes e suas famílias, o que pode aliviar as demandas sobre os avós, seja por meio de associações, programas da rede de saúde, entre outros. Ao enfrentar esses desafios com planejamento, empatia e acesso a recursos, os avós podem transformar essa fase de transição em uma oportunidade para fortalecer os laços familiares e contribuir para o bem-estar da jovem mãe e de seu filho, considerando que Jorge e Wolfgang (2015, p. 12), apresentam “os avós como pilares de suporte emocional.”

Outro desafio é o conflito de gerações. As mudanças rápidas na sociedade, na tecnologia e nos valores culturais, criam uma lacuna entre avós e netos, dificultando o entendimento mútuo. Os avós podem enfrentar dificuldades para acompanhar o ritmo acelerado da vida moderna e compreender os interesses e comportamentos das novas gerações, o que pode gerar frustrações e sentimentos de inadequação.

Na dinâmica familiar contemporânea, os avós ocupam um papel cada vez mais ativo, muitas vezes indo além da figura tradicional de referência afetiva e assumindo responsabilidades que refletem as mudanças sociais, econômicas e culturais. Embora o amor e a convivência com os netos sejam fontes de alegria e rejuvenescimento, os avós também enfrentam desafios significativos que impactam sua saúde, rotina e qualidade de vida (Falcão; Becker, 2015).

Apesar desses desafios, é inegável que os avós desempenham um papel fundamental no equilíbrio familiar. Seu amor, experiência e dedicação tornam-se fontes inesgotáveis de suporte emocional e prático. No entanto, é importante que a sociedade e as famílias reconheçam e valorizem esse papel, garantindo que os avós tenham apoio adequado para lidar com suas próprias necessidades e limitações.

Investir em políticas públicas voltadas para a pessoa idosa, incentivar a participação ativa da família e promover um diálogo intergeracional respeitoso são passos essenciais para equilibrar essas relações e assegurar que os avós possam vivenciar a sua velhice com dignidade, saúde e alegria. De certa forma, tais mudanças, como afirma Oliveira (2009, p. 20), influenciam a relação do grupo familiar promove a transição para parentalidade, podendo haver o fortalecimento de algumas relações, a adição de novos membros ou a exclusão de membros já existentes.

Em conclusão, os desafios enfrentados pelos avós refletem não apenas mudanças familiares, mas também a necessidade de reconhecimento e apoio a uma geração que, com amor incondicional, continua sendo a base de muitas famílias.

2.2 Abordagem Qualitativa da Pesquisa

A escolha da abordagem qualitativa para o estudo revela um compromisso com a compreensão profunda e contextualizada de um fenômeno. Ao invés de buscar quantificar e generalizar resultados, a pesquisa qualitativa debruça-se sobre a complexidade da experiência humana, buscando desvendar significados, interpretações e perspectivas únicas.

A representatividade é um ponto central nessa abordagem, uma vez que a inclusão de diferentes vozes garante que a pesquisa reflita a realidade multifacetada das relações entre pais/avós e filhas/netos em situações de gravidez na adolescência. Essa diversidade não apenas enriquece a pesquisa, mas também contribui para a construção de políticas públicas e intervenções sociais mais eficazes e sensíveis às necessidades reais das relações intergeracionais, das relações socioafetivas e das famílias.

Esta abordagem permite a exploração do fenômeno social, da gravidez na adolescência, considerando os fatores sociais, culturais e históricos que influenciam as experiências dos sujeitos. A pesquisa busca entender como os participantes percebem e vivenciam essa realidade. A coleta de dados ocorre por meio de entrevistas semiestruturadas com objetivo de compreender as experiências das adolescentes e das mulheres idosas em contextos temporais distintos, mas relacionados aos mesmos de acontecimentos.

2.2.1 O enfoque fenomenológico

A fenomenologia é percebida como uma corrente filosófica que descreve as estruturas fundamentais da experiência humana, como tempo, espaço, corpo e intersubjetividade - a

relação entre sujeitos conscientes-, buscando compreender e descrever a experiência humana. Dartigues (1992, p. 5) apresenta essa corrente como

fenomenologia do tipo kantiano concebe o ser como o que limita a pretensão do fenômeno ao mesmo tempo em que ele próprio permanece fora do alcance, enquanto inversamente, na fenomenologia hegeliana, o fenômeno é reabsorvido num conhecimento sistemático do ser, a fenomenologia husserliana se propõe como fazendo ela própria, às vezes, de ontologia pois, segundo Husserl, o sentido do ser e o do fenômeno não podem ser dissociados.

Com o objetivo de aprofundar a compreensão das dinâmicas familiares e das relações interpessoais vivenciadas por adolescentes grávidas, este trabalho recorre à fenomenologia como metodologia. Esse foco permite adentrar no universo subjetivo das adolescentes, captando a riqueza e complexidade de suas experiências. Ao utilizar entrevistas semiestruturadas, buscamos estabelecer um diálogo aberto e acolhedor com as participantes, permitindo que elas expressem suas percepções, sentimentos e significados atribuídos à gravidez na adolescência e ao papel de cada membro da família nesse contexto.

A fenomenologia possibilita uma análise aprofundada das relações socioafetivas estabelecidas, considerando as particularidades de cada história de vida e as influências do contexto social e cultural em que as adolescentes estão inseridas. Dessa forma, a pesquisa busca contribuir para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes e humanizadas para o apoio a adolescentes grávidas e suas famílias.

A escolha da abordagem fenomenológica para este estudo justifica-se pela necessidade de compreender a complexidade das relações intergeracionais envolvidas na gravidez na adolescência. Ao adotar essa perspectiva, buscamos ir além de uma análise quantitativa dos dados, aprofundando-nos na experiência subjetiva das avós e nos significados que elas atribuem a essa vivência. A fenomenologia permite uma compreensão mais holística e contextualizada das relações familiares, considerando os aspectos sociais, culturais e históricos que influenciam essas relações.

A fenomenologia, ao permitir a imersão no mundo vivido das adolescentes grávidas e de suas avós, revela a riqueza e a complexidade das experiências humanas. Ao ir além de uma mera descrição dos fatos, a pesquisa fenomenológica possibilita a compreensão dos significados que as pessoas atribuem às suas vivências, revelando as dimensões subjetivas e intersubjetivas que moldam as relações familiares. Nesse sentido, este estudo demonstra a relevância da fenomenologia como foco da abordagem qualitativa para a investigação de fenômenos complexos e multifacetados, como a gravidez na adolescência, contribuindo para o avanço do conhecimento em diversas áreas do saber.

Assim, por meio do enfoque fenomenológico, ao convidar a olhar para o mundo através dos olhos do outro, desafia à construção de um futuro mais humano e solidário quando demonstra a importância de olhar para além dos números e estatísticas, na busca de compreender a experiência humana em toda sua complexidade e singularidade

2.3 A pesquisa/entrevista semiestruturada como ferramenta pedagógica: o estudo de caso

O estudo de caso é uma abordagem metodológica que permite a investigação profunda e detalhada de um fenômeno dentro de seu contexto real. De acordo com Yin (2015), o estudo de caso é particularmente útil quando buscamos compreender questões complexas, dinâmicas e situadas em um ambiente específico. Uma estratégia que será utilizada em pesquisas qualitativas, pois possibilita a exploração detalhada de situações específicas, incorporando múltiplas fontes de evidências, como entrevistas, observações e análise de conteúdo.

Segundo Stake (1995), o estudo de caso caracteriza-se pela sua flexibilidade, pois oferece a oportunidade de explorar nuances e significados que podem não ser evidentes em abordagens mais amplas, permitindo o entendimento aprofundado das interações e dos fatores que moldam a realidade investigada, e como identificar as implicações do objeto investigado nas mudanças de grupo e comportamento social, e as reações que ocorrem a partir da mudança.

Para Triviños (1987), o estudo de caso não se limita à descrição de eventos, mas busca compreender a totalidade do fenômeno, analisando suas inter-relações e dinâmicas internas. Assim, o método é uma ferramenta poderosa para gerar *insights* e contribuir para o desenvolvimento de teorias aplicáveis em situações semelhantes.

No contexto desta pesquisa, o estudo de caso será utilizado para analisar o fenômeno da gravidez na adolescência em duas escolas da rede estadual e entre acadêmicas da UMA/UFT, permitindo compreender como fatores socioculturais e temporais influenciam as experiências e percepções dos sujeitos envolvidos. O método será complementado por entrevistas semiestruturadas, fornecendo uma abordagem multidimensional e rica em detalhes.

No patamar qualitativo, “o estudo de caso é um tipo de pesquisa social que é concebida neste, como exame aprofundado de grupos de indivíduos que compreende questões complexas, com análise e coleta de dados relatados à situação” Thiollent (2007, p.14). De acordo com Triviños (1987), Bardin (2011) e Marconi e Lakatos (2004), a busca pelos dados e a procura por definições estão embasadas na percepção do elemento dentro do contexto, unificada com a concessão de peculiaridades e percepções autorais (Merleau-Ponty, 1975).

Aqui, o estudo de caso, forma assumida no caminho metodológico da dissertação, numa abordagem qualitativa, na perspectiva do conhecer e agir coletivo, agrega à fenomenologia as entrevistas semiestruturadas como ferramenta pedagógica no desencadear da pesquisa.

A condução das entrevistas semiestruturadas é um momento ímpar para a coleta de dados que realmente capturem a essência das experiências vividas por avós e adolescentes grávidas no âmbito de duas escolas estaduais em Palmas, no Tocantins. Essa metodologia, ao permitir um diálogo aberto e flexível, facilita a exploração de temas profundos e significativos, que refletem a complexidade das relações familiares em contextos de gravidez na adolescência.

Os temas e questões que guiaram as entrevistas foram cuidadosamente elaborados para abranger aspectos essenciais da experiência da gravidez na adolescência. As perguntas foram abertas, permitindo que os participantes se expressassem livremente e compartilhassem suas vivências de forma autêntica.

A flexibilidade da abordagem semiestruturada é uma das suas maiores vantagens. Embora haja um roteiro de perguntas, atentamos às respostas dos participantes, permitindo que novos temas emergissem naturalmente. Essa dinâmica possibilitou que as histórias fossem contadas de maneira fluida, revelando nuances que poderiam passar despercebidas em uma abordagem mais rígida.

Além disso, a escuta ativa será um componente essencial durante as entrevistas, demonstrando empatia e interesse genuíno pelas experiências compartilhadas. Essa conexão emocional não apenas enriquece o relato, mas também fortalece a relação no momento das entrevistas, criando um espaço seguro para a expressão de sentimentos e experiências muitas vezes dolorosas.

Após a coleta das entrevistas, será realizado um registro cuidadoso das falas por meio de gravações, com o consentimento dos participantes. Essa documentação servirá como base para a análise posterior, permitindo que as vozes dos participantes sejam preservadas com fidelidade.

A abordagem qualitativa com enfoque fenomenológico alcançou pedagogicamente o público-alvo por meio de entrevistas semiestruturadas para coletar informações que referenciassem o fenômeno da gravidez na adolescência em um contexto específico e em realidades temporais distintas. Conforme Triviños, (1987), a pesquisa de campo é caracterizada:

Numa zona específica da realidade cultural viva, vital, faz com que se pense em denominar a pesquisa qualitativa, simplesmente, *pesquisa de campo* ou *pesquisa naturalista*, porque o investigador atua num meio onde se desenrola a existência mesma, bem diferente das dimensões e características de um laboratório.

Nesse sentido, a condução das entrevistas semiestruturadas foi um aspecto fundamental da pesquisa, permitindo que as histórias de avós e adolescentes grávidas fossem contadas de forma rica e significativa. Ao criar um ambiente acolhedor e aplicar uma metodologia flexível e respeitosa, a pesquisa oportunizou revelar a profundidade das experiências vividas, contribuindo para uma compreensão mais ampla e contextualizada das dinâmicas familiares em situações de gravidez na adolescência. Essa abordagem não só valorizou as vozes dos participantes, mas também pode enriquecer a discussão sobre as políticas e práticas que podem apoiar essas famílias em suas jornadas desafiadoras.

A amostra da pesquisa é composta por: 1) Acadêmicas da Universidade da Maturidade (UMA) - idosas que foram mães ainda adolescentes e como elas conseguiram conciliar atividades de trabalho, estudos e família, bem como, relações socioafetivas nesse momento específico; 2) Estudantes do Ensino Médio de duas unidades escolares da rede estadual de ensino de Palmas - identificadas pelo foco da pesquisa, que é a gravidez na adolescência e a conciliação com a vida escolar, especificamente no apoio recebido dos avós durante o período da gestação e nascimento dos filhos.

Para realização da pesquisa, seguimos passos legais transitórios: primeiramente foi solicitado autorização do gestor Estadual da Educação do Tocantins e Universidade Federal do Tocantins - submissão ao Comitê de Ética. Na sequência, deu-se o agendamento direto das entrevistas nas Unidades Escolares – UE's com as estudantes. Com as acadêmicas idosas da UMA, foi solicitado autorização a Dra Neila Barbosa, coordenadora. Vale salientar, que antes houve identificação do perfil das adolescentes junto à equipe multidisciplinar em relação à gravidez ocorrida na adolescência.

Os agendamentos foram realizados em horários no contraturno das estudantes selecionadas. Nos dias de coleta, as participantes foram convidadas de maneira individual, e e informadas sobre a pesquisa antes de iniciarem, conforme estabelecido no Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento – TCLE, que após assinatura em duas vias, demos início às entrevistas individuais com escuta sensível.

O espaço destinado à entrevista foi a sala de orientação educacional, as adolescentes estudantes, para evitar constrangimento, foram ouvidas em dias diferentes, durante o tempo livre e conforme os relatos de cada uma.

Em relação às acadêmicas da Universidade da Maturidade, foi dada opção para realização da pesquisa no campus ou lugar definido pela entrevistada, sendo que todas optaram por serem ouvidas em suas residências, lugar privado e sem interferência.

2.4 O *Locus* da Pesquisa

A escolha de Palmas, Tocantins, como *locus* da pesquisa não é meramente geográfica; ela reflete um contexto cultural e social que enriquece a análise das relações intergeracionais entre mães, futuras avós e adolescentes grávidas. Essa região, situada no coração do Brasil, possui características únicas que influenciam as dinâmicas familiares e as interações sociais. A diversidade cultural presente em Palmas, marcada por uma mistura de tradições locais e influências contemporâneas, fornece um cenário fértil para a investigação das experiências vividas por essas mulheres.

Um dos motivos que justificam a escolha de Palmas é a realidade socioeconômica da região. O Tocantins, embora tenha avançado em diversos aspectos, ainda enfrenta desafios significativos, como a desigualdade social e o acesso limitado a serviços de saúde e educação. Esses fatores impactam diretamente as adolescentes grávidas e suas famílias, tornando essencial compreender como as relações intergeracionais se desenvolvem nesse contexto.

Além dessas considerações, a atuação da pesquisadora na região, especificamente no sistema educacional e na Universidade da Maturidade, dois campos explorados, proporciona uma compreensão mais aprofundada das realidades enfrentadas por adolescentes grávidas nesses contextos. A familiaridade com o contexto local permite o estabelecimento de conexões significativas com os participantes, promovendo um ambiente de confiança e abertura durante as entrevistas. Essa proximidade é fundamental para que as histórias e experiências sejam compartilhadas de maneira autêntica, refletindo a complexidade das relações familiares.

A Universidade da Maturidade é um projeto de extensão que tem se fortalecido ao longo dos anos. A Casa Amarela, por sua vez, é um ambiente acolhedor que promove bem-estar, educação e saúde aos acadêmicos por meio de seus projetos, sempre com dignidade, ressaltando a brinquedoteca Professora Francisca Maria da Silva Costa.

Figura 3 – Universidade da Maturidade - Polo Palmas – Dependências físicas



Fonte: Arquivo pessoal.

Assim, ao situar a pesquisa em Palmas, Tocantins, buscamos contribuir para um entendimento mais amplo das dinâmicas familiares e das interações intergeracionais em um contexto específico de duas escolas estaduais e da UMA.

Figura 4 – Atividades de teatro, dança, sala de aula invertida, contexto da UMA



Fonte: Arquivo pessoal

A escolha dos ambientes situacionais da pesquisa, da análise das particularidades geográficas, culturais e sociais dos dois contextos das escolas e da Universidade da Maturidade, não apenas enriqueceu os dados coletados, mas também permitiu que as

reflexões e conclusões alcançadas tivessem um impacto significativo nas políticas públicas e programas de apoio voltados para adolescentes grávidas e suas famílias. Com isso, a pesquisa torna-se uma ferramenta não apenas de compreensão, mas também de transformação social, promovendo um olhar mais atento e inclusivo para as realidades enfrentadas por essas mulheres e suas famílias.

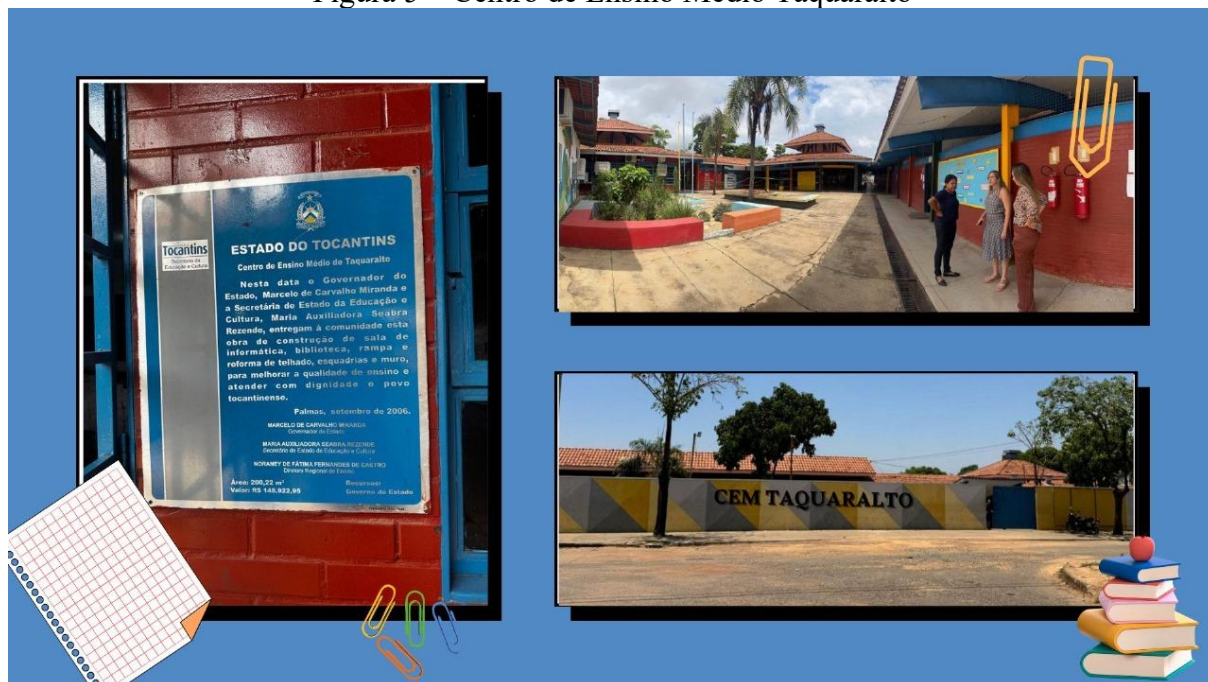
2.4.1 As Escolas estaduais contexto das entrevistas - adolescentes grávidas

As adolescentes grávidas selecionadas para a pesquisa semiestruturadas, são estudantes do ensino médio diurno, de duas escolas da rede estadual, no ano de 2024. Das cinco entrevistas realizadas, quatro estudantes fazem parte do contexto da escola CEM Taquaralto, e uma adolescente grávida é estudante da Escola Estadual Dom Alano Du Noday. Vale salientar que o quantitativo selecionado de adolescentes grávidas seguiu a estatística pré-estabelecida na secretaria das respectivas escolas.

O CEM Taquaralto, localizado no centro de bairro Taquaralto, instituído pela Lei nº 1136, de 28 de fevereiro de 2000. Inicialmente conhecido com o nome de Colégio Estadual Padrão, com o passar do tempo, a identidade da escola foi ressignificada com aquisição de novos contornos a partir do Decreto nº 1197, de 28 de maio de 2001, que lhe conferiu o nome Centro de Ensino Médio Taquaralto, mais conhecido como CEM Taquaralto.

O espaço escolhido está localizado na periferia, em um bairro situado a aproximadamente 30 km da região central do plano diretor. Trata-se de uma das maiores unidades de ensino da região, funcionando nos três turnos e oferecendo uma ampla estrutura, que inclui uma quadra coberta. Ao longo dos anos, a escola tem se destacado como uma das mais procuradas pelos moradores, com vagas bastante disputadas. Seu ambiente acolhedor é um diferencial, favorecendo uma forte relação entre a instituição e a comunidade. Grande parte dos servidores reside nas proximidades, o que contribui para um vínculo mais próximo e uma interação mais significativa com os estudantes e suas famílias.

Figura 5 – Centro de Ensino Médio Taquaralto



Fonte: Arquivo pessoal

A escola, atualmente com 24 anos, oferta educação básica, etapa Ensino Médio, nas modalidades regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA), diurno e noturno, com um total de 1.845 estudantes, em 2024. Sua construção surgiu como resposta à necessidade de acompanhar o crescimento acelerado do bairro e da capital Palmas, reflexo de um movimento dinâmico de uma comunidade em expansão.

O corpo discente do CEM Taquaralto é heterogêneo, representando uma diversidade de histórias e trajetórias. O perfil socioeconômico predominante é da classe média baixa.

No turno matutino, os estudantes têm idades entre 14 e 21 anos. De acordo com o banco de dados da escola, muitos residem próximos da U.E., vivem com os pais, sem ocupações laborais remuneradas. Já, no turno vespertino, a faixa etária apesar de semelhante à do turno matutino, os estudantes residem em bairros circunvizinhos. Muitos conciliam o trabalho com os estudos. No período noturno, o público atendido é mais diverso e abrangente. Entre os estudantes, há adolescentes/jovens e adultos com idades que variam de 15 a 60 anos (ou mais). Majoritariamente trabalhadores. Há quem resida próximo, mas também aqueles que percorrem grandes distâncias, incluindo moradores da zona rural que dependem do transporte escolar.

O CEM Taquaralto é considerado um espaço de diferentes gerações de conhecimentos e experiências que se encontram, interagem e se enriquecem mutuamente, fazendo da escola um verdadeiro reflexo da complexidade e riqueza de sua comunidade.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica –IDEB, no ano de 2024, marcou a primeira vez que a escola pontuou e obteve a nota 4,2. Como está especificado no PPP da U.E., esse avanço representa uma grande conquista que contribui para a qualidade do ensino.

O segundo lócus da pesquisa, com as estudantes grávidas, foi a Escola Estadual Dom Alano Marie Du Noday, uma instituição que carrega em seu nome a força de uma memória histórica e um legado de dedicação ao ensino e à justiça social. Instituída pela Lei de criação nº 311/91, em 30 de outubro de 1991, a escola homenageia Dom Alano, o Conde Du Noday, uma figura emblemática que transcendeu suas origens nobres na França ao se estabelecer no Brasil em 1928, inicialmente no Rio de Janeiro. Sua atuação deixou marcas profundas na história do Tocantins, elevando-o à galeria dos notáveis da região.

Figura 6 – Colégio Dom Alano Du Noday



Fonte: Arquivo pessoal

A Escola Estadual Dom Alano Marie Du Noday, ativa há 33 anos, não é apenas um espaço físico de ensino, mas um símbolo de continuidade de um ideal. Escola pública da Rede Estadual de ensino que oferece Educação Básica do 9º ano do Ensino Fundamental, Curso Médio Básico Regular e EJA 3º Segmento - total de 1.033 estudantes. Está localizada numa região privilegiada da cidade de Palmas - TO, na 208 sul, inspirada nos ideais do líder comunitário e religioso Dom Alano.

A comunidade atendida tem um perfil socioeconômico e cultural variado. Conforme dados do PPP, no turno matutino, os estudantes são oriundos da classe média e média-baixa,

em sua maioria filhos de servidores públicos, comerciantes e microempresários, que residem nas proximidades da escola. No turno vespertino, o perfil é semelhante, com a diferença de haver um maior número de estudantes provenientes de chácaras e da zona rural; muitos desses estudantes são filhos de profissionais autônomos, servidores públicos ou comerciários que residem em locais mais distantes da escola. No período noturno, os estudantes são jovens trabalhadores, em sua maioria com idade superior a 18 anos e pertencentes à classe média-baixa, residentes em bairros mais distantes, que optam pela escola devido à proximidade com o local de trabalho.

Com relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, só há registros da participação em 2019, com média 4.7, abaixo da projeção que deveria ser 5.8.

2.4.2 A Universidade da Maturidade – UMA/UFT contexto das entrevistas de mulheres idosas – grávidas a época da adolescência

O locus de pesquisa de mulheres idosas com histórico de gravidez na adolescência foi a Universidade da Maturidade, polo Palmas, localizado no campus da Universidade Federal do Tocantins, bloco C. A UMA é um Programa de Extensão do colegiado da Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, instituída em 2006, e atende o público adulto/idoso com idade a partir de 45 anos.

A consolidação da UMA/UFT veio com a formação da primeira turma no curso “Educador Político Social do Envelhecimento Humano”, (PPP/UMA/UFT/TO (2018, p.44). Atualmente conta com 14 novos polos em cidades do Tocantins, Bahia e Mato Grosso do Sul, num total aproximado de mais de 5000 formandos até o ano de 2024.

Quadro 4 – Histórico - Polos da Universidade da Maturidade – UMA

Ano de Criação do Polo	Cidade	Histórico
2006	Palmas	A autora do Programa Professora Doutora Neila Barbosa Osório, realiza o sonho de implantar a Universidade da Maturidade.
2009	Arraias	Berço da escravidão no norte goiano, agora leva os velhos para a sala de aula.
2009	Gurupi	Visa desenvolver o atendimento aos velhos desta cidade que possui uma grande representatividade de velhos e velhas.
2009	Miracema	Miracema possui berço histórico na construção da capital do estado, desenvolvendo o atendimento aos velhos e velhas.

2009	Tocantinópolis	Desenvolver atendimento qualitativo aos idosos, melhorando a qualidade de vida.
2010	Porto Nacional	O polo foi implantado com o objetivo de fortalecer a história cultural dos velhos, em outro município do Estado do Tocantins.
2011	Brejinho de Nazaré	A UMA traz mais uma possibilidade de atendimentos aos velhos e velhas com oportunidade de estudo ao longo da vida.
2011	Araguaína	A Universidade de Maturidade foi criada com objetivo de propiciar, à população acima de 45 anos, o acesso justo e igualitário à educação continuada.
2019	Dianópolis	A UMA alcança uma região histórica do Tocantins no intuito de melhorar a vida dos velhos por meio da educação.
2021	Paraíso do Tocantins	A UMA fortalece a educação intergeracional, realizando uma parceria com a educação do Município.
2021	Monte do Carmo	A UMA oferece aprendizado e socialização para pessoas com 45 anos ou mais.
2021	Campo Grande - MS	A UMA extrapola as divisas municipais e atua no Mato Grosso.
2021	Tocantínia - Indígena	A UMA é implantada com uma proposta de atendimento aos velhos e velhas da comunidade indígena xerente.
2021	Tocantínia - Rural	A UMA tem o objetivo de promover o envelhecimento ativo e digno, a orientação social e a preservação de culturas.
2021	Tocantínia - Urbana	A UMA proporciona condições aos acadêmicos velhos de ressignificar sua vivência e ainda contribuir ativamente na sociedade.
2022	Palmeirópolis	A UMA fortalecendo o trabalho no atendimento aos velhos em Palmeirópolis.
2023	São Sebastião	A educação ao longo da vida é um dos objetivos do atendimento educacional da UMA.
2023	Barreiras - Bahia	Novamente ao projeto UMA instala-se fora do território tocantinense.
2024	Dourados - MS	Promove a educação, o bem-estar e a inclusão social de adultos e idosos, incentivando a aprendizagem contínua e a melhoria da qualidade de vida.
2024	São Salvador	Com o objetivo de conhecer o processo de envelhecimento do ser humano para oferecer na promoção do sujeito que envelhece e provocar transformações sociais na conquista de uma velhice ativa e digna.
2024	Pedro Afonso	Conhecer o processo de envelhecimento humano e oportunizar o acesso a tecnologia social educacional para os idosos, visando a integração dos mesmos com os alunos de graduação da UFT
2025	Soure Coimbra - Portugal	Um marco na internacionalização da UMA. Com o objetivo de propor a criação de espaços intergeracionais para preservar tradições e promover encontros entre gerações.

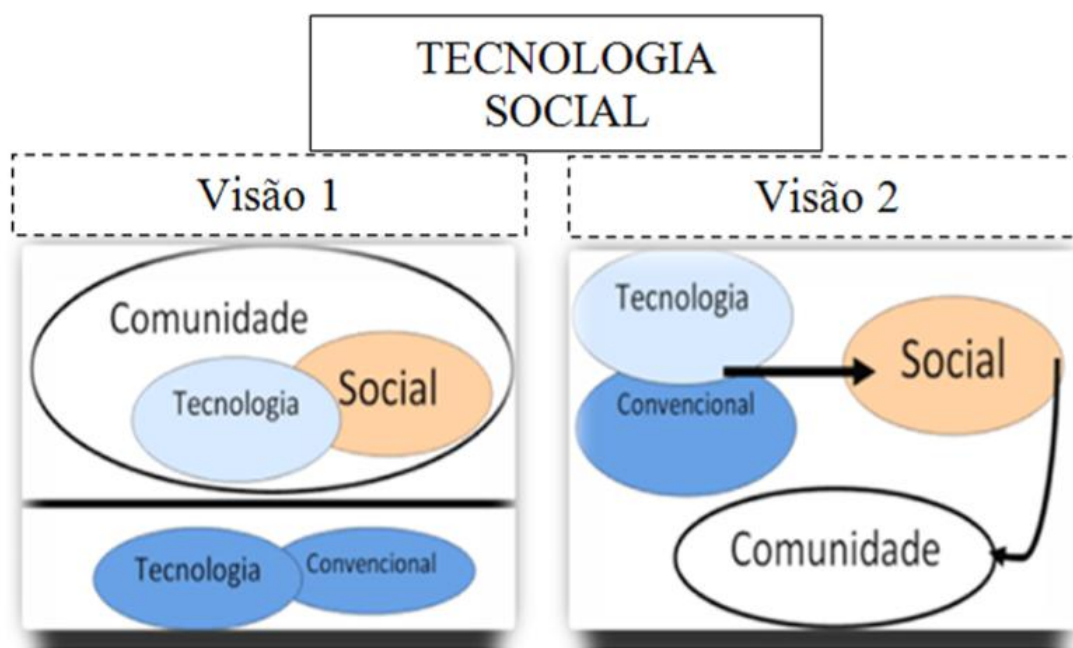
Fonte: Secretaria da UMA, Palmas Tocantins (2025). adaptada pela autora (2025).

Fonte: De Souza (2023, p.54).

A Universidade da Maturidade é reconhecida pelo desenvolvimento da Educação Intergeracional, uma Tecnologia Social que vem transformando vidas na troca de conhecimentos e experiências entre gerações ao longo dos 19 anos, com base no tripé ensino, pesquisa e extensão. Para De Santana, o contexto da educação da UMA/UFT, corresponde a

Pensar em diferentes níveis de educação também se faz necessário, tais como a educação não formal e informal, já que a educação impacta em diferentes dimensões como lazer, atualização, socioafetiva, emancipatória, capacidades cognitivas e saúde. (De Santana 2020, p. 85)

Figura 7 – Visões de uma Tecnologia Social



Fonte: Duque (2017, p.9).

No processo de aprendizagens significativas, oriundas das interações e vivências das pessoas adultas/idosas, há um rico patrimônio cultural e afetivo que contribui para a socioconstrução do conhecimento. A interdisciplinaridade, como metodologia da proposta da UMA/UFT, é um alicerce que respalda o trabalho pedagógico docente, promovendo o envolvimento no aprender a aprender dentro da sala de aula.

De acordo com o relatado no Projeto Político Pedagógico da UMA, a aprendizagem é um fenômeno reconstrutivo e de aprender e transformar-se. “Significa ser capaz de utilizar a experiência e conhecimentos já adquiridos para atribuição de novos significados e para a transformação das informações obtidas em conhecimentos” (PPP-UMA, 2018, p.18).

Na perspectiva fenomenológica, o Projeto Político Pedagógico da Universidade da Maturidade emerge como um espaço vivo e intencional de reflexões e ações voltadas à

formação gerontológica de pessoas a partir dos 45 anos. O programa de extensão busca compreender e ressignificar as experiências subjetivas do envelhecimento, reconhecendo que proporcionar melhor qualidade de vida é transcender a mera extensão de anos e promover uma existência plena e significativa – uma longevidade com sentido.

Figura 8 – Foto Intergeracional (coordenadores – mãe/filho/netos)



Fonte: Arquivo pessoal, imagens autorizadas

Na UMA, a educação se caracteriza por espaço dialógico que ligado às múltiplas dimensões do envelhecer, é reconhecido como um fenômeno existencial que demanda políticas e estratégias centradas no desenvolvimento humano, na qual “a educação assume um papel fundamental na elaboração de ações que não apenas respeitam a individualidade, mas também promovem a emancipação e transformação do ser humano” (Osório, 2014, p.5). Nessa perspectiva, a matriz curricular do curso de formação Educador Político Social do Envelhecimento Humano, está assim disposta:

Quadro 5 – Disciplinas Curriculares Polo Palmas

Cárdapio de disciplinas que poderão ser ministradas no Programa

Fundamentos e educação em gerontologia I Fundamentos e educação em gerontologia II Tanatopedagogia / Terapias do luto
Direito do velho / Leis de amparo Informática I / Informática II Língua Estrangeira Moderna Atividade física e envelhecimento Saúde do Velho – LEG
Avosidade- Relações entre avós e netos
Políticas Públicas do Envelhecimento Humano

Fonte: Projeto Político Pedagógico – PPP/UMA – 2018.

Figura 9 – Grupo de Dança Flores do Ipê



Fonte: Arquivo pessoal, imagens autorizadas.

2.5 Análise de Conteúdo de Bardin

A análise dos dados qualitativos coletados é uma etapa fundamental para a compreensão das experiências e percepções dos participantes. Para isso, a técnica de análise de conteúdo é premissa, que Bardin (1977, p. 42) define como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

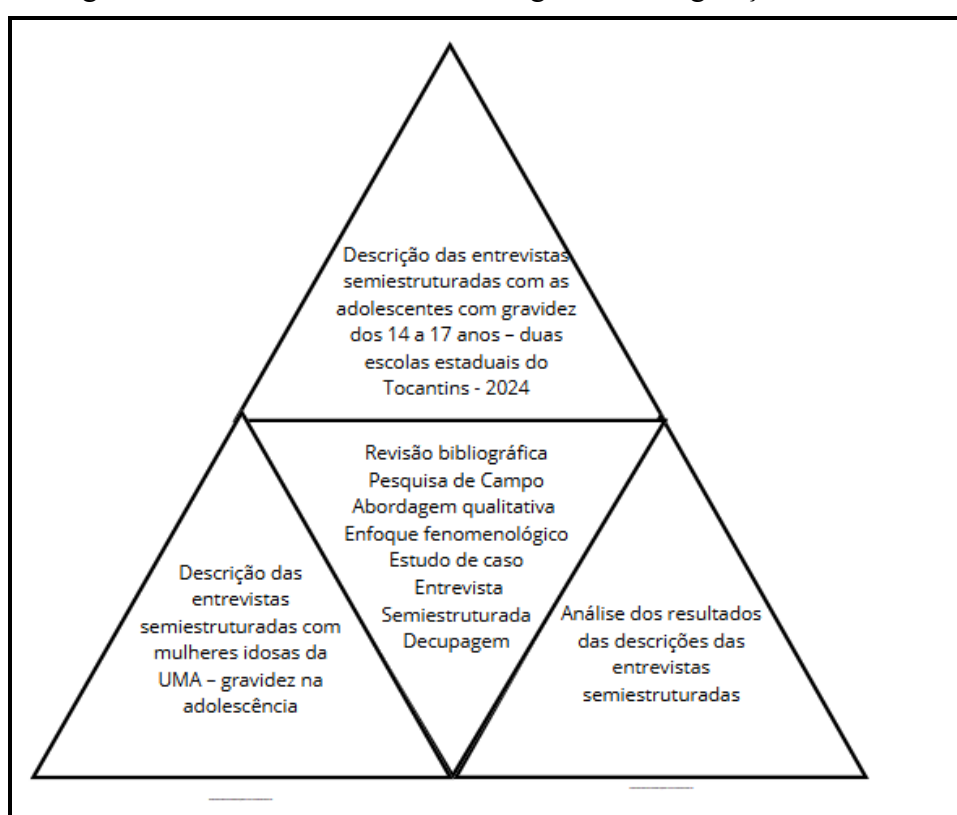
Descrever a história da Análise de conteúdo, é seguir um passo a passo, acompanhando o crescimento quantitativo e sua diferenciação da abordagem qualitativa (Bardin 1977, p.18). É o que permite identificar categorias e temas emergentes a partir das narrativas das adolescentes grávidas e das mulheres idosas grávidas à época. Essa metodologia não apenas organiza as informações, mas também revela as complexidades e nuances das relações intergeracionais em situações de gravidez na adolescência.

O primeiro passo na análise será a transcrição cuidadosa das entrevistas, garantindo que as falas das participantes sejam registradas com precisão. Esse processo será seguido pela leitura atenta das transcrições das entrevistas na captura da essência das histórias compartilhadas. Durante essa fase, serão anotadas impressões iniciais e possíveis categorias

que surgirem, criando um mapa inicial para a análise mais aprofundada, delineadas nos quadros 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 das páginas 90 até 101.

A triangulação de dados foi um aspecto crucial que garantiu a validade e a confiabilidade dos resultados. No contexto da gravidez na adolescência, ao comparar as respostas dos diferentes grupos de adolescentes e mulheres idosas, foi possível identificar padrões comuns e divergências nas experiências relatadas. Essa abordagem não apenas enriqueceu a análise, mas também proporcionou uma visão mais abrangente das dinâmicas intergeracionais na família.

Figura 10 – Demonstrativo metodológico da triangulação de Bardin



Fonte: Elaboração própria a partir: https://www.researchgate.net/figure/Figura-6-Triangulacao-metodologica-no-desenvolvimento-da-pesquisa_fig3_330760796

À medida que as categorias emergiram, foi importante refletir sobre como elas se interconectaram e se relacionaram com as questões centrais da pesquisa. Essas interações revelaram a complexidade das relações socioafetivas e destacaram a importância do apoio intergeracional.

Além disso, a análise dos dados qualitativos é flexível, uma das grandes vantagens da pesquisa qualitativa, uma vez que permite adaptar compreensões às realidades vividas pelos participantes.

As reflexões e interpretações dos dados coletados não só contribuíram para um entendimento mais profundo das relações entre mães/avós e filhas em situações de gravidez na adolescência, mas também poderão influenciar futuras políticas e práticas sociais. Ao compartilhar esses *insights*, objetivamos promover um maior entendimento sobre a importância do suporte familiar e intergeracional, incentivando ações que fortaleçam essas relações e melhorem a qualidade de vida das adolescentes grávidas e suas famílias.

Assim, a análise dos dados para a construção dos resultados é, portanto, um passo essencial para transformar as vozes das participantes em conhecimento, gerando oportunidades para mudanças significativas, especialmente em políticas que as afetam.

3 OS IMPACTOS DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A gravidez na adolescência traz consigo uma onda de transformações que reverberam por toda a estrutura familiar. Essa nova realidade não apenas altera a vida da jovem mãe, mas também reconfigura as dinâmicas entre avós, pais e a própria adolescente. O que antes era um cotidiano previsível pode se tornar um campo minado de emoções, expectativas e responsabilidades.

A adolescência é a fase de transição entre a infância e a idade adulta, quando o desenvolvimento da sexualidade se reveste de fundamental importância para o crescimento do indivíduo em direção à sua identidade adulta, determinando sua autoestima, relações afetivas e inserção na estrutura social (Silva; Tonete, 2006).

Quando uma adolescente descobre que está grávida, o primeiro impacto é muitas vezes sentido por seus pais. O choque e a preocupação instalam-se, criando uma atmosfera de incerteza. Para muitos, a gravidez precoce representa um desvio das aspirações que tinham para suas filhas, e essa frustração pode gerar tensões. Silva; Tonete (2006, p.407) sugerem que, “à medida que o nível de instrução aumenta, ocorre uma redução no percentual de gravidez na adolescência.”

Pais que sonhavam com a educação superior de suas filhas agora se veem diante da necessidade de reavaliar esses planos. O medo do futuro, aliado à sensação de perda de controle, resultam em um ambiente familiar tenso, no qual as conversas se tornam mais difíceis e as emoções, mais intensas. De acordo com Amorim (2009, p.405), “as principais etiologias que podem ocasionar a gestação na adolescência são: início vida sexual associado à ausência do uso de métodos contraceptivos, além da dificuldade de acesso a programas de planejamento familiar.”

Os avós, por sua vez, frequentemente assumem um papel fundamental nesse novo cenário. Com a experiência adquirida ao longo da vida, eles podem ser tanto uma fonte de apoio quanto de preocupação. Muitos avós sentem a responsabilidade de proteger suas netas e, ao mesmo tempo, preocupam-se com o bem-estar do novo membro da família que está por vir, sendo assim, a rede de apoio familiar da adolescente mostra-se falha em prestar esclarecimentos ou reduzir as incertezas das jovens. De acordo Silva; Tonete (2006, p.203), “essa dualidade de sentimentos pode levar a uma reconfiguração das relações, onde os avós se tornam mediadores e apoiadores, mas também podem se sentir sobrecarregados pelas novas demandas que surgem.”

As conversas entre avós e netas, antes informais e descontraídas, podem se tornar mais profundas e carregadas de emoção. É comum que as jovens mães busquem conselhos e apoio nos avós que, muitas vezes, têm uma visão mais ampla e compreensiva da vida. No entanto, essa relação também pode ser desafiadora. As expectativas dos avós, enraizadas em normas tradicionais, podem entrar em conflito com as escolhas e desejos da adolescente. É nesse contexto que a comunicação se torna fundamental.

O diálogo aberto e honesto pode ajudar a suavizar as arestas e criar um espaço de compreensão mútua. Desse modo, que a gravidez na adolescência afeta, principalmente, a trajetória da jovem e a probabilidade da elaboração de futuros planos para a vida. Torna-se especialmente traumática quando ocorre nas classes socioeconomicamente desfavoráveis (Gurgel *et al*, 2008).

Relatos de jovens mães revelam como a presença dos avós pode ser um alicerce em momentos de crise. Uma adolescente compartilhou como, em meio ao medo e à insegurança, encontrou conforto nas palavras de sua avó, que a encorajou a seguir em frente, lembrando-a de sua própria força. Essas histórias exemplificam como o amor e a sabedoria intergeracional podem atuar como um bálsamo em tempos de incerteza.

Por outro lado, também é importante reconhecer que nem todas as interações são harmoniosas. As tensões podem surgir quando as expectativas não são atendidas. Um avô pode querer que a neta siga um caminho mais tradicional, enquanto a jovem mãe deseja explorar novas possibilidades. Esses conflitos, se não forem abordados, podem gerar um desgaste nas relações familiares, criando um ciclo de ressentimento e incompreensão.

De acordo com Dias e Gomes (2000), a experiência da sexualidade é um dos tópicos mais importantes e problemáticos no diálogo entre adolescentes e seus pais. A gestação na adolescência acarreta um conjunto de desafios no ambiente sociofamiliar e pessoal. No meio social, lamentam-se as falhas nas programações relacionadas à educação sexual, que, de certo modo, deveriam ser claras e persuasivas sobre como iniciar e vivenciar a sexualidade com segurança.

No ambiente familiar, a gestação na adolescência tende a ocasionar dificuldades no relacionamento entre genitores e filhas, além de impactar as condições psíquicas da jovem. Para Dias e Gomes (2000), se, por um lado, há uma prontidão fisiológica, por outro, convive-se com uma imaturidade psicológica. No âmbito pessoal, a jovem grávida geralmente se questiona com perguntas como: 'Por que isso aconteceu logo comigo?' e 'O que será da minha vida a partir de agora?' De fato, muitas não estão preparadas para a maternidade.

A reconfiguração das dinâmicas familiares diante da gravidez na adolescência é, portanto, um processo complexo e multifacetado. As relações entre avós, pais e adolescentes podem ser fortalecidas ou desgastadas, dependendo de como cada parte se adapta a essa nova realidade. O apoio emocional, a comunicação aberta e a disposição para entender as perspectivas uns dos outros são fundamentais para navegar por esse período desafiador. É essencial que avós e netas se vejam como aliados em uma jornada que, embora repleta de desafios, também pode representar uma oportunidade para crescimento e fortalecimento dos laços familiares. Figueiredo (2006) relata os efeitos negativos desse cenário:

Verifica-se que o risco de uma gravidez na adolescência aumenta de forma significativa à medida que aumenta o número de condições adversas durante a infância, as quais têm um efeito cumulativo e são, na opinião de alguns autores, as principais circunstâncias de risco para a gestação na adolescência e, mais do que a idade, os principais fatores responsáveis pelos efeitos negativos observados sobre as adolescentes e seus bebês (Figueiredo, 2006, p.100).

As tensões entre gerações podem se intensificar em momentos de grande mudança, como a gravidez na adolescência. As expectativas que os avós e os pais têm em relação às jovens mães, na maioria das vezes, refletem normas sociais e culturais profundamente enraizadas. Essas expectativas, que podem ser vistas como uma forma de proteção, podem, no entanto, tornar-se um fardo, levando a conflitos que podem desgastar as relações familiares.

Para Figueiredo (2006), em muitos casos, os pais das adolescentes grávidas foram, eles próprios, pais adolescentes. A família, especialmente os pais, tem a obrigação de discutir e orientar seus filhos, que frequentemente se encontram confusos e aflitos.

Quando uma adolescente grávida busca apoio, pode encontrar resistência de avós que desejam que ela siga um caminho mais tradicional. Essa resistência pode se manifestar em comentários sobre como as coisas eram diferentes em sua época ou em tentativas de impor uma visão de maternidade que não ressoa com a realidade contemporânea da jovem. Essa dinâmica gera um campo fértil para mal-entendidos e descontentamentos, no qual o diálogo se torna escasso e as emoções, intensas, como destaca Bernardy:

Com a descoberta de uma gravidez na adolescência, as reações do meio familiar tornam-se vinculados à situação socioeconômica da família, pelo motivo de não estarem preparadas para enfrentar essa nova realidade. Outro fato associado a reação familiar é a cultura que cada uma adota, e tende a reação negativa de alguns grupos familiares, já em outros grupos, apesar da surpresa reagem de maneira positiva. (Bernardy, 2011, apud Inácio *et al.*, 2015, p. 27).

A falta de comunicação aberta é um dos principais fatores que alimentam esses conflitos. Muitas vezes, os avós, por estarem preocupados com o bem-estar da neta e do neto,

podem não perceber que suas abordagens são percebidas como críticas. Por outro lado, as adolescentes podem sentir que suas vozes não são ouvidas, o que as leva a se fecharem e a não compartilharem suas inseguranças e medos. Essa barreira de comunicação pode criar um ciclo vicioso, no qual cada parte se sente incompreendida e isolada em suas experiências.

Observa-se que com a descoberta de uma gravidez na adolescência, as reações do meio familiar tornam-se vinculados a dois sentimentos tanto de decepção, por ser um momento inesperado, quanto de felicidade, por ser a chegada de uma criança. É importante ressaltar que os pais dos adolescentes deveriam ser mais acessíveis e orientar seus filhos com relação a dúvidas sobre a sexualidade, a fim de evitar a gravidez precoce (Amorim 2012, p.29).

Contudo, é possível transformar essas tensões em oportunidades de crescimento. Um diálogo honesto e respeitoso pode abrir portas para a compreensão. Quando os avós se dispõem a ouvir e a aprender sobre as experiências de suas netas, eles não apenas validam suas emoções, mas também se tornam aliados valiosos. Por exemplo, “uma jovem mãe pode se sentir mais à vontade para compartilhar suas preocupações sobre a maternidade se perceber que seus avós estão dispostos a escutá-la sem julgamentos” (Lima *et al.* 2023, p.19) exploram a importância do diálogo entre adolescentes e suas famílias sobre sexualidade, enfatizando que uma comunicação aberta e respeitosa pode fortalecer os laços familiares e promover um ambiente de apoio mútuo.

Além disso, a criação de momentos de união familiar pode ajudar a suavizar as arestas. Atividades simples, como cozinhar juntas ou participar de reuniões familiares, podem proporcionar um espaço seguro para que avós e netas compartilhem suas histórias e experiências. Contexto em que Ramos (2015, p.192) descreve que os “avós podem assumir diferentes significados na vida dos netos, mudando o tipo de interação estabelecida, assim como a própria intensidade do contato, quando estes são crianças e/ou adolescentes.” Esses momentos não apenas fortalecem os laços familiares, mas também promovem um ambiente de apoio e compreensão.

É importante destacar que, embora as tensões intergeracionais sejam comuns, elas não são insuperáveis. A disposição para o diálogo, a empatia e o respeito mútuo são fundamentais para superar os desafios que surgem. A gravidez na adolescência pode, de fato, ser um catalisador para o fortalecimento das relações familiares, desde que haja um esforço consciente para cultivar a comunicação e a compreensão entre as gerações. Por meio desse processo, avós e netas podem encontrar um novo equilíbrio, construindo uma relação mais rica e significativa, na qual todos se sentem valorizados e apoiados.

Conforme Ramos *et al* (2020), “o papel de avô/avó surge, em média, aos 50 e 60 anos de idade, o que possibilita que avós e netos possam esperar viver, em comum, duas a três décadas. Desse modo a terceira década ocorrerá já com os netos adolescentes iniciando suas atividades sexuais.”

A gravidez na adolescência, embora desafiadora, pode criar oportunidades valiosas para o fortalecimento das relações familiares. Quando um novo membro se junta à família, a dinâmica entre avós, pais e adolescentes pode se transformar de maneira surpreendente. É nesse cenário que o amor e o apoio se tornam essenciais, e a colaboração entre gerações pode gerar um impacto positivo duradouro.

De acordo com Rabelo e Neri (2014, p.114), “a convivência entre idosos, adultos, adolescentes e crianças acarreta alterações na hierarquia e na dinâmica da família, diversificação das funções e mudanças nos papéis.” As jovens mães frequentemente se deparam com um turbilhão de emoções, e a presença dos avós pode ser um alicerce fundamental (Rabelo e Neri (2014). Relatos de avós que se envolvem ativamente na vida de suas netas grávidas revelam como essa conexão pode ser transformadora. Muitos avós tornam-se figuras de apoio, oferecendo não apenas conselhos práticos, mas também um espaço seguro para que as jovens mães compartilhem suas inseguranças e medos. Essa relação, marcada pela empatia e compreensão, pode ajudar a suavizar a transição para a maternidade.

O estudo de Moreira *et al.* (2008) destaca que a descoberta da gravidez pode desencadear uma sobreposição de sentimentos negativos dentro do contexto familiar, sendo a revolta um dos mais marcantes. Esse achado está alinhado com pesquisas que indicam que a gestação, especialmente quando não planejada, pode ser recebida com choque, medo e rejeição, particularmente em famílias que possuem expectativas rígidas sobre os papéis sociais e o momento ideal para a maternidade.

Ainda é relevante considerar que a reação familiar pode ser influenciada por fatores como a idade da gestante, sua condição socioeconômica e o suporte emocional disponível. Em muitos casos, após o impacto inicial, esses sentimentos negativos podem evoluir para aceitação e apoio, dependendo da dinâmica familiar e do suporte social presente (Moreira *et al.*, 2008)

Além disso, a colaboração entre avós e netas na criação do bebê pode criar laços ainda mais profundos. Trabalhar juntos para enfrentar os desafios diários da maternidade, desde a troca de fraldas até a escolha de nomes, promove um senso de unidade e propósito. Essas

experiências compartilhadas não apenas fortalecem os laços familiares, mas também criam memórias afetivas que serão lembradas por gerações.

É importante destacar que, mesmo em meio a essa colaboração, a comunicação aberta é essencial. As expectativas e valores de cada geração podem diferir, e é fundamental que avós e netas se sintam à vontade para expressar suas perspectivas. O diálogo honesto pode ajudar a evitar mal-entendidos e criar um ambiente de respeito mútuo. Quando as jovens mães sentem que suas opiniões são valorizadas, elas se tornam mais confiantes em suas decisões e em sua nova função.

A gravidez na adolescência ainda constitui assunto bastante complexo devido às inúmeras implicações biopsicossociais. As diversas modificações físicas e psicológicas que a adolescente sofre geralmente implicam dificuldades de adaptação e possibilidades de distúrbios psicológicos ou de relacionamentos com a família e amigos.

Nesse período do desenvolvimento humano, a introdução do agravante de uma gravidez não planejada e, muitas vezes, sem o necessário pré-natal exige atenção especial tanto de familiares quanto de equipes de apoio. Dias e Teixeira (2010, p. 129) apontam que intervenções que visem prevenir a gravidez na adolescência não devem se restringir a oferecer informações sobre métodos contraceptivos.

Os momentos de celebração, como o nascimento do bebê, também desempenham um papel crucial na construção de laços familiares. Esses eventos marcam não apenas a chegada de uma nova vida, mas também a união da família em torno de um objetivo comum. As festas de aniversário, os primeiros passos e as conquistas do bebê tornam-se oportunidades para que avós e netas celebrem juntas, criando um legado emocional positivo que perdurará ao longo do tempo.

Dias e Teixeira (2010) sugerem um olhar diferenciado sobre a gravidez na adolescência, considerando tanto suas consequências negativas quanto positivas para todos os envolvidos. Os autores apontam que a maternidade precoce pode ser o único projeto de vida acessível para adolescentes com limitações educacionais e dificuldades de ascensão social. Muitas delas podem utilizar a gravidez como forma de se posicionar na comunidade e obter algum tipo de reconhecimento como mães, visto que se sentem excluídas do mercado de trabalho e da educação de qualidade.

A gravidez na adolescência, embora repleta de desafios, pode ser um catalisador para o fortalecimento das relações familiares. A colaboração entre avós e netas, a comunicação aberta e os momentos de celebração são elementos que, quando combinados, criam um ambiente de apoio e amor. Essa nova configuração familiar, quando nutrida com carinho e

compreensão, não apenas ajuda as jovens mães a se adaptarem à maternidade, mas também transforma a dinâmica familiar, criando laços que resistem ao tempo e às adversidades.

A influência da comunidade e do contexto social nas relações familiares diante da gravidez na adolescência é um aspecto fundamental que merece atenção. As interações familiares não acontecem de forma isolada, mas são moldadas por uma rede complexa de fatores sociais, culturais e econômicos, que impactam diretamente a dinâmica entre avós, pais e adolescentes.

Quando uma jovem descobre que está grávida, a reação da comunidade ao seu redor pode ser um reflexo das normas sociais vigentes. Em muitos casos, a sociedade tende a estigmatizar a gravidez na adolescência, o que pode intensificar o estresse emocional que a jovem mãe já está enfrentando. Esse estigma não apenas afeta a autoestima da adolescente, mas também a maneira como os membros da família interage entre si. As avós, que muitas vezes atuam como pilares de apoio, podem sentir-se pressionadas a proteger suas netas do julgamento alheio, o que pode levar a um comportamento mais protetivo e, em alguns casos, superprotetor.

Nesse cenário, a literatura aponta diversas mudanças na dinâmica familiar, pois, com o nascimento do bebê, a vida da adolescente e de sua família passa por uma grande transformação. A presença do novo membro exige responsabilidade e disponibilidade por parte de todos. Torna-se necessário buscar formas de suprir os gastos adicionais, levando muitos familiares a intensificar sua jornada de trabalho. A adolescente, por sua vez, precisa adaptar seus horários às necessidades do bebê, frequentemente renunciando a seus desejos pessoais. Na maioria dos casos, isso gera grande tristeza, embora muitas compreendam que essa adaptação é indispensável. Além disso, é comum que a adolescente sinta a necessidade de abandonar os estudos (Souza *et al.*, 2012, p. 796).

A presença de redes de apoio comunitário é fundamental nesse contexto. Grupos de apoio, organizações não governamentais e serviços sociais podem oferecer recursos valiosos para adolescentes grávidas e suas famílias. Esses serviços podem incluir aconselhamento, assistência financeira e, até mesmo, programas educacionais que ajudam as jovens mães a continuar seus estudos. A interação com outras mães em situações semelhantes pode proporcionar um espaço seguro para a troca de experiências e a construção de amizades que ajudam a aliviar a solidão que muitas adolescentes sentem.

Assim, a estruturação da família está intimamente relacionada com o momento histórico que atravessa a sociedade da qual ela faz parte, por um conjunto significativo de variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas e históricas (Silva e

Tonete 2006). “A adolescência exige mudanças estruturais e a renegociação de papéis dentro da família. A busca por maior independência e autonomia por parte dos adolescentes acelera as transformações nos relacionamentos entre gerações” (Carter; McGoldrick, 2008, p. 132).

Ainda, a cultura local, especialmente em lugares como Palmas, Tocantins, desempenha um papel significativo na forma como a gravidez na adolescência é percebida. Em comunidades onde a gravidez precoce é normalizada ou até celebrada, as jovens podem se sentir mais apoiadas e menos isoladas. Por outro lado, em ambientes onde há uma forte pressão para se conformar a padrões tradicionais, a adolescente pode enfrentar um fardo emocional maior, dificultando sua adaptação à nova realidade.

A sexualidade talvez se constitua um dos tópicos mais importantes e mais difíceis tanto para o próprio adolescente e para seus pais, como para a sociedade como um todo, particularmente na cultura ocidental, herdeira da tradição judaico cristã e do culto da “culpa” e do “pecado” (Ameida, 2003 p.125).

Relatos de jovens mães que encontraram apoio em suas comunidades revelam como a solidariedade pode fazer toda a diferença. Uma adolescente, por exemplo, compartilhou como um projeto comunitário a ajudou a se conectar com outras mães, criando um laço de amizade que se torna uma fonte de força. Essas interações não apenas ajudam a construir resiliência, mas também promovem um senso de pertencimento que é vital para a saúde mental da jovem.

Para Rolim et al (2021 p. 8), “o desenvolvimento de estratégias para prevenção foi baseado na difusão da informação de qualidade, inclusão do envolvimento da família e parceria entre escola e serviços de saúde. Nesse contexto, a influência da comunidade escolar e do contexto social nas relações familiares é, portanto, um fator determinante na forma como as adolescentes grávidas enfrentam seus desafios. Esse apoio pode servir como um amortecedor contra o estigma e a pressão social, permitindo que as jovens mães se sintam valorizadas e compreendidas. Assim, ao fortalecer essas redes de apoio, é possível não apenas melhorar a qualidade de vida das adolescentes grávidas, mas também promover um ambiente familiar mais coeso e solidário.

4 O PAPEL DA ESCOLA NO APOIO ÀS ADOLESCENTES GRÁVIDAS

A escola, muitas vezes vista apenas como um local de aprendizado acadêmico, tem o potencial de transformar-se em um verdadeiro refúgio para adolescentes grávidas. É nesse ambiente que elas não apenas buscam conhecimento, mas também encontram um espaço de acolhimento e socialização, essencial para o seu desenvolvimento emocional e social. A importância desse acolhimento não pode ser subestimada, pois é na escola que as adolescentes têm a oportunidade de se conectar com seus pares, compartilhar experiências e, muitas vezes, encontrar apoio em momentos de vulnerabilidade.

Nesse limiar, ao abordar o tema da sexualidade e da orientação sexual na escola, é essencial oferecer aos estudantes a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e refletir sobre suas escolhas. Esse processo envolve o acesso a informações, a possibilidade de expressar angústias e o questionamento de preconceitos por meio do diálogo e do debate.

Para muitas adolescentes, a escola é o único lugar onde podem compartilhar sentimentos, sensações e dúvidas, em meio a uma tempestade de emoções e desafios que a fase ou o contexto em que estão inseridas delimita. Relatos de educadores revelam como a criação de um ambiente inclusivo pode fazer toda a diferença na condução de suas vidas. Professores que se empenham em promover um clima de empatia e compreensão transformam a sala de aula em um espaço seguro, onde as adolescentes grávidas se sentem valorizadas e respeitadas, em vez de discriminadas. Essas iniciativas são fundamentais, pois contribuem para que as jovens mães não se sintam isoladas ou estigmatizadas.

A educação sexual nas escolas, portanto, é fundamental para que os adolescentes possam falar sobre sua sexualidade, sem preconceito, separando os tabus, para tanto, é fundamental o papel do professor nesta mediação. Além disso, a sala de aula deve ser um espaço que possibilite o autoconhecimento e a descoberta de outras formas de relacionamento afetivo que não se limite as relações sexuais (Domingos 2010, p.21).

Entretanto, nem todas as experiências escolares são positivas. Muitas adolescentes relatam que, ao revelarem sua gravidez, enfrentaram olhares julgadores e comentários maldosos. Essa falta de empatia pode levar a um efeito oposto, afastando as jovens do ambiente escolar e prejudicando sua educação. Nesse sentido, é essencial que as instituições de ensino se comprometam a implementar políticas que promovam a inclusão e a aceitação, garantindo que todas as alunas, independentemente de suas circunstâncias, tenham acesso a um espaço seguro e acolhedor.

A escola constitui um espaço adequado para o desenvolvimento de programas de promoção de saúde voltados para crianças e adolescentes. Boa parte das adolescentes revelou ter recebido orientações nas escolas quanto à saúde sexual, prevenção de gravidez e aquisição gratuita de preservativos (Severino; Dill 2016, p.9).

Os educadores desempenham um papel essencial nesse processo. A formação contínua e a sensibilização dos professores são fundamentais para que eles possam lidar com a diversidade de situações que seus estudantes enfrentam. Quando os educadores compreendem os desafios da gravidez na adolescência, eles se tornam aliados valiosos, capazes de oferecer não apenas apoio acadêmico, mas também emocional. A empatia e a escuta ativa são ferramentas poderosas que podem ajudar a moldar um ambiente escolar mais acolhedor.

De acordo com o estudo feito por Cerqueira-Santos (2010, p. 76), “a escola é encarada como uma necessidade provisória, até buscar a permissão de acesso das adolescentes a um trabalho que assegure a subsistência e permita contribuir para o orçamento familiar.”

Também, a socialização entre as jovens mães e suas colegas é um aspecto vital. A construção de laços de amizade e apoio mútuo proporciona um alicerce emocional importante. Quando as adolescentes se sentem à vontade para compartilhar suas experiências, elas não apenas aliviam o peso da situação, mas também criam uma rede de suporte que pode ser fundamental durante a maternidade. Uma vez que, como afirma Godinho *et al* (2000), adolescentes não estão preparadas emocionalmente para enfrentar a conjuntura de serem mães, dado que “na adolescência, o indivíduo ainda não possui capacidade para racionalizar as consequências futuras, decorrente do seu comportamento sexual, deparando-se frequentemente com situações de risco, como gravidez não planejada ou desejada” (Godinho *et al* 2000, p.25).

Nessas considerações, grupos de apoio dentro da escola, nos quais as jovens podem se reunir para compartilhar suas vivências, constituem ferramentas eficazes na promoção da socialização. Nesse contexto, algumas questões podem surgir com a gravidez precoce, sendo uma delas o agravamento da busca por soluções ilegais para a gravidez não planejada (Taborda *et al.*, 2014). Esse problema tende a se intensificar quando a gestação é indesejada e/ou ocorre sem apoio social e familiar, o que pode levar à prática do aborto ilegal.

Histórias de adolescentes grávidas que encontraram na escola um espaço de acolhimento são inspiradoras. Uma jovem, por exemplo, compartilhou como a amizade de uma colega a ajudou a enfrentar os desafios da maternidade precoce. No grupo, elas se tornaram confidentes, trocando conselhos e experiências, e essa conexão foi fundamental para que a jovem se sentisse menos sozinha em sua jornada (A.S.T., 15 anos). Essas relações não

apenas fortalecem o espírito comunitário, mas também promovem um senso de pertencimento, essencial para o bem-estar emocional das adolescentes.

Ratificamos que a escola deve ser vista como um espaço de acolhimento e socialização, onde as adolescentes grávidas possam encontrar apoio e compreensão. A promoção de um ambiente inclusivo, com educadores capacitados e iniciativas que estimulem a empatia, é fundamental para que essas adolescentes não apenas continuem seus estudos, mas também se sintam valorizadas e respeitadas. É por meio da construção de laços afetivos e do fortalecimento das relações sociais que as adolescentes grávidas podem encontrar a força necessária para enfrentar os desafios que surgem nesse processo precoce.

Segundo Afonso (2009, p. 28), “são cada vez mais precoces as relações sexuais íntimas, relações, estas, associadas a comportamentos de risco (gravidezes não desejadas e de doenças sexualmente transmissíveis).” As iniciativas de educação em saúde e o planejamento familiar são ferramentas fundamentais para reduzir os casos de gravidez na adolescência. É crucial no ambiente escolar, manter discursões acerca da sexualidade na adolescência, e a disponibilidade de contraceptivos, bem como a abordagem de doenças sexualmente transmissíveis.

É fundamental que se estimule a prática da dupla proteção, ou seja, os profissionais de saúde e educação têm a responsabilidade de realizar campanhas informativas sobre todos os métodos disponíveis para uma contracepção eficaz, que promovam a inclusão e vão além da prevenção da gravidez, abordando também a prevenção de DSTs. Alves (2017, p. 6) afirma que, na fase da adolescência, as práticas sexuais tornam-se mais explícitas, e a não utilização dos métodos contraceptivos ou de barreira torna essas pessoas mais propensas a desenvolver uma gravidez indesejada e predispostas a doenças sexualmente transmissíveis.

A educação desempenha um papel vital na instrução e apoio aos estudantes, especialmente às adolescentes grávidas, não apenas como um meio de continuidade acadêmica, mas também como uma rede de recursos que pode redimensionar suas vidas. Nesse contexto, em nível federal, está instituída a Semana Nacional de Prevenção à Gravidez na Adolescência pela Lei nº 13.798/2019, que amplia o artigo 8º da Lei nº 8.069/90, programa que inclui as diretrizes no âmbito escolar.

Nesse segmento, a Secretaria de Estado da Saúde (SES-TO) realiza a distribuição da Caderneta de Saúde do Adolescente nos postos, acompanhada de orientações sistematizadas por bairro. Observamos um pequeno decréscimo na taxa, demonstrando que é preciso investir ainda mais em políticas de prevenção. Vale salientar que essas discussões e ações precisam ser contínuas e não apenas em momentos definidos e pontuais.

Os programas de apoio pedagógico são fundamentais nesse contexto. A rede estadual de educação do Tocantins, têm adotado aulas de reforço, que não apenas ajudam as adolescentes a manterem seu desempenho acadêmico, mas também oferecem um espaço em que podem expressar suas preocupações e desafios. Essas aulas são mais do que uma simples repetição de conteúdos; elas se transformam em um espaço de acolhimento, onde as jovens podem compartilhar suas experiências e receber apoio emocional de educadores sensíveis às suas necessidades, relato da adolescente (S.T.S., 16 anos).

Além do reforço acadêmico, a orientação educacional ou vocacional surge como um recurso essencial nesse contexto. Muitas adolescentes grávidas sentem-se inseguras sobre seu futuro profissional, especialmente em um momento em que suas vidas estão passando por grandes mudanças biológicas, sociais e emocionais. O que, para Alves (2017, p. 11), "compromete o futuro profissional, dificulta o retorno à escola e limita as oportunidades de trabalho."

Programas de orientação vocacional podem ajudá-las a visualizar possibilidades, guiando-as na escolha de caminhos que respeitem suas aspirações e condições. Ao oferecer workshops e palestras com profissionais de diversas áreas, as escolas podem inspirar essas estudantes, adolescentes e jovens, a sonharem e planejarem um futuro que vai além da maternidade. Cano *et al* (2000, p. 22), acrescenta que "é preciso encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que protejam ao máximo sua iniciação sexual, tenham responsabilidade, autoestima e pratiquem sexo com segurança."

O acompanhamento psicológico é outro pilar que não pode ser negligenciado. A pressão emocional que acompanha a gravidez na adolescência pode ser avassaladora, uma vez que as jovens podem enfrentar sentimentos de medo, ansiedade e até depressão. Ter acesso a um psicólogo escolar pode fazer toda a diferença, proporcionando um espaço seguro para que possam falar sobre suas emoções e desafios. Entendemos que esse suporte psicológico não só ajuda a aliviar o peso emocional, mas também contribui para o fortalecimento da autoestima e da autoconfiança, fundamentais para que essas jovens enfrentem os desafios da maternidade e da vida.

Outra estratégia para garantir um ambiente escolar mais acolhedor é investir na capacitação de professores. A formação contínua dos educadores em temas como gravidez na adolescência e empatia é essencial. Medeiros (2020, p. 20) afirma que, de forma geral, nas escolas de ensino médio, a responsabilidade de ensinar sobre educação sexual é deixada para os professores de Biologia, por se acreditar que é um assunto inerente à disciplina. Quando os

professores compreendem as complexidades que os estudantes enfrentam, eles se tornam aliados valiosos.

Relatos de educadores que participaram de treinamentos mostram como essas iniciativas têm transformado a dinâmica na sala de aula, criando um espaço onde as adolescentes se sentem pertencentes, valorizadas e respeitadas e, para além do componente curricular de Biologia, o cotidiano irá dizer o momento certo.

A colaboração entre as escolas e a comunidade é outro aspecto que merece destaque. Parcerias com organizações não governamentais e serviços sociais ampliam o alcance do apoio proporcionado às adolescentes grávidas. Essas parcerias podem resultar em eventos comunitários, grupos de apoio e workshops que promovem a inclusão e a solidariedade. Quando a escola se conecta com a comunidade, criamos um ambiente mais robusto de suporte, onde as adolescentes podem encontrar não apenas ajuda, mas também inspiração e esperança.

Os recursos educacionais e o apoio pedagógico são fundamentais para garantir que adolescentes grávidas não apenas continuem seus estudos, mas também se sintam apoiadas em sua jornada precoce. A combinação do atendimento na formação escolar, sejam nas aulas presenciais ou atendimento domiciliar aquelas que necessitam, o reforço, orientação vocacional, acompanhamento psicológico e da assistência social, bem com a capacitação de professores, cria um ecossistema de apoio que pode redimensionar vidas. Ao investir na educação dessas jovens, não apenas as ajuda a superar os desafios do presente, mas também contribui para a construção de um futuro esperançoso de possibilidades.

A formação continuada de educadores é um aspecto crucial para garantir que as adolescentes grávidas encontrem na escola um espaço acolhedor e de apoio, pois na concepção de Medeiros (2020, p. 21), o diálogo com relação à prevenção da gravidez na adolescência deve contemplar adolescentes, independente do gênero a que pertençam. Nesse cenário, a sensibilização e capacitação dos profissionais da educação não devem ser vistas como um mero complemento ao currículo, mas sim como uma necessidade urgente e fundamental na formação profissional.

A discussão sobre o fenômeno da gravidez precoce deve ser uma constante no âmbito escolar. À medida que os educadores se tornam conscientes das realidades enfrentadas pelas adolescentes nesse contexto, eles podem atuar de maneira mais empática e eficaz, criando um ambiente que promove a inclusão e o respeito. Damiani (2003, p. 163) reforça que ensinar a prevenir é educar por meio de informações disponíveis, organizadas de maneira lógica pelo

professor, e por meio de comportamentos e ações diante da realidade com que se defronta, a fim de gerar resultados satisfatórios que impactem a sociedade de forma positiva.

Muitas vezes, um dos principais desafios enfrentados pelos educadores é a falta de conhecimento sobre a complexidade da realidade da gravidez na adolescência. Contexto em que os professores geralmente se sentem despreparados para lidar com as nuances emocionais e sociais que acompanham essa experiência. Portanto, a implementação de programas de formação que abordem temas como gravidez na adolescência, empatia, e intergeracionalidade é essencial. Esses programas devem incluir não apenas informações teóricas, mas também práticas que incentivem a reflexão e a troca de experiências entre os educadores. Damiani (2003, p. 163), também afirma que, “lamentavelmente, os serviços de saúde, a nossa sociedade, a família e a escola não estão devidamente preparadas para acolherem gestantes adolescentes.”

De acordo com Figueiró (2020), escolas que já implementaram treinamentos para seus professores relatam mudanças significativas na dinâmica da sala de aula. Educadores que participam de workshops sobre como lidar com adolescentes grávidas, por exemplo, aprendem a reconhecer sinais de estresse e ansiedade, além de desenvolverem habilidades para criar um diálogo aberto e respeitoso com suas alunas, também evita a incidência. Essa abordagem não apenas melhora o ambiente escolar, mas também fortalece a confiança das adolescentes em seus educadores, permitindo que se sintam mais à vontade para compartilhar suas preocupações.

Nesse sentido, é essencial que as escolas cultivem uma cultura de apoio mútuo entre os educadores. Quando os professores se sentem apoiados e valorizados, o ambiente escolar se torna mais colaborativo e produtivo. A criação de grupos de discussão e suporte entre os educadores também pode ser uma estratégia eficaz para compartilhar experiências e encontrar soluções conjuntas para os desafios enfrentados na sala de aula.

Para Silva e Oliveira (2019, p. 65), a articulação entre escolas e instituições externas, que oferecem treinamentos específicos para educadores, é uma estratégia eficaz para o fortalecimento das redes de apoio escolar e comunitário. Essa colaboração amplia as possibilidades de atendimento a estudantes em condições especiais, como as adolescentes grávidas. A formação contínua dos educadores deve ser uma prioridade nas políticas educacionais.

A construção de parcerias e redes de apoio é um passo fundamental para garantir que adolescentes grávidas recebam o suporte necessário durante essa fase desafiadora de suas vidas. As escolas, ao se conectarem com serviços sociais e comunidades, podem criar um

ambiente mais inclusivo e acolhedor, em que as jovens mães não apenas se sintam amparadas, mas também tenham acesso a recursos que facilitem sua jornada.

A sensibilização dos educadores deve ir além das fronteiras da sala de aula. É fundamental que esses profissionais se tornem suportes das adolescentes grávidas dentro da comunidade escolar. Isso implica em trabalhar em conjunto com a gestão da escola para implementar políticas que promovam a inclusão e o respeito, além de participar de iniciativas que busquem desestigmatizar a gravidez na adolescência na sociedade como um todo.

A formação de educadores é, portanto, um passo fundamental para garantir que as adolescentes grávidas encontrem na escola um espaço acolhedor e de apoio. Por meio de programas de capacitação, a promoção de uma cultura de apoio mútuo e a defesa de políticas inclusivas, é possível transformar a experiência escolar dessas jovens, contribuindo para seu desenvolvimento pessoal e manutenção e ampliação acadêmica. Ao investir na formação de educadores, não estamos apenas investindo no futuro dessas adolescentes, mas também na construção de uma sociedade mais justa e empática.

Ao procurar sua identidade adolescente, o indivíduo recorre como comportamento defensivo, à busca de uniformidade que lhe garanta segurança e estima pessoal. Trata-se do espírito de grupo em que se dá uma super identificação de massa, onde todos identificam cada um (Knobel, 2010, p.135).

Partindo desses pressupostos, segundo Silva e Fernandes (2018 p.35), “a colaboração entre escolas e ONGs amplia a capacidade de atendimento às necessidades dos estudantes, especialmente os mais vulneráveis, oferecendo recursos complementares que ajudam a minimizar os impactos de situações desafiadoras, como a gravidez na adolescência.”

Para Nunes e Oliveira (2020, p. 22), programas educativos promovidos por parcerias com instituições externas, como oficinas e grupos de apoio, contribuem para o desenvolvimento de competências socioemocionais em jovens mães, ajudando-as a enfrentar os desafios da maternidade com mais segurança. Nessa perspectiva, Freire (1996, p.45) “argumenta que a escola, ao assumir um papel integrador e acolhedor, não apenas educa, mas também contribui para a formação de um sujeito autônomo e crítico, na promoção de solidariedade e respeito às diferenças.”

As histórias de sucesso emergem dessas iniciativas. Em Palmas, por exemplo, projeto comunitário que une escolas e centros de saúde tem proporcionado às adolescentes grávidas acesso a consultas médicas regulares e informações sobre cuidados pré-natais. Essa iniciativa não apenas melhora a saúde das jovens mães e de seus bebês, mas também fortalece os laços comunitários, criando um senso de pertencimento e apoio mútuo.

A formação de grupos de apoio entre as próprias adolescentes pode ser uma estratégia poderosa. Quando as jovens se reúnem para compartilhar experiências e desafios, elas não apenas aliviam o peso emocional que carregam, mas também constroem uma rede de suporte que pode ser vital durante a maternidade. Essas interações promovem a empatia e a compreensão, criando um espaço seguro onde as adolescentes se sentem à vontade para discutir suas inseguranças e medos.

A importância de envolver a família nesse processo é essencial, e não pode ser subestimada. As mães, futuras avós, muitas vezes desempenham um papel crucial no apoio às adolescentes grávidas. Criar um espaço onde mães/avós e filhas, adolescentes grávidas/futuras mães, possam se reunir e discutirem a gravidez, as expectativas e as preocupações, pode ajudar a suavizar as tensões que podem surgir. Essa comunicação aberta e honesta é importante para fortalecer os laços familiares e garantir que todos se sintam valorizados e ouvidos.

De acordo com Leite e Bohry (2012, p. 55), no seio familiar, ocorrem diversos tipos de reações diante de uma gravidez na adolescência. Algumas famílias acabam por forçar um casamento, mesmo que não haja maturidade emocional e financeira para isso, apenas para que as jovens não fiquem "mal vistas" perante a sociedade. Em casos extremos, essas jovens são expulsas de casa e abandonadas; além disso, há outras famílias que recorrem à violência física e psicológica, o que pode levar as adolescentes a cometerem um aborto. São raros os casos em que a família age de forma equilibrada e compreensiva.

Contudo, as parcerias entre escolas, serviços sociais e comunidades, aliadas ao envolvimento das famílias, podem redimensionar a experiência das adolescentes grávidas. Ao criar uma rede de apoio abrangente, é possível não apenas atender às necessidades imediatas dessas jovens mães, mas também promover um ambiente de aprendizado mais inclusivo e solidário. Por meio desse esforço conjunto, do investimento na formação docente e da criação de grupos de discussão e apoio, concretiza-se, no contexto escolar, não apenas a ajuda para que as adolescentes superem os desafios inerentes à gravidez precoce, mas também a contribuição para a construção de um futuro de possibilidades para elas e suas famílias, em um contexto significativo de intergeracionalidade e no redimensionamento de relações socioafetivas consolidadas.

5 AVOSIDADE E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E AS LIGAÇÕES SOCIOAFETIVAS

Ao abordar a gravidez na adolescência, é essencial considerar o contexto em que esse evento ocorre, reconhecendo as complexas interações entre gerações que se desenrolam nesse cenário. Um dos aspectos mais importantes a serem considerados é o papel dos avós nas dinâmicas familiares. Esses indivíduos que, muitas vezes, desempenham funções de apoio emocional e prático, tornam-se figuras centrais na vida de adolescentes grávidas.

A relação entre avós e netos pode oferecer um espaço seguro e acolhedor, no qual as jovens mães encontram suporte em um momento repleto de incertezas e desafios. Para De Souza (2023, p.293), “o fenômeno social do tornar-se “avó e avô” é uma experiência cada vez mais comum nas populações do século XXI, sendo considerado “o século dos avós”. Essa relação intergeracional é fundamental para a construção de vínculos socioafetivos que podem contribuir para o bem-estar das adolescentes e de seus filhos.

As implicações sociais, psicológicas e culturais da gravidez na adolescência são vastas. Socialmente, o estigma associado a esse fenômeno pode levar ao isolamento das jovens mães, dificultando sua inserção em redes de apoio e recursos disponíveis. Psicologicamente, as adolescentes podem enfrentar uma série de emoções conflituosas, desde a ansiedade até a alegria, à medida que lidam com a nova realidade de serem mães. Culturalmente, as expectativas e normas familiares podem influenciar a maneira como a gravidez é vivenciada e como as relações entre gerações se configuram. Portanto, compreender a gravidez na adolescência exige uma análise cuidadosa das interações familiares e das redes de apoio disponíveis.

De Souza (2023) afirma ainda que a condição de se tornar avô ou avó está diretamente relacionada a uma história de vida que marca gerações, entrelaçando-se no espaço da intergeracionalidade. Nesse contexto, a exploração das relações intergeracionais, especialmente o papel dos avós, se torna uma questão de suma importância.

Ao investigar essas questões, buscamos não apenas iluminar as experiências vividas, mas também oferecer uma compreensão mais profunda das complexas dinâmicas que permeiam a gravidez na adolescência e as relações familiares que a cercam.

A jornada que se inicia aqui é uma oportunidade de reflexão e aprendizado, onde cada título traz novas perspectivas sobre a avosidade e seus reflexos nas vidas das adolescentes grávidas e suas famílias. Esta exploração contribuirá para que cada história e cada experiência

corrobre para um entendimento mais amplo e inclusivo das relações intergeracionais em um tema tão relevante e atual.

A escolha de investigar a temática da gravidez na adolescência, especialmente sob a ótica das relações intergeracionais, foi motivada por uma série de fatores que refletem tanto a relevância social do tema quanto as experiências pessoais da pesquisadora. Em um mundo em constante transformação, onde as estruturas familiares estão se reconfigurando, é imprescindível compreender como essas mudanças impactam a vida das jovens mães e de suas famílias. A gravidez na adolescência não é um evento isolado, mas um fenômeno que acarreta uma série de consequências, reverberando em diversos níveis e afetando a dinâmica familiar e as relações sociais. Gomes (2023) afirma que:

Além das mudanças físicas impostas pela faixa etária, adolescência envolve um período de profundas mudanças biopsicossociais, especialmente relacionadas à maturação sexual, a busca da identidade adulta e a autonomização frente aos pais. A gravidez nesse momento de vida oferece implicações desenvolvimentais tanto para o adolescente quanto para aqueles envolvidos nessa situação (Gomes 2023, p.150).

Dados recentes indicam que a gravidez na adolescência continua a ser um desafio significativo em várias partes do mundo, incluindo o Brasil. Essa realidade exige uma abordagem cuidadosa e um olhar atento às particularidades de cada contexto. Além disso, a importância de entender as dinâmicas familiares se estende para a construção de políticas públicas e programas de apoio.

Em um cenário onde as adolescentes grávidas frequentemente enfrentam estigmas, preconceitos e a falta de recursos adequados, é fundamental que haja uma rede de suporte que considere as especificidades de suas situações. O papel dos avós, muitas vezes subestimado, pode ser um fator crucial para o bem-estar dessas jovens. Portanto, a pesquisa busca não apenas trazer à tona as experiências vividas, mas também oferecer subsídios para que as políticas públicas sejam mais inclusivas e eficazes, reconhecendo a importância do apoio intergeracional.

Ao explorar as histórias de vida e as dinâmicas familiares, esperamos contribuir para um entendimento mais profundo das complexidades que envolvem a gravidez na adolescência e as interações entre gerações.

Ao explorar as vivências das adolescentes grávidas, notório considerar que cada uma delas traz consigo uma bagagem única, repleta de desafios e superações. Ao ouvir suas vozes, é possível entender como elas lidam com a gravidez e quais são as expectativas que têm para o futuro. Para Clapis 2004 (p. 287) o que vislumbramos é o encontro de alternativas, recursos,

meios, que nos possibilitem desenvolver uma prática educativa e de cuidados a este grupo tão peculiar

O acolhimento e a compreensão por parte dos pais, futuros avós podem ser determinantes nesse processo, e pretendemos destacar essa interdependência geracional. Importante é identificar as estratégias de apoio que emergem das interações entre mães, avós e netas. Yazlle (2006, p. 444) afirma que, “os dados são preocupantes devido às possíveis repercussões psicossociais acarretadas pela gestação precoce.” Como esses laços se traduzem em ações concretas no cotidiano? Quais são as formas de suporte emocional e prático oferecidas? Através de histórias reais, ilustrado será como esses vínculos podem se tornar verdadeiros alicerces para as jovens mães, proporcionando um ambiente de amor e segurança em um momento tão delicado.

Ao longo dos anos, o conceito, o papel, o contexto dos avós têm redimensionado. A avosidade é um conceito que se refere ao papel e à influência dos avós nas dinâmicas familiares contemporâneas. Definida como a relação afetiva e de apoio que se estabelece entre avós e netos, a avosidade transcende a mera presença física, englobando um conjunto de interações emocionais e práticas que moldam a experiência familiar. Os avós tornam-se figuras centrais na vida de seus netos, oferecendo não apenas um espaço de acolhimento, mas também uma rede de suporte que pode ser vital em momentos de crise, como a gravidez na adolescência.

O conceito de avosidade transcende o papel tradicional dos avós, inserindo-os como figuras centrais na dinâmica socioafetiva, especialmente em situações de vulnerabilidade, como a gravidez na adolescência. Nesse cenário, os avós ou futuros avós não apenas oferecem suporte emocional e estrutural, mas também contribuem para a formação de vínculos intergeracionais que auxiliam tanto a jovem mãe quanto o bebê a se inserirem de forma mais equilibrada no núcleo familiar e social. Monteiro (2005), destaca que o torna-se avó é um marco para os avós com sua história de vida, para os filhos, para os netos e demais membros da família. Ser avó é uma posição relativa, subjetiva e interpessoal

As características da avosidade incluem a capacidade de oferecer orientação, amor incondicional e apoio emocional. Os avós frequentemente atuam como mediadores entre as gerações, transmitindo sabedoria e experiências que ajudam a moldar a identidade dos jovens. Essa relação intergeracional pode ser um fator de proteção, proporcionando um ambiente seguro onde as adolescentes grávidas se sentem valorizadas e compreendidas.

A importância do papel dos avós nas dinâmicas familiares contemporâneas se torna ainda mais evidente quando consideramos o contexto da gravidez na adolescência. Muitas

vezes, as jovens mães se encontram em situações de vulnerabilidade, enfrentando não apenas a pressão social e o estigma, mas também a necessidade de conciliar suas novas responsabilidades com as expectativas familiares. Nesse cenário, os avós podem desempenhar um papel fundamental, oferecendo apoio emocional e prático que pode ser decisivo para o bem-estar das adolescentes. A presença de uma avó atenta e compreensiva pode ser um alicerce em meio à tempestade emocional que a gravidez pode trazer.

Dessa maneira, Monteiro (2005, p. 5), compreende que “a participação das avós no cuidado com os netos fica evidente, embora vivamos o modelo de familiar nuclear. A essa condição denominou-se de intimidade a distância.” Temos que considerar que as avós findam por ter uma participação considerável na socialização dos seus netos.

A avosidade se manifesta de diversas formas nas relações intergeracionais. O apoio emocional, por exemplo, é uma das expressões mais significativas desse conceito. Os avós podem servir como confidentes, proporcionando um espaço seguro onde os netos, especialmente as adolescentes, podem compartilhar suas preocupações e medos. Além disso, o suporte prático, como a ajuda nas tarefas diárias ou no cuidado dos netos, também é uma manifestação importante da avosidade.

A relação entre avós e netos, especialmente em contextos de gravidez na adolescência, é rica e complexa. Essa dinâmica não apenas fortalece os laços familiares, mas também contribui para o desenvolvimento emocional e social das jovens mães. Assim, ao explorarmos o conceito de avosidade, é fundamental reconhecer a profundidade e a importância dessas relações intergeracionais, que se revelam como um recurso valioso em tempos de desafios e transformações. A avosidade, portanto, não é apenas um aspecto da vida familiar; é uma força poderosa que pode moldar o futuro das novas gerações, oferecendo amor, apoio e esperança em meio às adversidades.

As implicações sociais, econômicas e emocionais da gravidez na adolescência são vastas e complexas. Socialmente, as adolescentes grávidas frequentemente enfrentam estigmas que podem levar ao isolamento e à marginalização. O preconceito associado à gravidez precoce pode resultar em dificuldades para a inserção no mercado de trabalho, além de limitar o acesso à educação e a oportunidades de desenvolvimento pessoal. Contexto em que essas jovens se veem obrigadas a abandonar seus estudos, o que perpetua ciclos de pobreza e limita suas perspectivas futuras.

Economicamente, a gravidez na adolescência pode gerar um impacto significativo na vida das jovens mães e de suas famílias. O aumento das responsabilidades financeiras e a necessidade de prover para um novo membro da família podem levar a um estresse

considerável. Muitas adolescentes se tornam chefes de família precocemente, assumindo papéis que, em condições normais, seriam desempenhados por adultos. Essa situação pode resultar em um aumento da vulnerabilidade econômica, uma vez que as jovens podem não estar preparadas para enfrentar os desafios financeiros que acompanham a maternidade. Nessa seara, Oliveira (2011, p.204) afirma que, “apesar dos efeitos negativos, cabe ressaltar que dificilmente os avós recusam a tarefa de cuidar dos netos, independente de quão custosa ela possa ser, mesmo que eles vivam em condições precárias de saúde e habitação.”

Emocionalmente, a gravidez na adolescência traz à tona uma série de sentimentos conflitantes. A alegria de trazer uma nova vida ao mundo pode ser ofuscada por medos e inseguranças. As adolescentes enfrentam um turbilhão de emoções, incluindo ansiedade sobre o futuro, preocupações relacionadas à saúde e ao bem-estar do bebê, e a pressão para atender às expectativas sociais e familiares. A falta de apoio emocional pode intensificar esses sentimentos, levando a vários problemas de saúde mental.

Um dos aspectos mais desafiadores da gravidez na adolescência é o estigma social que a envolve. Esse estigma não afeta apenas a jovem mãe, mas também repercute em sua família e nas relações interpessoais. As adolescentes grávidas frequentemente enfrentam julgamentos e críticas, o que pode dificultar a construção de redes de apoio. Em vez de encontrar acolhimento, muitas vezes se deparam com olhares de reprovação, o que pode agravar o isolamento e a sensação de inadequação. Filder (2015) afirma que:

O fenômeno da gravidez na adolescência não é recente, no entanto, emergem novas formas de compreendê-lo e aceitá-lo segundo o pensamento da sociedade moderna. Atualmente, é compreendido como um processo que interrompe o crescimento e o amadurecimento do adolescente, resultando em perdas de oportunidades (Filder 2015, p.34).

As repercussões nas relações familiares são profundas, por isso o apoio das mães e avós é um fator crucial para o bem-estar das adolescentes grávidas. Essas figuras muitas vezes oferecem um espaço seguro e acolhedor, onde as jovens mães podem encontrar compreensão e suporte emocional, concretizando a avosidade. No entanto, nem sempre essa relação é simples. O estigma social pode criar tensões nas dinâmicas familiares, levando a conflitos entre gerações. É essencial explorar como essas interações se desenrolam e como pais e avós podem atuar como mediadores, proporcionando apoio e amor em um momento tão delicado.

A reflexão sobre a gravidez na adolescência proporciona considerar a importância do suporte intergeracional. As relações entre mães/avós, mães/adolescentes e netos podem ser transformadoras, oferecendo um alicerce emocional que pode ajudar as jovens mães a navegarem pelos desafios da maternidade precoce.

A adolescência é um complexo período da vida do ser humano caracterizada por transformações sociais, psicológicas, anatômicas e hormonais que, juntamente com as novas experiências vivenciadas, definem a construção da personalidade de um futuro adulto, afirma Filder (2015).

Entendemos que a gravidez na adolescência é um fenômeno que exige uma abordagem multidimensional, considerando suas implicações sociais, econômicas e emocionais. Ao reconhecer as complexidades envolvidas, iniciamos a construção de um entendimento mais profundo das experiências das jovens mães e das dinâmicas familiares que as cercam. É um convite à reflexão e à ação, para criar um ambiente de acolhimento e solidariedade, no qual cada jovem mãe possa encontrar o suporte necessário para enfrentar os desafios que a maternidade traz.

5.1 Relações socioafetivas entre futuros avós e adolescentes grávidas

As relações socioafetivas são fundamentais para a compreensão das dinâmicas familiares, especialmente em contextos desafiadores como a gravidez na adolescência. Essas relações vão além dos laços biológicos, englobando conexões emocionais e sociais que moldam a experiência de vida dos indivíduos. Elas se manifestam na forma de apoio, carinho e solidariedade, proporcionando um ambiente propício para o desenvolvimento emocional e social das adolescentes grávidas. Limiar em que Medeiros (2015) compreende que criar um ambiente passível de diálogo é possível, compreendendo que é um movimento que não distingue questões afetivas, sociais, culturais e sexuais.

No contexto familiar, as relações socioafetivas se configuram através das interações cotidianas, nas quais pais/avós e netos compartilham experiências, sentimentos e desafios.

As relações socioafetivas são particularmente importantes durante a gravidez de adolescentes, as jovens mães frequentemente enfrentam um turbilhão de emoções. O apoio emocional oferecido pelas mães, futuras avós, pode ajudar a mitigar a ansiedade e o estresse, proporcionando um alicerce de amor e compreensão. Torna-se um porto seguro. Juntas, elas podem compartilhar momentos de vulnerabilidade e esperança, nos quais a mãe/avó não apenas oferece conselhos práticos sobre a maternidade, mas também compartilha suas próprias experiências, mostrando que é possível superar desafios.

Além do apoio emocional, as relações socioafetivas também se manifestam por meio de ações práticas. Os avós ou futuros avós, frequentemente assumem um papel ativo na vida de seus netos, ajudando com tarefas diárias, cuidados com os bebês e, até mesmo, na gestão

das emoções. Essa presença constante e aliada pode aliviar a carga que as jovens mães sentem, o que possibilita que elas se concentrem em suas próprias necessidades e no desenvolvimento de uma parentalidade saudável. Assim, aprender é agir no mundo, e essas ações produzem conhecimentos, dentro e fora do contexto educacional (Freire, 1987).

A importância do suporte intergeracional é evidente quando as implicações sociais e emocionais que a gravidez na adolescência traz são consideradas. O estigma social associado a esse fenômeno pode levar ao isolamento, dificultando a construção de redes de apoio. Nesse sentido, os pais, futuros avós, podem atuar como mediadores, ajudando a jovem mãe a enfrentar preconceitos e a se reconectar com sua família e comunidade. O desenvolver do sentimento de avosidade prévio pode servir como um modelo de resiliência, em que as adversidades são enfrentadas com amor e compreensão.

É crucial reconhecer que as relações socioafetivas não são isentas de desafios. Em algumas situações, as expectativas e normas familiares podem gerar tensões, especialmente se os pais, futuros avós, tiverem visões diferentes sobre a maternidade e a educação. Contudo, a comunicação aberta e o respeito mútuo são essenciais para superar essas dificuldades. Quando pais e filhas se dispõem a dialogar e a compartilhar suas perspectivas, é possível construir um vínculo mais forte e saudável.

Em suma, as relações socioafetivas desempenham um papel vital no bem-estar das adolescentes grávidas e de suas famílias. O suporte emocional e prático oferecido pelos futuros avós pode ser um fator de proteção, contribuindo para a construção de um ambiente familiar acolhedor e seguro. Ao explorar essas dinâmicas, podemos entender melhor como as interações entre gerações moldam as experiências de vida, especialmente em momentos de transformação, como a gravidez na adolescência. Esse é um convite para refletir sobre a importância do amor, do apoio e da solidariedade nas relações familiares, destacando que esses laços podem ser fortalecidos em tempos desafiadores.

5.2 Intersecções entre avosidade e gravidez na adolescência

As interações entre pais, futuros avós e adolescentes grávidas revelam um espaço riquíssimo de experiências compartilhadas, onde o amor e o apoio se entrelaçam em momentos de vulnerabilidade e transformação. A gravidez na adolescência, muitas vezes marcada por incertezas, preconceitos e desafios, cria uma oportunidade singular para que os futuros avós se tornem figuras fundamentais no processo de acolhimento e suporte emocional.

Esses laços intergeracionais não apenas fortalecem a família, mas também oferecem um alicerce essencial para o desenvolvimento das jovens mães.

As relações intergeracionais são, portanto, um recurso valioso durante a gravidez na adolescência. Os futuros avós têm a capacidade de oferecer não apenas conselhos práticos, mas também um suporte emocional que é crucial para o bem-estar das jovens mães, e, ao mesmo tempo, proporcionar um espaço acolhedor onde as adolescentes se sintam valorizadas e compreendidas, o que não isenta as reflexões sobre as responsabilidades.

Nesse pensamento, a avosidade, é um elemento transformador na forma como as adolescentes percebem a maternidade. Ao verem suas mães, futuras avós como modelos de resiliência e força, as jovens podem encontrar inspiração para enfrentar seus próprios desafios. Nesse sentido, a avosidade não se limita a um papel de apoio; ela se torna uma força motriz que promove a autoconfiança e a esperança nas novas gerações.

As intersecções entre avosidade e gravidez na adolescência também revelam a importância do diálogo aberto entre gerações. Muitas vezes, as expectativas e normas familiares podem gerar tensões, especialmente se os avós ou futuros avós, tiverem visões diferentes sobre a maternidade e a educação. No entanto, quando futuras avós e futuras jovens mães se dispõem a dialogar e a compartilhar suas perspectivas, é possível construir um vínculo mais forte e saudável. Essa comunicação aberta é fundamental para superar desafios e fortalecer os laços familiares, permitindo que ambos os lados aprendam e cresçam juntos.

Por fim, a reflexão sobre como a avosidade contribui para o fortalecimento dos laços familiares, e é essencial considerar o impacto positivo que esse suporte tem no desencadear da vida das adolescentes grávidas. A presença de mães/avós compreensivos e amorosos pode não apenas facilitar a transição para a maternidade, mas também promover um ambiente familiar acolhedor e seguro. Assim, ao explorar as intersecções entre avosidade e gravidez na adolescência, somos convidados a valorizar e fortalecer essas relações, à medida que há o reconhecimento do seu papel vital numa construção humana mais solidária e inclusiva.

6 DISCUSSÃO E AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A gravidez na adolescência é uma realidade que convida à reflexão sobre o assunto, buscando compreendê-lo e, a partir dessa compreensão, propor modos de lidar com o fenômeno. A revisão bibliográfica e a pesquisa com entrevistas semiestruturadas fundamentaram e demonstraram que as consequências de uma gestação na adolescência tendem a ser negativas quando se analisa a questão sob uma perspectiva estritamente biológica ou tomando-se como parâmetro as expectativas sociais sobre o que seria um desenvolvimento típico na adolescência

Com o objetivo de apresentar os resultados da pesquisa de forma clara e estruturada, desenvolvemos, ao longo do estudo, a discussão sobre a riqueza das narrativas coletadas, que revelam a complexidade das experiências vividas por mulheres idosas, acadêmicas da UMA, que engravidaram na adolescência e, por outro lado, por adolescentes grávidas que fazem parte do contexto escolar público de duas escolas estaduais em Palmas, Tocantins, além das relações afetivas com os futuros avós nesse processo.

Por meio das entrevistas, emergiram temas que refletem não apenas os desafios enfrentados, mas também as vivências das circunstâncias dessas gravidezes precoces, bem como as estratégias de apoio e resiliência que permeiam essas relações intergeracionais.

A decisão de entrevistar mulheres idosas que vivenciaram a maternidade na adolescência fundamentamos na relevância de explorar trajetórias de vida que integram múltiplas dimensões do envelhecimento, entrelaçando experiências de juventude, maternidade precoce e velhice. Essas histórias são um campo rico para a compreensão de como os desafios e as aprendizagens enfrentados em diferentes etapas da vida moldam a construção identitária e contribuem para o desenvolvimento pessoal e social, oferecendo uma perspectiva única sobre o processo de envelhecer.

Figura 11 – Mulheres idosas entrevistadas – gravidez na adolescência



Fonte: Arquivo pessoal, exposição autorizada.

Os principais temas identificados incluem a importância do suporte emocional, a dinâmica de poder nas relações intergeracionais familiares e as expectativas sociais que cercam a gravidez na adolescência. As vozes das participantes ecoam suas vivências, permitindo a visualização de nuances e emoções que compõem esse panorama. A apresentação dos dados está organizada em tópicos, o que facilita a compreensão das tendências e padrões que surgem nas narrativas descritas.

As construções das narrativas foram norteadas por dois roteiros de entrevista semiestruturada: 1. O primeiro, no universo de duas escolas estaduais, Colégio Dom Alano Du Noday e CEM Taquaralto, com adolescentes que tiveram gravidez precoce (14 a 17 anos), no ano de 2024, o quantitativo geral de 21 na primeira escola, destas, quatro (04) adolescentes entrevistadas, na segunda escola foi entrevistada uma (01) adolescente de um quantitativo geral de 04; 2. O segundo grupo foi considerado de um universo de 20 mulheres idosas da UMA, acima de 63 anos, cinco (05) que vivenciaram a gravidez na adolescência foram entrevistadas.

Vale salientar que o contexto geográfico social de instalação das duas unidades escolares foi considerado crucial para a representatividade estatística do número de adolescentes grávidas. O Centro de Ensino Médio Taquaralto (CEM), com um total de 1.845 estudantes, e a Escola Estadual Dom Alano Du Noday, com 1.033 estudantes, foram analisados nesse estudo. Dentre as 25 adolescentes grávidas identificadas nessas duas escolas

em Palmas, Tocantins, no ano de 2024, 84% estavam matriculadas na primeira escola, localizada em um bairro social economicamente menos favorecido, enquanto apenas 6% pertenciam à segunda escola, situada em um bairro privilegiado.

Figura 12 – Adolescentes grávidas entrevistadas - 2024



Fonte: Arquivo das entrevistadas, exposição autorizada.

A discussão realizada para a avaliação dos fatos experienciados na gravidez na adolescência pelos dois públicos de gerações distintas - adolescentes e mulheres idosas - foi concebida com o objetivo de analisar esses dois universos. Apesar de vividos em tempos e contextos geográficos únicos, esses universos apresentam contextualizações e suscitam situações complexas comuns, que se interseccionam em diversos aspectos.

Nos quadros 6 e 7 a seguir, delineamos, a partir das entrevistas semiestruturadas realizadas entre novembro e dezembro de 2024, os relatos que descrevem os históricos iniciais das adolescentes e das mulheres idosas no contexto das gravidezes precoces em suas respectivas gerações

Quadro 6 - Relato do histórico das adolescentes de 14 a 17 anos - gravidez precoce - 2024

Adolescente/ Idade em 2024	Contextualização do fenômeno gravidez na adolescência
C.S.S.T. 17 anos	Grávida do namorado, moravam na casa da sogra e foi convidada pela mesma a retornar para casa da mãe. Oriunda de gravidez aos 14 da mãe com parceiro casado (amante). A gravidez foi percebida pela mãe, que apoiou desde o início, juntando forças ao parceiro. Pelo mal-estar no início da gravidez, frequentava raramente as aulas, bem como,

Adolescente/ Idade em 2024	Contextualização do fenômeno gravidez na adolescência
	deixou a atividade de rentabilidade financeira – prestação de serviço em salão de beleza. Em contrapartida, com tentativas sem sucesso pela mãe, junto a escola para justificar ausências e conseguir atividade domiciliar. Após um período de faltas sucessivas, a adolescente recebeu uma ligação da escola, informando que a matrícula havia sido cancelada por dois motivos, reprovação por falta e maioridade – 18 anos completados em setembro. A criança nasceu em outubro, a adolescente já fora do contexto escolar e da atividade de renda, com apoio emocional e financeiro da mãe/avó e sogra/avó, foi morar com o namorado, que trabalha como motorista entregador.
SGCC 17 anos	Grávida do namorado, a adolescente encontra-se já com 38 semanas, muito próximo ao parto. Na primeira infância, seus pais foram residir na Espanha levando as duas filhas em busca de trabalho, após alguns anos voltaram ao Brasil, como era muito pequena, teve um pouco dificuldade com a língua portuguesa. Ao retornar ao Brasil, os pais se separaram e a vida ficou bem difícil para a mãe, precisando de uma rede de apoio, mãe/avó decidiu ir para cidade de Miranorte, lá ela cresceu, continuou a estudar e começou a trabalhar, como recepcionista. Conheceu o pai do bebê começaram a namorar, ele morava e estudava em Palmas, residindo com a irmã, enquanto ela continuava em Miranorte, só veio morar em Palmas quando ficou grávida, ao dar notícia da gravidez a mãe/avó, foi uma decepção. Avó/mãe não aceitou sua filha grávida em casa, no primeiro momento. O pai tentou ajudar alugando um kit-net para a filha e o namorado, mas não tiveram condições de continuar financeiramente e psicologicamente, então o pai tomou a decisão de aceitar filha em sua casa com o namorado e neto que estava a caminho. Os conflitos com a mãe só foram diminuindo com evolução da gestação, convidou a filha a ir ficar em ela durante o resguardo, isso já está programado
YSG 16 anos	A adolescente já está com o bebê em seus braços, ela nunca teve apoio do pai da criança, o relacionamento durou pouco depois da gravidez, e o pai não assumiu a paternidade, sendo a criança registrada somente pela mãe. Nascida na cidade de Paraíso-TO, quando ainda criança seus pais se separaram, ele já estava em outro relacionamento, na separação sua mãe resolve deixar a filha com o pai, que constitui uma nova família, os conflitos sempre existiram ali, desde sempre, mas, no início da adolescência a convivência ficou insuportável, e o pai a mandou para Palmas para morar com a mãe, ela com 13 anos, então aqui na capital, ela trabalhava com faxina, para ajudar na renda familiar. Conheceu o pai da criança e tiveram um breve relacionamento que resultou na gravidez, a separação explica que foi por muitas traições, momento difícil para a adolescente, sem apoio do namorado, só restou a mãe/avó, pensou que seria expulsa de casa, foi tomada por sentimentos de ansiedade e medo, qual seria o seu futuro Para sua surpresa, a mãe/avó a repreendeu muito com a situação, mas durou pouco e explicou como seria a vida a partir dali, apesar do susto, na outra semana já estava acompanhando o pré-natal, foi acolhida pela mãe/avó, é a paixão da vida dela e quanto informar o pai/avó. Informar sobre a gravidez aos pais foi algo bem difícil para adolescente, agora era hora de enfrentar o pai/avó, o qual diferente do que imaginou ficou feliz, era a chance de vir um menino, já que teve somente filhas mulheres, e agora também ele não tem responsabilidades sobre ela.
A.V.L.B 16 anos	Com o bebê nos braços, uma adolescente vive uma rotina simples ao lado de sua mãe, seu irmão de 12 anos e sua irmã de 20 anos, recém-separada. Aos 15 anos, começou a namorar um homem um pouco mais velho. No entanto, aos 16, engravidou e decidiu que não queria continuar o relacionamento. Informar a gravidez à mãe foi um dos momentos mais difíceis. Assim que percebeu os sintomas, fez um exame para confirmar. Com o resultado positivo em mãos, e sem coragem de encarar sua mãe pessoalmente, decidiu compartilhar a notícia de forma indireta: enviou a foto do teste em um grupo de mensagens composto por ela, sua mãe e sua irmã. A reação imediata da mãe foi de indignação, declarando que a jovem teria que assumir

Adolescente/ Idade em 2024	Contextualização do fenômeno gravidez na adolescência
	as responsabilidades sozinha. Contudo, com o passar do tempo, a chegada da bebê transformou a dinâmica da família. Hoje, a criança é a alegria e a razão de viver da avó, que acabou por abraçar o novo papel com amor e dedicação. Dentro da rotina da mãe estava a busca e entrega das atividades na escola, permitindo que pudesse continuar e conseguiu terminar os estudos com aprovação.
KSS 17 anos	Na visão da adolescente, sua família sempre foi unida e solidária. Composta por sua mãe, seu pai e dois irmãos mais novos, de 13 e 10 anos, o ambiente familiar sempre foi marcado por companheirismo e apoio mútuo. A mãe, em especial, destacou-se como uma conselheira constante, pronta para ajudar em todas as situações. Prestes a concluir o ensino médio, engravidar não estava nos planos. Durante esse período, sua vida passou por mudanças significativas, incluindo a mudança para o Jardim Vitória II, quando sua mãe conquistou a casa própria. Foi nessa ocasião que ela conheceu o vizinho que mais tarde se tornaria seu namorado. Inicialmente, o relacionamento entre os dois foi conturbado. No começo, eles brigavam mais do que conversavam. Contudo, com o tempo, as desavenças deram lugar ao diálogo, e decidiram namorar. Hoje, o casal está junto há dois anos e caminha para completar três, embora ainda não morem juntos. Uma das experiências mais marcantes dessa trajetória foi contar à mãe sobre a gravidez. Antes mesmo de realizar o teste, a jovem confidenciou sua preocupação à mãe, que respondeu com conselhos e orientações. Apesar disso, a ansiedade a levou a fazer o teste sozinha de madrugada. O resultado positivo trouxe uma mistura de emoções — nem tristeza, nem felicidade — apenas incerteza. Na manhã seguinte, ela esperou o pai sair para o trabalho e mostrou o teste à mãe. Embora chocada, a reação inicial de sua mãe foi de choro e emoção, mas rapidamente se transformou em acolhimento. Em vez de brigar, ela a abraçou, ofereceu conselhos e reafirmou seu amor, dizendo que já amava o neto e estaria ao lado dela em tudo. Esse gesto de apoio incondicional foi um divisor de águas. A jovem reconhece que, sem sua mãe, nada teria sido possível, e atribui a ela o alívio que tornou esse momento menos difícil. O amor e a força dessa relação são, para ela, o maior tesouro que poderia ter.

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Quadro 7 - Relato histórico de acadêmicas da UMA que tiveram gravidez na adolescência

Acadêmicas/UMA Idade em 2024	Contextualização do fenômeno gravidez na adolescência
DNF 68 anos	A Sr.^a D, vivia uma vida simples, na qual ajudava nos afazeres do lar, e assim sua mãe ensinava como cuidar de uma casa. Tempos difíceis, em locais que não havia energia elétrica, mulheres eram criadas para casar-se, até mesmo o acesso à escola não era algo fácil. Teve dois namorados que só “pegava na mão”, assim ela considerou que os esposos não foi o primeiro namorado, naquela época tudo era proibido e as moças eram mais recatadas, seu namoro e noivado durou por volta de uns dois anos, começando aos 14 anos. Sobre o beijo na boca, eram outros tempos ‘não havia essa coisa de beijo na boca; as pessoas iam às festas, dançavam, e as moças não podiam sair do salão, que era iluminado por candeeiros e lamparinas”. Havia sempre alguém responsável, como um pai ou uma pessoa casada, para acompanhar os jovens. As moças que saíam para o escuro ficavam mal faladas, então só podiam ficar no claro, conversando. O primeiro beijo dela foi quando já estava perto de casar-se. O primeiro beijo, já foi com noivo, escondido da mãe, como se fazia antigamente, aproveitando momentos de distração dos pais para dar beijinhos escondidos. Se casou aos 16 anos e, 11 meses depois, teve um menino. Seu namoro antes do casamento durou por volta dos 2 anos, engravidou com três meses de casada, teve filho aos 17 anos

Acadêmicas/UMA Idade em 2024	Contextualização do fenômeno gravidez na adolescência
RDS 64 anos	Para Sr^a, teve tempo de aproveitar a vida, como diz ela tem um punhado de namorado antes de casar-se, com 12 anos já estava namorando, ficou moça rápido, os namoros não eram como os de hoje, não podia beijar na boca. O namoro durou uns 2 anos, o fato de ser mãe tão jovem não era percebido por ela como algo difícil, mesmo após o casamento teve que ir morar com a sogra, porque ela era de idade e doente precisava cuidar da mãe, e cuidaram dela por volta de 12 anos, depois construíram uma casa ao lado da dela e assim continuaram. Ela morava na cidade, depois do casamento foram para fazenda da família do marido, uma mudança brusca no modo de viver, lá se pisava arroz no monjolo, vida dura com pouca tecnologia, ali também era tirado o sustento, aprendeu fazer farinha para vender, cultura de subsistência. A água era do poço, precisava puxar no braço para tudo, cozinhar, tomar banho, limpeza e outras necessidades. No comecinho da sua vida, não tinha ajuda nos afazeres domésticos, durante o resguardo ficou uns dias com a mãe, em seguida sua prima foi acompanhá-la durante esse período. Relata que não tinha maturidade, era apaixonada pelo marido, e nem percebia a dificuldade, só queria ficar perto dele. Estudar não fazia partes dos planos porque morava na roça e não tinha condução fácil todo dia, então parou de estudar no grupo na 7^a série.
MFNR 66 anos	O namoro durou uns sete meses, começou a namorar com atual esposo, quando tinha por volta de uns quinze anos de idade, quanto aos outros namoradinhos antes, afirma que teve sim, mas que eram daqueles do tipo ficar jogando pedrinhas uns dois outros, uma simbologia muito específica da época que marcava o interesse do rapaz e a resposta da moça, eram bons tempos, sem muita maldade. Os namoros eram escondidos, os pais ficavam na janela, se piscavam a galera aproveitava. A Sr.^a M. F, se casou com 16 anos de idade, e esposo com 28 anos, e logo foi mãe, e no mesmo ano foi mãe, afirma que casou virgem da “Silva”, sobre risos, no mesmo ano engravidou e teve um bebê. A imaturidade não percebia os desafios, não teve dieta no resguardo, ou seja, quando chegou em casa já cuidou dos afazeres domésticos. Morávamos perto dos pais, quando se casou ela cursava a sétima série, e quando vieram os filhos, já sabia fazer as coisas, porque tinha que cuidar dos irmãos, serviu de aprendizado, o que mais queixa naquela época acordar a noite para cuidar do bebê, foi mais difícil. O esposo já tinha parado de estudar, e como promessa a sua mãe/avó ele ficava com o bebê e assim ela pode continuar os estudos a noite.
MSL 63 anos	Sr.^a M. foi mãe aos 15 anos, casou-se com 14 anos e logo em seguida engravidou. Vivia com o pai e madrasta, que não a tratava muito bem perto do pai, então o casamento foi uma fuga para sair da casa do pai, o namoro durou por volta de 1 ano, e a decisão de casar-se foi totalmente dela, assim sairia de casa e seria uma mulher respeitada. Naquela época o namoro era na frente do pai, num tinha esse negócio de ir para rua, sai para festa com namorado, só iria acompanhada do pai, sem beijinhos e pegar na mão. Afirma que não se casou por amor, acha que nunca teve um beijo de amor, só selinho, nem depois de casada. Estava estudando na 8^a série e logo que casou deixou a escola porque tinha vergonha, medo das pessoas saberem que havia se casado tão jovem, não voltou mais sem vergonha. Quando o bebê nasceu, a madrasta esteve fazendo o papel de madrasta/avó, ficou com ela por 15 dias, fazendo de tudo e ensinando, depois desse tempo acabou o resguardo, ela assumiu todas as funções da casa.
N.M.S 77 anos	Sr.^a N, não foi uma moça sapeca, os namoros eram do tipo olhando pelos buracos, mãe acompanhava, se fosse ao cinema tinha que ir junto, na escola teve um beijo roubado

Acadêmicas/UMA Idade em 2024	Contextualização do fenômeno gravidez na adolescência
	que a deixou 4 dias sem dormir porque achou que estava grávida, afirma que eram muito inocentes. As meninas eram criadas para casar-se, já fazia os enxovais e quando arrumavam namorado era para casar. Estudei até os 14 anos e quando ia entrar na Admissão veio o casamento. Se casou com 15 anos e teve a primeira filha com 16 anos, não achou difícil, teve uma gestação sadia, morava na cidade depois que casou se mudou para a fazenda, quando chegou o tempo de ganhar bebê foi ficar com a mãe, para tirar o resguardo, e como diz ela, nessa toada foram 8 filhos. Com o casamento se mudou para a fazenda vivendo lá por mais de 30 anos, a escola deixou de ser uma opção viável depois de tantos filhos e afazeres domésticos. Os filhos quando começavam a ficar grandinhos iam para a cidade morar e estudar e os mais velhos iam cuidando dos mais novos. Ao voltar da cidade depois dos filhos criados resolveram voltar para cidade.

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Os dados históricos do fato da gravidez na adolescência, bem como mulheres idosas pesquisadas que vivenciaram a experiência, revelam um panorama complexo e multifacetado com pontos de convergência e divergência entre as gerações.

Em comum, destacamos a persistência da gravidez precoce como um desafio social, independentemente da época. Esse dado evidencia que, apesar das mudanças sociais e tecnológicas, a gravidez precoce continua a ser uma realidade para muitas adolescentes.

Outro ponto de convergência é a importância do apoio familiar, especialmente o materno. As adolescentes que contam com o apoio de suas mães, evidenciado pela demonstração de avosidade, mostram maior capacidade de lidar com os desafios da gravidez e da maternidade. Resultados que repete nos relatos das mulheres idosas, que ressaltam o papel fundamental de suas famílias no suporte durante a gravidez e o puerpério.

A falta de informação sobre sexualidade e métodos contraceptivos emerge como um fator comum entre as gerações. As mulheres idosas, em sua maioria, relatam que não tiveram acesso a informações adequadas sobre esses temas na adolescência. Embora as adolescentes atuais tenham mais acesso à informação, nem sempre a utilizam de forma eficaz, seja por falta de orientação adequada, seja por outros fatores.

A gravidez na adolescência também impacta a trajetória educacional das adolescentes, levando à interrupção dos estudos em muitos casos. Tanto as adolescentes quanto as mulheres idosas relatam que a gravidez as afastou da escola, o que pode ter consequências a longo prazo para suas vidas.

No que diz respeito às diferenças, é evidente que as adolescentes atuais têm acesso a tecnologias e informações que as mulheres idosas não tinham em sua época. A internet, por

exemplo, pode ser uma fonte de informação sobre sexualidade e métodos contraceptivos, mas também pode ser um veículo de desinformação.

Outro ponto de divergência é a disponibilidade de métodos contraceptivos. Atualmente, existem diversos métodos contraceptivos disponíveis, o que não era uma realidade para as mulheres idosas em sua juventude. No entanto, o acesso a métodos contraceptivos não garante a prevenção da gravidez na adolescência, seja por falta de informação, seja por outros fatores.

Em suma, a análise comparativa entre as duas gerações, no que diz respeito ao histórico no processo da gravidez precoce, revela que a gravidez na adolescência é um problema complexo e multifacetado, com causas e consequências que se estendem por diferentes dimensões da vida das jovens.

Pelo resultado descrito, compreendemos ser fundamental investir em educação sexual abrangente, acesso a métodos contraceptivos e apoio psicológico e social para adolescentes grávidas, a fim de reduzir os impactos negativos da gravidez precoce em suas vidas. Além disso, é importante considerar as particularidades de cada geração ao abordar o tema, levando em conta as mudanças sociais, tecnológicas e culturais que influenciam a experiência da gravidez na adolescência.

Quadro 8 - Informações sobre prevenção – sexualidade e gravidez precoce

Adolescente/ Idade em 2024	Contextualização orientação sexual, diálogo familiar e prevenção
C.S.S.T. 17 anos	A jovem engravidou em um relacionamento consensual, mas sem planejar. Embora usasse camisinha em algumas ocasiões, havia momentos em que deixavam de utilizá-la, e ela não fazia uso de outros métodos contraceptivos, como pílulas ou injeções. Sobre doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), já havia sido abordada sobre o tema, tanto por amigos quanto em palestras na escola. No entanto, considera que as informações recebidas não eram completas ou esclarecedoras. Na escola assistiu palestra educativa sobre sexualidade. Ela acredita que o tema deveria ser mais amplamente debatido, com grupos de apoio e maior acesso a informações, especialmente para quebrar os tabus relacionados à sexualidade. Ao descobrir a gravidez, viveu momentos de dúvida e angústia. Inicialmente, cogitou a ideia de aborto, mas pensamentos sobre religião e crenças, a reprimiram. A situação mudou drasticamente sua rotina, impedindo-a de continuar a estudar e trabalhar. Agora, com planos para o futuro, ela deseja retomar os estudos, matricular seu filho na escola, frequentar a academia e buscar um emprego estável. Reconhece a necessidade de maior apoio educacional e social para jovens que enfrentam situações semelhantes, destacando a importância de mais orientação e suporte para prevenir e lidar com esses desafios.
SGCC 17 anos	Ela sempre achou difícil falar sobre sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis com sua mãe, que era muito fechada sobre o assunto. Na escola, esses temas eram abordados, o que ajudava bastante, mas ela sentia que não era o suficiente. Em sua família, falar sobre sexo era quase proibido, então ela conversava com amigos da classe e com seu namorado. Aos 15 anos, decidiu que queria iniciar sua vida sexual, influenciada pela prima que já era sexualmente ativa e pela curiosidade. Ela e o namorado usavam camisinha, pois tinha medo de tomar remédio e sua mãe descobrir.

	Ela concordava com o que a escola ensinava, acreditando que não havia outra forma de abordar o assunto. Em casa, moravam ela, seu namorado, seu pai e sua irmã de 15 anos. Embora tenha pensado em outras formas de prevenção, logo desistiu.
YSG 16 anos	Ela conhecia métodos contraceptivos como anticoncepcional, camisinha e pílula do dia seguinte, mas não os usava. Aprendeu sobre prevenção principalmente pela internet e na escola, onde esses temas eram frequentemente abordados. Sabia como se prevenir, mas atualmente não estava muito próxima de alguém que pudesse orientá-la, exceto sua amiga e sua mãe. Sua mãe a avisava sobre esses assuntos desde os 13 anos. Foi morar com a mãe após ser expulsa da casa do pai, que era casado com outra mulher e tinha outros filhos. A madrasta queria que o pai priorizasse apenas os filhos dela, e fez de tudo para afastar ela e sua irmã da vida dele, inclusive deixando-as com fome por um tempo. A situação era delicada, com a madrasta surtando frequentemente. Ela acreditava que as aulas sobre prevenção deveriam ser mais jovens e menos proibitivas, explicando as consequências e formas de prevenção de maneira menos bruta. Com relação ao aborto, para ela nunca foi uma opção.
A.V.L.B 16 anos	Sobre os métodos para evitar a gravidez, como anticoncepcional, preservativos e a pílula do dia seguinte, que aprendeu no posto de saúde e com sua mãe, não posso dizer que não tive informação. Mesmo assim, engravidou enquanto tomava pílula anticoncepcional, segundo a adolescente. Na escola, não se lembrava de muitas orientações além de uma palestra que assistiu. Sabia que o uso de preservativos e remédios poderia evitar a gravidez. Sua mãe sempre enfatizou a necessidade de tomar cuidado. É o tipo da coisa, não acreditava que aconteceria com ela, sobre os pais, deveriam conversar mais com os filhos sobre esses assuntos e que a escola precisava oferecer mais do que apenas palestras, explicando as consequências e formas de prevenção de maneira clara e constante. Quando descobriu que estava grávida, pensou em aborto, temendo a reação da mãe/avó e a possibilidade de ser expulsa de casa, o que realmente aconteceu. Ficou com muito medo de perder o apoio da mãe/avó, restando o pai/avó.
KSS 17 anos	Sempre ouviu muito sobre sexualidade e prevenção, primeiro na escola e depois em casa. Sua mãe conversava abertamente, e na escola, palestras de profissionais de saúde explicavam, tanto para meninos quanto para meninas. A adolescente conhecia sobre os métodos preventivos, como camisinha e anticoncepcional, também sabe que não são 100% seguros, mas considerava a camisinha o método mais seguro. A primeira vez que conversou sobre esses temas foi com sua mãe, sobre a orientação, acreditava que as escolas deveriam oferecer mais palestras e conselhos, especialmente para as meninas, que podem engravidar, mas também para os meninos, pois a responsabilidade é compartilhada. Acredita ser importante o acolher os estudantes e trabalhar mais na educação sexual. Quanto à interrupção da gravidez, nunca pensou nisso.

Fonte: Arquivo da pesquisa

Quadro 9 - Informações sobre prevenção – sexualidade e gravidez precoce

Acadêmicas/UMA Idade em 2024	Contextualização orientação sexual, diálogo familiar e prevenção
DNF 68 anos	Essas questões sempre foram difíceis, as informações eram poucas, mas a Sr.^a D. sua tia uma pouco mais velha em idade, que já havia passado, de forma que passou a conversar com ela e explicar determinadas coisas, a exemplo sobre a menstruação que só veio aos 14 anos de idade, não foi surpresa, graças a sua tia. A mãe relata que era muito tímida não falava sobre essas coisas, mas ao acontecer informou sua mãe que ensinou a dieta que deveria seguir. Orientação mesmo de verdade, afirma que não existia formalmente, nem com a mãe e nem na escola. Sobre as DSTs, o conhecimento só veio após muitos anos de casamento, e especificamente quando contraiu do esposo, alega que ele ficou muito “safado” com o

Acadêmicas/UMA Idade em 2024	Contextualização orientação sexual, diálogo familiar e prevenção
	passar dos anos, percebeu por meio de uma secreção vaginal, e procurando um médico foi diagnosticada de forma que tanto ela quanto o esposo tiveram que passar pelo tratamento, ele não teve sintomas físicos aparentes. Ainda sobre a prevenção, afirma não ter tomado pílulas e camisinha nem existia, da minha primeira gestação trouxe alegria e felicidade para minha mãe, no total foram 6 filhos.
RDS 64 anos	Sobre a imaturidade um beijo o roubado, foi assustador porque achava que estava grávida, ninguém explicava nada para gente não. Sobre prevenção de doenças não se sabia o que era, só ficou sabendo quando adquiriu HPV, do esposo ele era mulherengo demais, afirma ela, isso lá pelos seus 50 anos, apareceu umas verrugas na região vaginal e fui ao hospital, no tratamento teve que fazer uma cirurgia de cauterização, e a pomada ela lembra que custou um salário-mínimo. Com 26 anos decidiu fazer laqueadura, já com quatro filhos, teve os filhos rápidos sem fazer prevenção. Afirma ter tomado remédios para prevenção, mas que mesmo assim ficou grávida, as pílulas eram de farinha, a separação foi inevitável.
MFNR 66 anos	Tiveram três filhos, e decidiu laquear, relata que o médico não queria fazer porque era muito nova, conta que a menstruação veio aos 11 anos, e que ela sabia o que era. Diálogos não existia, nem instrução, mas as pessoas mais velhas ficavam falando por metáforas assim diz ela, e gente ficava de butuca ligada para saber, o povo num eram muito besta, afirma. Então dizima olha a visita está chegando, depois ao observar via paninhos no varal e uns cuidados especiais com as meninas da mesma idade. Ela já sabia. Relata que sua mãe tinha muita vergonha, ela não falava nada, só era proibido, só ia da casa para igreja e da igreja para casa, nada dos bailes. Vejo que sua mãe sofreu muito, por causa dos tempos em que ela nasceu, quando ela engravidou o irmão mais novo dela, se trancava no quarto de vergonha para que as pessoas não poderiam vê-la, ela costurava as roupas dele escondida da filha, que despertou uma pena por sua mãe, ela já faleceu faz uns 5 anos, e já mais moderna e brincalhona. Sobre as DSTs, só soube por que via as pessoas comentarem, era coisa muito escondida, na escola sempre foi assunto proibido, ninguém falava nada. Sobre a prevenção da gravidez, ela relata conhecer comprimido, mas camisinha não, inclusive no começo quando teve o terceiro filho, ainda não tinha coragem de tomar, pois falavam que fazia mal para as mulheres, elas passavam muito mal e ainda corriam o risco de não parir mais, quando resolveu tomar, e engravidou do mesmo jeito.
MSL 63 anos	Sobre a sexualidade, não era algo fácil de se abordar na época, ninguém falava, tudo secreto, aos 10 anos menstruou pela primeira vez e não noção do que estava acontecendo com seu corpo, estava em viagem de férias na casa da tia em uma fazenda, sem saber o que fazer, correu para o rio e entrou no rio e não saiu mais, sua tia foi atrás porque ela não saía do rio, disse a tia que estava com calor, mas achou que estava machucada, e que sua tia a mataria de tanto bater, mas ela percebeu e chamou para fora para lhe dar instruções, teve medo e vergonha. DSTs, era algo totalmente proibido, nem em casa e muito menos na escola, ao casar teve medo de ir com o esposo, ficou dois meses antes de ir para casa dela. Acredita que primeira vez que teve relação engravidou, os dois eram bobinhos disse ela, ele com 26 anos, era leigo de tudo. Foram três filhos de uma para outro a diferença foi de um ano e pouco já estava grávida do outro, então com 18 anos e já três filhos, não sabia o que era anticoncepcional, nunca tomou na vida. Decidiu laquear para não ter mais filhos.
N.M.S. 77 anos	O tema proibido da época, sexo, isso ninguém falava de jeito nenhum, quando menstruou, as colegas que explicavam, as meninas escondiam das mães, não é como hoje que as mães participam, naquela época não era assim, não. Preparar para DSTs, não existia, prevenção nem contra as doenças e nem contra gravidez, não se sabia o que fazer, nunca tomou nenhum tipo de comprimido, os filhos eram todos muitos próximos um do outro.

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Na discussão das respostas do quadro 8 e 9, com questionamentos acerca de informações sobre orientação sexual e diálogo familiar, a análise comparativa entre adolescentes e mulheres idosas revela nuances importantes sobre como cada geração compreende e lida com essa problemática.

Para as adolescentes, a sexualidade é um tema mais presente em seu cotidiano, seja por meio de conversas com amigos, informações na internet ou mesmo na escola. No entanto, o diálogo com os pais ainda se mostra um desafio, seja por vergonha, tabu ou dificuldade em abordar o assunto. As mulheres idosas, por sua vez, relatam que, em sua juventude, o tema era velado e raramente discutido, o que as deixava com pouco acesso à informação e orientação.

O acesso à informação sobre métodos contraceptivos também se mostra distinto entre as gerações. As adolescentes, apesar de terem mais acesso à informação, demonstram, por vezes, confusão quanto ao uso e eficácia dos métodos. As mulheres idosas, por sua vez, relatam que, em sua juventude, o acesso era restrito, o que as levava a recorrer a métodos caseiros ou à abstinência. Atualmente, as adolescentes contam com uma variedade de métodos contraceptivos, como pílulas, preservativos, DIU e injetáveis, o que lhes permite fazer escolhas mais conscientes sobre sua saúde sexual e reprodutiva.

Apesar dos avanços em relação à informação e acesso a métodos contraceptivos, o diálogo familiar sobre sexualidade ainda se mostra um desafio para ambas as gerações. As adolescentes, mesmo em tempos considerados mais "liberais", sentem-se desconfortáveis em abordar o assunto com os pais, seja por vergonha ou tabu. As mulheres idosas, por sua vez, relatam que, em sua época, o tema era evitado, sendo considerado "pecado" ou "vergonhoso".

A figura materna, no entanto, destaca-se como principal fonte de informação e apoio para ambos os grupos, o que demonstra a importância de fortalecer o diálogo entre mães e filhas sobre sexualidade.

A análise comparativa entre adolescentes e mulheres idosas revela a importância da informação para a prevenção da gravidez na adolescência. As adolescentes, apesar das dificuldades de diálogo com os pais, possuem maior acesso à informação do que as mulheres idosas em sua juventude. A internet, a escola e os amigos são apontados como importantes fontes de informação. As mulheres idosas, por sua vez, relatam que, em sua época, a informação era restrita, sendo transmitida oralmente entre mulheres ou por meio de revistas e livros.

Acesso à informação e diálogo familiar são cruciais para a prevenção da gravidez na adolescência. As adolescentes precisam ter acesso à informação clara e precisa sobre métodos contraceptivos, como usá-los corretamente e onde encontrá-los. É fundamental que os pais

conversem com seus filhos sobre sexualidade de forma aberta e honesta, criando um ambiente de confiança para que eles possam tirar dúvidas e compartilhar seus medos e angústias.

A análise do quadro de entrevistas evidencia a necessidade de políticas públicas que abordem a temática da gravidez na adolescência de forma crucial, considerando os aspectos sociais, culturais, econômicos e de saúde. É fundamental investir em educação sexual, ampliar o acesso a métodos contraceptivos e fortalecer o diálogo familiar.

A gravidez na adolescência é um problema de saúde pública que afeta milhares de jovens em todo o mundo, vide dados estatísticos, quadro 10 e 11. Considerando as entrevistas realizadas, as meninas que engravidam na adolescência têm mais chances de abandonar a escola, ter problemas de saúde e enfrentar dificuldades financeiras. Então, a gravidez na adolescência também pode ter um impacto negativo na saúde mental das meninas, aumentando o risco de depressão, ansiedade e baixa autoestima.

A prevenção da gravidez na adolescência é um desafio complexo que exige o envolvimento de toda a sociedade. É preciso investir em educação sexual, ampliar o acesso a métodos contraceptivos e fortalecer o diálogo familiar.

A análise comparativa entre adolescentes e mulheres idosas oferece um panorama rico e complexo sobre a gravidez na adolescência. Ao compreender os pontos comuns, divergentes e significativos entre as duas gerações, é possível traçar um paralelo entre o passado e o presente, identificando avanços e desafios. A partir dessa análise, torna-se mais fácil delinear estratégias e ações eficazes para lidar com essa problemática e garantir que as adolescentes tenham acesso à informação, educação e suporte necessários para tomar decisões conscientes sobre sua saúde sexual e reprodutiva.

Quadro 10 - Relatos de preconceitos e relações socioafetivas mães/avós.

Adolescente/ Idade em 2024	Contextualização dos preconceitos e evolução nas relações familiares
C.S.S.T. 17 anos	A Adolescente relata sobre preconceito que não imaginava passar por isso, ainda mais na escola, tinha muitas amigas, e elas simplesmente se afastaram, apenas 2 ou 3 permanecem próximas, ouviam os comentários e cochichos sobre estar buchuda, o preconceito foi tão grande que nos primeiros dias faltava bastante as aulas que chegou a pensar em desistir. Ser mãe não tão jovem não fazia parte dos planos nem do projeto de vida. Após o nascimento do filho, a relação mãe/avó, foi algo aproximou bastante, ela sempre que pode faz esforços para estar perto, ama demais o neto e ajuda muito, é algo inexplicável de mudança de vida, ambas avós são as redes apoio para o jovem casal
SGCC 17 anos	Para a adolescente, não sentiu o preconceito, no entanto, ela morava com sua mãe e ao saber da gravidez, encaminhou a adolescente para a casa do pai/avó, aquele medo comum de todas as meninas de expulsão de casa, aconteceu com a ela, fato superado. Não estava em seu projeto de vida ser mãe tão jovem, após o evoluir da gestação, houve uma reaproximação da mãe/avó, que agora espera ansiosa pelo nascimento do neto e quer fazer os primeiros cuidados, um evoluir nas relações familiares
YSG 16 anos	A adolescente se encontra sozinha nos cuidados e responsabilidades, porque o pai a bebê, não assumiu e ainda se mudaram da cidade.

	Sentiu muito preconceito, até de pessoas próximas da família, que era melhor “abortar”, sofreu bastante, as amigas se afastaram, foram agressivas nas palavras. Na própria escola, ouviu coisas absurdas, inclusive uma professora da escola, afirma a adolescente que sua abordagem foi grotesca, dizendo que havia acabado com o futuro, que sua filha só atrapalhar a vida dela, e que acredita que são coisas que nenhum professor poderia ou teria do direito de falar, depois que ela nasceu precisei levar ela para escola nos primeiros dias, ela só dormia e professora pediu para não levar mais a criança porque ela estava atrapalhando, ela não queria a bebe na sala de aula. Não estava em seu projeto de vida ser mãe tão cedo, e ainda relata que nem em planos futuros. Sobre a relação da filha e a mãe/avó, logo depois da zanga da mãe, ela logo passou a cuidar tanto da filha quanto da neta, mudou os horários do trabalho para que pudesse continuar os estudos e a paixão entre elas e coisa de outro mundo afirma ela, primeira neta e ela só gosta de dormir com a vovó.
A.V.L.B 16 anos	A adolescente relata sobre preconceito, que acha que não sofreu nenhum, se mostra segura e não muito preocupada com a pensar dos outros. Não estava em seu projeto de vida ser mãe tão jovem. Sobre a relação com a mãe/avó, ela não ficou enraivada como eu pensava só disse que teria que cuidar dela sozinha, no entanto, a mãe/avó após o nascimento, se desdobra para ajudar e cuidar dela, buscou minhas atividades na escola, ela ama demais a netinha e a bebê é apaixonada por ela.
KSS 17 anos	A adolescente afirma que, sobre preconceito, as meninas na escola ficaram apontando, olhares, se afastarem, isso aconteceu na escola. Não pretendia e nem estava em seu projeto de vida ser mãe tão jovem. Com relação a ligação entre neta e mãe/avó, afirma que sua mãe é fundamental e extraordinária numa ligação de amor e cuidado, com ela pode continuar seus estudos e sabe que ela está segura, como moram próximas a avó paterna, tendo muito amor envolvido.

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Quadro 11 - Relatos de preconceitos e relações sócios afetivas mães/avós.

Acadêmicas/UMA Idade em 2024	Contextualização orientação sexual, diálogo familiar e prevenção
DNF 68 anos Casou-se com 16 anos e engravidou também aos 16	Casou-se muito jovem, e por estar em uma união estável, acredita não ter sofrido preconceito, no mesmo ano que se casou ficou grávida, tendo o primeiro filho com 16 anos. Acredita não ter sofrido preconceito, sofreu quando decidiu separar, não foi fácil e até trabalho foi difícil de arrumar porque não havia se profissionalizada. Afirma que sua separação foi devido a maus tratos. “me separei porque ele me batia e gostava de arrumar outras mulheres e aguentei 25 anos”, na separação ela saiu da casa deixando tudo para trás e só os levou os filhos.
RDS 64 anos Casou-se com 15 anos e engravidou também aos 16	Casou-se jovem demais aos 15 anos, e 10 meses depois já estavam nascendo o primeiro filho, saiu da cidade para morar na roça e cuidar da sogra, não sentiu nenhum preconceito, achava que a vida era aquilo mesmo. Afirma “afirma que começou a namorar aos 12 anos, filha do João Pimenta, todo lado que arrumava namorado, mas se casou virgem”
MFNR 66 anos Casou-se com 16 anos e engravidou também aos 16	No mesmo em se casou aos 16 anos, 11 meses depois nasceu o primeiro filho, também não acredita ter sofrido preconceito. “Era muito normal afirma ela, a gente ajudava a mãe com irmãos menores, já ia aprendendo a criar os filhos da gente”.
MSL 63 anos Casou-se com 15 anos e engravidou também aos 15	Casou-se aos 15 anos, e foi mãe aos 16, não sofreu preconceito, mas desistiu da escola por vergonha de ser casada. Afirma que “depois do casamento voltei para casa do meu pai, porque eu tinha medo do marido, não como ia acontecer e só dois dias depois fui para minha casa”.

Acadêmicas/UMA Idade em 2024	Contextualização orientação sexual, diálogo familiar e prevenção
N.M.S. 77 anos	Casou-se muito cedo aos 16 anos, após o casamento foi morar na fazenda, não sentiu preconceito, teve 8 filhos, afirma que, “todas as amigas também casaram cedo”, viveu bem com o esposo até o falecimento dele.
Casou-se com 16 anos e engravidou também aos 16	

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Quadro 12 - Prevenção – contexto apoio familiar e relações de avosidade

Acadêmicas/UMA Idade em 2024	Contextualização orientação com os filhos
DNF 68 anos	Com a casa cheia, os seis filhos, receberam uma outra orientação da mãe, neste contexto nenhum deles foram pais precoces. Os netos é algo diferente afirma que eles a dominam, fazem o querem com ela, os filhos já estruturados com seus trabalhos e estudos nunca precisou assumir a criação de nenhum neto.
RDS 64 anos	Sobre a criação e orientação sexual, já eram outros tempos, mesmo assim dois dos filhos foram pais antes dos 18 anos, tentaram se unir em matrimônio, mas foi algo que não vingou afirma ela, dessa separação por muito tempo a neta ficou morando sob a total curatela dessa mãe/avó. Esse contexto foi conturbado, porque ela ia e voltava, cada vez que ia ficar com a mãe era um sofrimento, até que aos 15 anos de idade ficou de vez com a mãe. É diferente o sentimento de avó para filho, afirma que é muito, não consegue explicar em palavras.
MFNR 66 anos	Na orientação de sexual, né fácil não afirma a Sr. ^a , o filho engravidou uma moça, ele engravidou uma moça ele tinha 16 anos, e ele nem contou nada, só veio apresentar a família depois que nasceu, por cerca de 9 anos, ficou sob os cuidados dela, porque a mãe também era muito jovem, vivia pedindo as coisas, e ela não cuidava direito, deixou recém-nascida. E quando ela fez por volta de 15 anos, também engravidou, ela morava por lá. Também teve outro neto por seus cuidados uns 6 anos, depois que o filho havia falecido. Ser avó é uma coisa boa demais, inclusive tem um bisneto, esse é filho daquela neta que ela havia criado, a mãe foi para o Maranhão e deixou esse aqui para mim. Afirma “é bom demais ser avó”.
MSL 63 anos	Na orientação sexual para com os filhos, afirma que não é um assunto fácil, mas achou que era muito bobinha, e não conhecia nada, e resolveu ensinar e falar um pouco, mas assim não é abertamente não. A filha foi mãe com 16 anos também, quando a gravidez foi descoberta ela fugiu de casa e foi morar com o pai da filha dela, dessa união tiveram 2 filhos, o casamento não deu certo e ela voltou para casa, e no voltar a neta ficou, acabei de criar até casar, ela também engravidou com 16 anos, e ser vó é muito bom, os netos parecem completar o ser humano, diz ela, e vez ou outra a bisneta está sempre por aqui.
N.M.S. 77 anos	Sobre orientação sexual aos filhos, sempre procurou ter uma conversa com os filhos, a conversa era assim meio sem falar direto. Como a escola foi uma possibilidade para os filhos, acredita que a boa educação os fez esperar, nenhum dos filhos foram pais jovens e os netos vieram de maneira planejada, não houve necessidade de criar netos e tão pouco de assumi-los financeiramente.

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Na análise dos quadros 11 e 12, que relata as falas das adolescentes e mulheres idosas acerca dos preconceitos e relações sócioafetivas, emergem pontos convergentes e divergentes que permitem traçar um panorama rico em nuances sobre o impacto social, familiar e pessoal dessa experiência.

Tanto as adolescentes quanto as mulheres idosas relatam o impacto emocional da gravidez precoce. O medo, a insegurança, a vergonha e a surpresa são sentimentos recorrentes nas falas. A gravidez na adolescência invariavelmente implica em uma reconfiguração dos planos e expectativas para o futuro. A necessidade de conciliar a maternidade com os estudos e a vida social é um desafio comum externado em todas as entrevistadas. O suporte familiar, especialmente das mães/avós, emerge como um fator crucial para o enfrentamento da gravidez na adolescência. O apoio emocional, financeiro e prático oferecido por essas figuras femininas é fundamental para o bem-estar das jovens mães e seus filhos, conforme relato das entrevistadas.

Quanto ao preconceito social, as adolescentes contemporâneas relatam vivenciar o preconceito de forma mais intensa e explícita, seja no ambiente escolar, familiar ou em outros espaços sociais. As mulheres idosas, por sua vez, mencionaram que a gravidez na adolescência era mais comum em sua época, devido aos casamentos também precoces, o que, de certa forma, "normalizava" a situação. No caso das mulheres idosas, todas as entrevistadas afirmaram casamento na adolescência.

As adolescentes demonstraram ter maior acesso à informação sobre sexualidade e métodos contraceptivos, o que não impediu a gravidez precoce. As mulheres idosas, por outro lado, relatam que a falta de informação e o tabu em torno da sexualidade eram obstáculos a serem enfrentados.

As adolescentes contemporâneas se mostraram mais empoderadas e conscientes de seus direitos, buscando conciliar a maternidade com seus projetos pessoais e profissionais. As mulheres idosas, por sua vez, relatam que a maternidade precoce muitas vezes as afastava de seus sonhos e oportunidades.

A análise comparativa das entrevistas revela que a gravidez na adolescência é um fenômeno complexo e multifacetado, com impactos que se estendem por toda a vida das mulheres. Apesar das mudanças sociais e culturais, o tema continua a gerar discussões e reflexões importantes sobre sexualidade, família, projeto de vida e empoderamento feminino.

É fundamental que a sociedade como um todo se mobilize para oferecer apoio e informação às adolescentes grávidas, garantindo-lhes acesso a seus direitos e oportunidades. A escuta atenta e o diálogo intergeracional são ferramentas poderosas para a construção de um futuro mais justo e igualitário para todas as mulheres. A avosidade desempenha um papel fundamental no apoio durante o período gestacional.

A gravidez na adolescência é um tema complexo que transcende gerações e traz impactos emocionais, sociais e familiares significativos. A análise comparativa das entrevistas

com adolescentes e mulheres idosas revela nuances importantes sobre a percepção e o enfrentamento dessa experiência ao longo do tempo.

Um ponto comum entre as duas gerações é o impacto emocional da gravidez precoce. Tanto as adolescentes quanto as mulheres idosas relatam sentimentos como o medo, a insegurança e a surpresa ao confirmarem a gravidez. Além disso, a necessidade de reorganizar os planos de vida e encarar a maternidade em uma fase de desenvolvimento surge como um desafio compartilhado.

Apesar das divergências, a análise das entrevistas revela que a rede de apoio familiar, especialmente das mães/avós, é fundamental para o enfrentamento da gravidez na adolescência em ambas as gerações. O apoio emocional, financeiro e prático oferecido por essas figuras femininas é fundamental para o bem-estar das jovens mães e seus filhos.

Em suma, a gravidez na adolescência é um fenômeno complexo e multifacetado, cujos impactos que se estendem ao longa vida das mulheres. A análise intergeracional permite compreender as nuances e singularidades de cada experiência, revelando a importância do diálogo, da informação e do apoio familiar na construção de um futuro mais justo e igualitário para todas.

O quadro 11, de entrevistas com as cinco mulheres idosas, analisado de forma isolada, ratifica um panorama multifacetado sobre a gravidez na adolescência, permeado por experiências pessoais, contextos familiares e sociais distintos.

No contexto da Universidade da Maturidade (UMA), que promove a valorização do indivíduo e uma compreensão holística do envelhecimento, essas mulheres formam um grupo cuja vivência transcende o plano individual, dialogando com questões sociais e culturais mais amplas. Ao relatarem como enfrentaram a maternidade precoce e os impactos dessa experiência ao longo do tempo, oferecem reflexões valiosas sobre resiliência, reconstrução de papéis sociais e o legado transmitido às novas gerações. Nas palavras de (M.S.L., 63 anos), “com as aulas na UMA, eu aprendi a respeitar minhas netas e ajudar minha filha no apoio durante a gravidez na adolescência”.

Consolida-se, em várias falas semelhantes a esta, o reflexo da educação intergeracional proporcionada pela Universidade da Maturidade no desenvolvimento da avosidade, a posteriori. A convivência acadêmica e a troca de experiências entre diferentes gerações favorecem a ressignificação do papel das avós, que passam a enxergar a maternidade precoce de suas filhas e netas sob uma perspectiva mais compreensiva e acolhedora. Esse aprendizado não apenas fortalece os laços familiares, mas também fomenta uma cultura de apoio mútuo, na qual a escuta ativa e o respeito às trajetórias individuais tornam-se pilares essenciais.

Assim, a educação intergeracional promovida pela UMA ultrapassa os limites do espaço acadêmico, gerando impactos positivos no convívio social e familiar, especialmente no que diz respeito à valorização da mulher em diferentes fases da vida.

Abordamos como essa situação altera a rotina dos futuros avós, o impacto emocional que provoca e o papel que desempenham como fontes de apoio intergeracional na relação socioafetiva. Relatos incluídos a partir das entrevistas revelam as experiências, os desafios enfrentados e as estratégias adotadas para contorná-los. No exame das estratégias de enfrentamento, Coltro (2021, p. 43) afirma que “a família é como um lar, é o teto, cuja base é o afeto; um lar sem afeto desmorona”. Foram exploradas as dinâmicas envolvidas no processo da gravidez precoce, identificando momentos específicos que podem fragilizar ou fortalecer as relações familiares, bem como o papel da avosidade. As oralidades demonstram como essas experiências podem servir de suporte emocional para todos os envolvidos.

Todas as entrevistadas destacam a importância do apoio familiar, especialmente das mães/avós, para o enfrentamento da gravidez na adolescência. O suporte emocional, prático e financeiro oferecido por essas figuras femininas foi fundamental para que elas pudessem seguir em frente com seus estudos, trabalhos e projetos de vida.

A gravidez na adolescência invariavelmente implica em uma reconfiguração dos planos e expectativas para o futuro. As entrevistadas relatam que a maternidade precoce as afastou de alguns sonhos e oportunidades, mas também as impulsionou a buscar novas formas de realização pessoal.

Apesar dos desafios e dificuldades, as entrevistadas demonstram resiliência e força feminina ao narrar suas histórias de vida. Elas se orgulham de suas conquistas, de seus filhos e netos, e reconhecem que a maternidade, mesmo que precoce, fez parte de sua trajetória e contribuiu para o seu crescimento pessoal, moldando sua visão de mundo e suas relações familiares.

As entrevistadas demonstram diferentes posturas em relação à orientação sexual de seus filhos. Algumas abordaram o tema de forma aberta e direta, enquanto outras optaram por conversas mais sutis e indiretas. Essa diversidade de respostas reflete a ampla gama de valores e crenças presentes em nossa sociedade, evidenciando as variadas formas de lidar com questões de sexualidade e identidade dentro do contexto familiar.

Das entrevistadas, cerca de 60%, assumiram um papel central na criação dos netos, seja por necessidade ou por opção. Embora se mostraram gratificadas por poderem oferecer apoio e cuidado aos netos, também reconhecem que essa responsabilidade pode ser desafiadora e limitadora da liberdade pessoal.

A análise do quadro 11, revela que a gravidez na adolescência é um fenômeno complexo com impactos que se estendem por toda a vida das mulheres. As idosas relataram que a experiência da maternidade precoce é permeada por desafios, mas também por aprendizados, crescimento pessoal e fortalecimento de vínculos familiares.

O estudo com as cinco mulheres idosas abordou o tema gravidez na adolescência sob diferentes perspectivas. Todas as entrevistadas enfatizaram a importância do apoio familiar, especialmente das mães/avós, destacando o sentimento de avosidade como um fator primordial durante esse período.

Mesmo dentro do casamento, como é o caso de todas as mulheres idosas entrevistadas, a gravidez precoce inevitavelmente impacta os planos para o futuro, levando à reconfiguração de expectativas e, muitas vezes, ao adiamento ou à renúncia de certos sonhos. No entanto, as entrevistadas demonstraram grande resiliência e força ao longo de suas trajetórias. Apesar dos desafios enfrentados, elas se orgulham de suas conquistas e reconhecem que a maternidade, embora precoce, foi um fator importante para seu crescimento pessoal.

Em relação ao preconceito por serem mães jovens, 80% das entrevistadas não enfrentaram dificuldades diretas, mas relataram desafios em outras áreas, como separações (20%) ou dificuldades para encontrar trabalho (30%). Quanto às relações conjugais, em um contexto de escassa informação e uma sociedade que subjugava as mulheres, 30% das mulheres idosas entrevistadas relataram ter enfrentado violência doméstica e maus-tratos, o que resultou em separações. No que diz respeito à educação e profissionalização, 90% das entrevistadas mencionaram que algumas mulheres abandonaram a escola por vergonha ou devido às responsabilidades matrimoniais e maternas, o que dificultou sua profissionalização e, conseqüentemente, sua inserção no mercado de trabalho, tornando-as dependentes financeiramente dos companheiros.

Em relação à ocorrência de gravidez na adolescência em suas famílias, 100% mencionaram ser algo comum em sua época, possivelmente relacionado a fatores culturais, sociais e econômicos.

As mães/avós idosas tentaram orientar seus filhos sobre a sexualidade de forma mais aberta, apesar das dificuldades pessoais em abordar o tema. É perceptível que, quando há diálogo e orientação, isso reflete um planejamento familiar. Uma boa educação dos filhos resultou em netos planejados e em uma menor necessidade de assumir a responsabilidade financeira por eles.

Por fim, algumas entrevistadas destacaram o papel fundamental dos avós na criação dos netos, seja por necessidade ou opção. Elas se sentem gratificadas em poderem oferecer apoio e cuidado aos netos, mas também reconhecem os desafios dessa responsabilidade.

Ratificamos com as entrevistas, que a gravidez na adolescência é um tema complexo e multifacetado, com impactos que se estendem ao longo da vida das mulheres. As experiências compartilhadas pelas entrevistadas revelam a importância do apoio familiar, a necessidade de adaptação e resiliência, e a diversidade de abordagens em relação à orientação sexual e à criação dos filhos.

É válido ressaltar nas entrevistas realizadas a análise de como a chegada de um bebê durante a adolescência afeta a dinâmica familiar, especialmente o papel dos avós, que muitas vezes assumem funções parentais ou de suporte. A exploração do papel dos avós na assunção do processo de gravidez precoce das filhas, ou mesmo na criação dos netos, é frequente nas relações que refletem a avosidade. Nesse contexto, destacamos a troca intergeracional de valores, conhecimentos e afetos entre pais, avós, adolescentes e netos intrauterinos. Esse processo pode ser visto tanto como uma ponte que fortalece os laços familiares quanto como um espaço de tensão devido a diferenças de expectativas e responsabilidades.

Importa mencionar que a análise qualitativa com enfoque fenomenológico faz um convite a mergulhar na subjetividade das entrevistadas, na busca da compreensão como cada uma vivencia e significa a gravidez na adolescência. A análise fenomenológica permite acessar a "coisa em si", ou seja, a experiência tal como se apresenta à consciência, sem reduções ou interpretações prévias.

Em suma, a análise é apenas um ponto de partida. A pesquisa qualitativa com enfoque fenomenológico convida a aprofundar a investigação, buscando compreender as nuances e singularidades de cada experiência e, assim, fizemos neste trabalho.

A análise dos dados coletados foi um processo meticuloso e reflexivo, essencial para a compreensão das experiências intergeracionais entre adolescentes grávidas e futuras avós, bem como dos relatos das mulheres idosas que viveram a experiência da gravidez na adolescência. Utilizando a análise qualitativa como abordagem principal, buscamos permitir que as vozes dos participantes emergissem de maneira autêntica e significativa. A partir das entrevistas semiestruturadas, buscamos identificar categorias e temas que se destacaram nas narrativas, revelando a complexidade das dinâmicas familiares e as nuances das relações socioafetivas.

Além disso, a análise permitiu refletir sobre as implicações sociais e culturais que emergiram das experiências compartilhadas. As normas e expectativas sociais que

influenciam as relações entre mães/avós e adolescentes, bem como o contexto local de Palmas, Tocantins, moldaram as interações, fundamentais para a compreensão não apenas das experiências individuais, mas também das estruturas sociais que cercam a gravidez na adolescência

As reflexões finais desta análise irão além da simples apresentação dos dados, conectam as descobertas à construção de políticas públicas e programas de apoio que reconheçam a importância do suporte intergeracional, especificamente das mães, futuras avós, no mister de avosidade. A partir dos dados analisados, surgem diretrizes que possam fortalecer as redes de apoio entre avós e adolescentes grávidas, promovendo um ambiente familiar mais acolhedor e inclusivo.

7 POLÍTICAS PÚBLICAS E INTERVENÇÃO SOCIAL NO APOIO A ADOLESCENTES GRÁVIDAS - DIRETRIZES

A necessidade de políticas públicas que abordem a gravidez na adolescência é sempre uma necessidade urgente. Ao olhar para o contexto atual, percebemos que milhares de jovens se encontram em situações desafiadoras, muitas vezes sem o suporte adequado para enfrentar as complexidades que surgem com a maternidade precoce. A realidade dessas adolescentes e suas famílias é marcada por desigualdades sociais e econômicas que agravam ainda mais a situação.

A importância dessas políticas não pode ser subestimada, pois elas têm o potencial de redimensionar a vida de jovens mães, oferecendo recursos e suporte que vão além do simples acesso à educação. Ao discutir a relevância das políticas públicas, é essencial destacar como elas podem abordar as múltiplas dimensões da gravidez na adolescência, incluindo saúde, educação e assistência social. Para os autores Cabral e Brandão (2020), a abordagem de políticas públicas engloba:

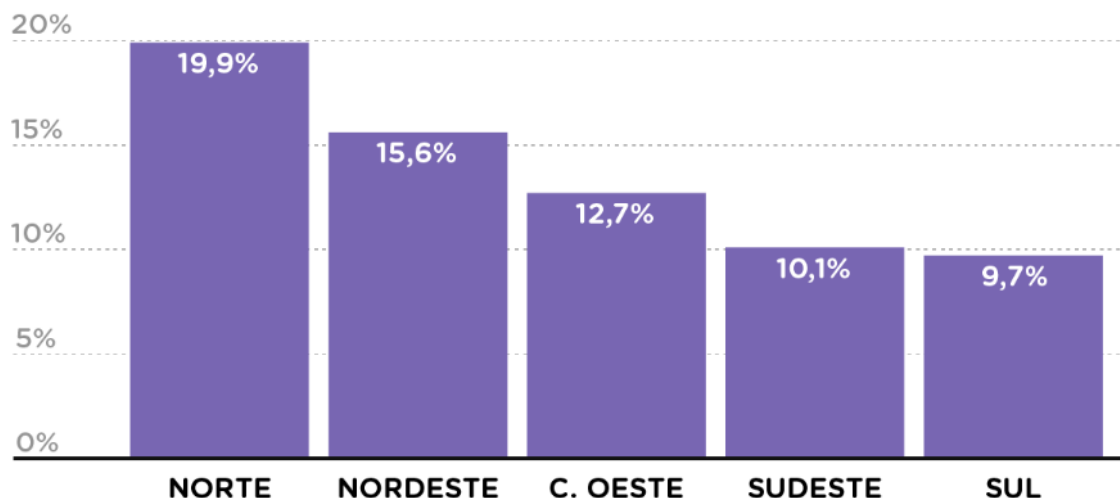
A diferença reside na existência de políticas públicas com incentivo à educação sexual, o que implica falar sobre sexo, ter disponíveis recursos necessários de prevenção, informações qualificadas, profissionais de saúde e educação capacitados na temática e que saibam abordar as dúvidas dos jovens com a abertura ao diálogo sem moralismos (conceituais ou religiosos), ter suporte de pessoas próximas em quem os jovens possam confiar e ter apoio (Cabral; Brandão 2020, p.2).

Os autores enfatizam a importância das políticas públicas voltadas para a educação sexual, destacando que sua efetividade depende não apenas da existência formal dessas políticas, mas também da implementação de ações concretas que garantam acesso à informação qualificada e ao suporte adequado para os jovens.

Dados recentes revelam que, em algumas regiões do Brasil, as taxas de gravidez na adolescência são alarmantes. Em áreas com menos acesso a serviços de saúde e educação, as jovens são mais vulneráveis a engravidar antes dos 18 anos. Segundo o Ministério da Saúde, cerca de 20% das adolescentes entre 15 e 19 anos já foram mães, e esse número é ainda mais elevado em comunidades de baixa renda. Essa estatística não é apenas um número; é o reflexo de histórias de vida, de sonhos interrompidos e de desafios que se acumulam.

A análise da prevalência da gravidez na adolescência por região do Brasil revela que o Norte apresenta a maior taxa (19,9%), seguido pelo Nordeste (15,6%), enquanto o Sul registra o menor percentual (9,7%). Observamos ainda que essa distribuição regional se repete no caso da gravidez entre meninas com menos de 15 anos (Brasil, 2024).

Gráfico - 4 Percentual de mães adolescentes entre 15 a 17 anos por região do Brasil



Fonte: Sinasc (Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos), do Ministério da Saúde

Essa distribuição também se mantém entre meninas com menos de 15 anos, o que reforça a necessidade de políticas públicas específicas para prevenir a gravidez precoce, principalmente nas regiões mais afetadas. Fatores como vulnerabilidade social, escolaridade, acesso a métodos contraceptivos e estrutura familiar são determinantes nesse cenário.

Além disso, a gravidez na adolescência pode trazer consequências significativas, tanto para as jovens mães quanto para a sociedade, impactando a continuidade dos estudos, a inserção no mercado de trabalho e o desenvolvimento infantil. Estratégias como educação sexual nas escolas, ampliação do acesso a serviços de saúde reprodutiva e campanhas de conscientização podem contribuir para a redução dessas taxas, especialmente nas regiões mais vulneráveis.

Palmas - Tocantins, está inserida nesse cenário, na região norte, maior índice do país, o que torna ainda mais imprescindível a criação de políticas públicas que reconheçam e atendam às necessidades específicas das adolescentes grávidas. Essas políticas devem ser abrangentes, incluindo desde a educação sexual nas escolas até o acesso a serviços de saúde de qualidade. É crucial que as jovens tenham informações claras e precisas sobre seus direitos e opções, além de receber suporte psicológico e emocional durante a gestação.

Ademais, a inclusão das famílias, especialmente dos pais, futuros avós, nas estratégias de apoio é uma abordagem que pode trazer resultados significativos. Muitas vezes, os avós são os pilares de sustentação emocional para as jovens mães, oferecendo não apenas amor, mas também uma perspectiva que pode ajudar a suavizar a transição para a maternidade. Ao

reconhecer e valorizar esse papel, as políticas públicas podem fortalecer as redes de apoio familiar, criando um ambiente mais acolhedor e seguro para as adolescentes.

Ao analisar o contexto atual da gravidez na adolescência, fica claro que a urgência por políticas públicas eficazes é uma questão de justiça social. É hora de agir, de criar um futuro em que cada jovem mãe tenha a oportunidade de sonhar e construir sua vida com dignidade e apoio. O fortalecimento das políticas públicas não é apenas uma necessidade, mas um compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e solidária, em que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas.

Iniciativas demonstraram que, quando as políticas públicas são pensadas de forma interconectada, os resultados são significativamente mais eficazes. A criação de centros de apoio que oferecem serviços de saúde, orientação educacional e suporte psicológico tem mostrado um impacto positivo na vida de adolescentes grávidas, ajudando-as a superar os desafios que enfrentam.

Benevides, Freitas e Lima (2024) acreditam que:

Os impactos de uma gravidez na adolescência são multifacetados e abrangem diversas áreas da vida dos jovens. Além das implicações físicas, como maior risco de complicações durante a gestação e parto, a gravidez precoce pode interromper a educação formal e limitar as oportunidades de carreira. Também pode resultar em pressões sociais, estigma e conflitos familiares. A responsabilidade precoce de cuidar de um filho pode levar ao isolamento social e a desafios financeiros significativos. A gravidez na adolescência pode afetar negativamente a saúde mental, contribuindo para problemas como depressão e ansiedade (Benevides, Freitas; Lima 2024, p.82).

Na perspectiva dos autores, a gravidez na adolescência é um desafio que afeta múltiplas esferas da vida da jovem. As implicações físicas, educacionais, sociais, financeiras e emocionais exigem um olhar cuidadoso e uma abordagem abrangente. Assim, a necessidade de uma abordagem integrada é evidente. As políticas públicas devem considerar não apenas a educação, mas também a saúde mental e o bem-estar das adolescentes. O investimento em serviços de saúde mental, como acompanhamento psicológico e grupos de apoio, é crucial para ajudar essas jovens a lidar com as emoções e desafios que surgem durante a gravidez. Relatos de adolescentes que tiveram acesso a esse tipo de suporte revelam que a ajuda emocional é tão importante quanto a assistência educacional, pois permite que elas se sintam mais preparadas para enfrentar a maternidade.

A assistência à saúde sexual e reprodutiva, bem como à educação, costumes, cultura, crenças e valores morais da sociedade brasileira, deve ser considerada em todas as localidades e regiões. No entanto, é fato que persiste o tabu, enfrentar o desafio da recorrência da gravidez na adolescência é uma tarefa complexa para as políticas de planejamento familiar,

especialmente porque a falta de inclusão social das jovens grávidas muitas vezes resulta em uma maior probabilidade de reincidência. Em alguns casos, essa situação se torna ainda mais desfavorável, especialmente no que se refere à condição social de inserção dessas jovens.

A inclusão dos avós nas políticas públicas voltadas para adolescentes grávidas é uma abordagem que pode transformar profundamente a experiência dessas jovens e suas famílias. Os avós frequentemente desempenham um papel crucial como pilares de apoio emocional e prático, oferecendo não apenas amor, mas também uma sabedoria acumulada ao longo de suas vidas. Essa relação intergeracional é uma fonte de força que pode ajudar a suavizar as transições desafiadoras que acompanham a gravidez na adolescência.

Capacitar os avós para que possam oferecer um suporte mais efetivo é uma estratégia fundamental. Isso pode incluir treinamentos que abordem temas como cuidados com bebês, saúde mental e desenvolvimento infantil. Ao fornecer recursos e informações, as políticas públicas podem ajudar os avós a se sentirem mais preparados para desempenhar esse papel. Iniciativas que já incorporam a participação intergeracional têm mostrado resultados positivos.

Em suma, a inclusão dos avós nas políticas públicas voltadas para adolescentes grávidas não é apenas uma questão de apoio, mas uma oportunidade de melhor interação nas dinâmicas familiares. Ao reconhecer e valorizar o papel dos avós, as políticas podem criar um ambiente mais acolhedor e seguro para as jovens mães, promovendo um suporte intergeracional que enriquece a vida de todos os envolvidos. Essa abordagem não apenas fortalece os laços familiares, mas também resvala o exercício da avosidade.

Além disso, as políticas públicas devem reconhecer a experiência dos avós como um recurso valioso. Programas que incentivem a participação ativa dos avós na vida de seus netos podem ser extremamente benéficos. Iniciativas que promovam encontros intergeracionais, nos quais avós e netos possam compartilhar experiências e aprendizados, podem fortalecer os laços familiares e criar um senso de comunidade.

Nas pesquisas bibliográficas, no contexto federal, estadual e municipal poucas e insignificantes políticas públicas são implementadas. A saber, em nota técnica está instituída pelo governo federal a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência, instituída na lei nº 13.798, artigo 8º, acrescentada ao Estatuto da Criança e do Adolescente em 2019. As diretrizes da campanha apenas delineiam em linhas gerais:

- a) Apoiar a prevenção da gravidez em evidências científicas;
- b) Realizar o atendimento nas unidades de Atenção Primária à Saúde dos adolescentes, mesmo sem a presença dos responsáveis;

- c) Desenvolver ações para meninos e meninas adolescentes, estimulada a conversa em grupos;
- d) Disponibilizar métodos contraceptivos ajustados às necessidades e planos de cuidados de cada pessoa, inclusive de anticoncepção hormonal de emergência e inserção do DIU, eventualmente;
- e) Ampliar o acesso aos preservativos (feminino e masculino) por livre demanda;
- f) Realizar testes rápidos de gravidez, sífilis, HIV e hepatites virais, mesmo sem a presença dos responsáveis;
- g) Ampliar os cuidados qualificados de pré-natal, parto e pós-parto considerando as especificidades das mães e pais adolescentes;
- h) Incluir adolescentes e jovens na concepção e implementação de programas de prevenção da gravidez.

Vale ressaltar que, no Brasil, não há política pública efetiva, concreta e prática de prevenção a gravidez precoce, as implementações das leis ratificam ações de atendimentos a efetiva gravidez, exames e medicamentos na existência de doenças sexualmente transmissíveis já ocasionadas e, conforme Lei nº 11.804/08, que trata da assistência à gestante e à puérpera, fica facultado ao adolescente além das informações nos ambientes escolares, buscar informações sobre educação sexual nos postos de saúde instituídos pelo Sistema Único de Saúde - SUS. De acordo com Pereira (2021):

Tendo em vista que a campanha terá como principal aliado institucional a escola, para promover o retardamento das relações sexuais, é importante avaliar também em que medida a educação sexual assegurada pelos currículos escolares está sendo eficaz em promover orientação sobre prevenção de gravidez, transmissão de infecções sexualmente transmissíveis e aquisição gratuita de preservativos. (Pereira; Vieira 2021, p.19).

No Estado do Tocantins, foram encontradas algumas ações realizadas ao longo dos últimos 10 anos. A **Casa de Marta** é um projeto missionário ligado à Arquidiocese de Palmas que objetiva orientar e acompanhar mães adolescentes, promovendo o fortalecimento dos laços familiares, o desenvolvimento do protagonismo e a melhoria da autoestima. As adolescentes são assistidas por uma equipe multidisciplinar composta por psicólogos, assistentes sociais e pedagogas. Entre as atividades oferecidas, estão oficinas de cuidados com o bebê, orientação sexual, saúde da gestante, alimentação saudável, oficinas temáticas, artesanato e informática, além de apoio psicológico.

Na maior maternidade pública do Tocantins, há uma outra iniciativa relevante, o **Projeto Menina Mãe**, que oferece oficinas direcionadas a adolescentes grávidas, com até 20

anos, preferencialmente em sua primeira gestação. O projeto realiza encontros que abordam aspectos emocionais da adolescência, métodos anticoncepcionais, mudanças corporais, práticas saudáveis na gravidez, aleitamento materno, cuidados com o recém-nascido e preparação para o parto. As oficinas são realizadas no auditório do Hospital e Maternidade Dona Regina Siqueira Campos, com registros dos últimos encontros em 2020.

Outro suporte vem de um trabalho de pesquisa, que resultou na Defensoria Pública do Tocantins disponibilizando a cartilha "Gestação na Adolescência", que informa adolescentes, seus parceiros e familiares sobre planejamento familiar, direitos das adolescentes grávidas e cuidados básicos no pré-natal e pós-parto. Essa cartilha é o resultado de uma dissertação do Mestrado Profissional em Políticas Públicas da UFT. Embora essas iniciativas sejam, até o momento, ineficazes, elas demonstram o compromisso de Palmas em oferecer suporte às adolescentes grávidas, contribuindo para seu desenvolvimento saudável e inclusão social.

Diante dessa deficiência, a partir dos estudos explicitados nas entrevistas com adolescentes grávidas, bem como nas experiências de mulheres idosas que vivenciaram a gravidez precoce, são delineadas algumas sugestões de programas e ações concretas, adaptáveis às realidades locais e considerando as particularidades culturais e sociais de cada região. Algumas diretrizes práticas que podem ser adotadas incluem:

1. Uma das iniciativas mais impactantes seria a criação de grupos de apoio intergeracional. Esses grupos poderão reunir mães/avós e jovens mães para compartilharem experiências, desafios e aprendizados. A interação entre as gerações não só fortalece os laços familiares, mas também promove um ambiente de acolhimento e compreensão;
2. Oficinas de capacitação para jovens mães e avós também são essenciais. Essas oficinas poderão abordar temas como cuidados com os bebês, saúde mental, desenvolvimento infantil e habilidades práticas para enfrentar os desafios da maternidade;
3. Além disso, campanhas de conscientização sobre a importância do suporte familiar são fundamentais. Essas campanhas podem ser realizadas em escolas, comunidades, igrejas e redes sociais, visando desmistificar a gravidez na adolescência e promover uma visão mais acolhedora e solidária;
4. Parcerias entre escolas, organizações não governamentais e o governo são cruciais para a realização dessas ações. A colaboração entre diferentes setores pode potencializar os recursos disponíveis e garantir que as iniciativas cheguem a um maior número de adolescentes e suas famílias;
5. Oficinas de empoderamento e capacitação profissional para jovens mães pode ser uma estratégia poderosa. Essas oficinas devem focar no desenvolvimento de habilidades práticas e na construção de

uma autoestima sólida. Ao proporcionar ferramentas que ajudem as adolescentes a se sentirem mais confiantes em suas capacidades, contribui não apenas para sua autonomia, mas também preparando-as para um futuro mais seguro em conhecimentos;

6. Implementação de programas de mentoria, nos quais mulheres mais experientes compartilham suas histórias, estabelecendo a intergeracionalidade e oferecendo orientação, pode ser uma iniciativa valiosa. Essas mentorias podem servir como modelos de resiliência, mostrando que é possível superar desafios e alcançar objetivos, mesmo diante das dificuldades. Essa conexão pode funcionar como um farol de esperança para as jovens mães, ajudando-as a visualizar um futuro melhor;

7. Campanhas educativas que abordam a gravidez na adolescência de forma empática e informativa ajudam a desestigmatizar a situação, contribuindo para a mudança de mentalidades na sociedade. Quando a comunidade se torna mais informada e receptiva, as adolescentes se sentem mais encorajadas a buscar ajuda e apoio;

É importante que as políticas públicas sejam constantemente avaliadas e ajustadas com base nas necessidades reais das adolescentes e suas famílias. A coleta de depoimentos e feedbacks das participantes dos programas pode fornecer insights valiosos sobre o que está funcionando e o que pode ser melhorado.

Criar um ecossistema de suporte robusto, no qual as adolescentes grávidas encontrem não apenas recursos, mas também compreensão e aceitação, é fundamental. Essa abordagem integrada é essencial para atender às necessidades multifacetadas dessas jovens, que frequentemente enfrentam desafios que vão além da educação e da saúde.

Na atualidade, a Estratégia da Saúde da Família – ESF, considerada um novo modelo de assistência à saúde das populações e de mudanças das práticas profissionais, pode redirecionar as ações programáticas até então instituídas para o grupo de adolescentes, nas diferentes áreas de abrangência dos serviços de atenção básica de saúde (Ferrari *et al* 2008, p.338).

Em suma, as sugestões de programas e ações concretas apresentadas visam criar um ambiente de apoio e acolhimento para adolescentes grávidas e suas famílias. Ao implementar grupos de apoio intergeracional, como o programa de extensão desenvolvido pela Universidade da Maturidade no polo de Palmas, oficinas de capacitação, campanhas de conscientização e parcerias eficazes, é possível promover um suporte sólido e duradouro.

A importância de um olhar interdisciplinar e inclusivo nas políticas públicas é um aspecto fundamental para abordar a complexidade da gravidez na adolescência. Este fenômeno não pode ser compreendido de maneira isolada, pois envolve uma teia intrincada de

fatores que permeiam a vida das jovens mães. Ao considerar as múltiplas dimensões que influenciam essa realidade, é possível desenvolver políticas que realmente façam a diferença.

A colaboração entre diferentes áreas, como saúde, educação e assistência social, é essencial para criar um suporte integral que atenda às necessidades das adolescentes grávidas. Por exemplo, ao integrar serviços de saúde com programas educacionais, é possível garantir que as jovens recebam informações precisas sobre cuidados pré-natais, saúde mental e planejamento familiar.

Além disso, é crucial que as políticas públicas considerem as vozes das próprias adolescentes. A escuta ativa é um pilar que deve guiar a formulação das diretrizes. Quando as jovens são convidadas a compartilhar suas experiências e desafios, as políticas podem ser moldadas para atender às suas reais necessidades. A inclusão de suas vozes pode transformar políticas.

O olhar interdisciplinar também deve incluir uma perspectiva de gênero, reconhecendo as desigualdades que as adolescentes enfrentam. Muitas vezes, as jovens que engravidam enfrentam não apenas desafios relacionados à maternidade, mas também questões sociais e econômicas que limitam suas oportunidades. Ao engravidarem, muitas adolescentes acabam abandonando a escola por diversos fatores.

A promoção de um ambiente acolhedor e solidário é outra dimensão que deve ser considerada. As políticas públicas devem incentivar a criação de redes de apoio que envolvam não apenas a família nuclear, mas também a comunidade.

É fundamental que as políticas públicas sejam avaliadas e ajustadas de forma contínua. O monitoramento das iniciativas e a coleta de feedbacks das adolescentes e suas famílias são essenciais para garantir que as ações estejam realmente satisfatórias. A construção de um futuro mais solidário e acolhedor para adolescentes grávidas e suas famílias exige um compromisso político coletivo.

A mobilização comunitária e a participação da sociedade civil são pilares fundamentais na implementação de políticas públicas que apoiem adolescentes grávidas. Ao unir esforços, compartilhar experiências e promover a conscientização, pode ser criado um ambiente mais acolhedor e solidário, no qual essas jovens possam encontrar o apoio necessário para enfrentar os desafios da maternidade precoce.

Por fim, ao unir esforços de diferentes setores da sociedade, como saúde, educação e assistência social, é possível criar políticas que não apenas reconheçam a complexidade da gravidez na adolescência, mas que também promovam um suporte integral e inclusivo. Essa

abordagem não apenas redimensiona a vida das jovens mães, mas também fortalece os laços familiares e comunitários, criando uma rede de apoio que beneficia a todos.

8 IMPLICAÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS NO FORTALECIMENTO DAS RELAÇÕES FAMILIARES

É essencial refletir sobre as implicações sociais que emergem da pesquisa sobre a gravidez na adolescência e o papel dos avós. Falcão (2005, p. 206) destaca que a longevidade humana tem favorecido o crescimento do número de famílias nas quais coexistem três ou até quatro gerações. Em um mundo em constante transformação, as dinâmicas familiares não apenas moldam a vida íntima de seus integrantes, mas também reverberam na sociedade como um todo. Reconhecer as avós como figuras centrais nas famílias contemporâneas, especialmente em situações de vulnerabilidade, é fundamental para a compreensão das interações que se desenrolam em torno da gravidez na adolescência. Falcão (2005, p. 206) descreve, em seus estudos, as avós maternas, as quais foram denominadas de "hábeis" quando tinham idades entre 39 e 60 anos, e de "precoces" quando se tornaram avós antes dos 38 anos. Um fato que revela a repetição da história.

A gravidez na adolescência não é um fenômeno isolado; suas consequências se estendem além das fronteiras familiares, impactando a comunidade em que essas famílias estão inseridas. As avós, muitas vezes, assumem papéis multifacetados, atuando como cuidadoras, conselheiras e, em muitos casos, como pilares emocionais. Esse suporte é vital, pois a gravidez na adolescência pode gerar estigmas e desafios que afetam não apenas a jovem mãe, mas também toda a estrutura familiar.

A análise da incidência da gravidez na adolescência em Palmas revela um panorama que não pode ser ignorado. Os dados estatísticos indicam que, em comunidades onde as tradições familiares são mais evidentes, as avós tendem a ter um papel ainda mais acentuado. Elas não apenas oferecem apoio prático, mas também são responsáveis pela transmissão de valores e saberes que, muitas vezes, se perdem nas gerações mais jovens. Essa transmissão de conhecimento é uma forma de resistência cultural, em que as avós se tornam guardiãs de histórias e tradições que moldam a identidade familiar. Deus e Dias (2016) afirmam que:

[...] questão que merece destaque é o desenvolvimento de pesquisas sobre o processo de tornar-se avó no contexto da gravidez adolescente. Esse momento representa uma transição importante na vida de uma mulher, pois pode despertar sentimentos positivos, proporcionar crescimento pessoal, mas também, angústias e aumento dos gastos na família (Deus e Dias 2016, p.63).

Além disso, o impacto social da gravidez na adolescência se reflete na educação, na saúde e nas políticas públicas locais. As adolescentes grávidas enfrentam desafios que vão além do âmbito pessoal, elas lidam com a necessidade de conciliar a maternidade precoce

com a continuidade dos estudos e a busca por uma vida profissional. A presença ativa das avós pode ser um fator decisivo para que essas jovens consigam superar os obstáculos impostos por uma sociedade que, na maioria das vezes, não oferece um suporte adequado.

É também crucial considerar como as estruturas sociais e culturais locais influenciam a percepção da gravidez na adolescência. Em Palmas, as normas sociais que cercam a maternidade precoce podem variar significativamente, dependendo do contexto familiar e comunitário. As avós, ao ocupar um espaço de autoridade e respeito, podem desempenhar um papel transformador, ajudando a moldar uma narrativa mais positiva em torno da gravidez na adolescência. Essa mudança de perspectiva é essencial para quebrar estigmas e promover um ambiente mais acolhedor e solidário.

Portanto, ao analisar as implicações sociais da gravidez na adolescência e o papel das avós, é evidente que essas relações não são apenas importantes para as famílias, mas também para a construção de uma sociedade mais empática e compreensiva. O fortalecimento das relações familiares, mediado pela presença ativa das avós, pode ser uma chave para a transformação social, criando um ciclo de apoio que se estende por gerações. É um convite para que, enquanto sociedade, seja reconhecido e valorizado o papel vital que essas mulheres desempenham, promovendo uma cultura de respeito e solidariedade em torno das experiências de gravidez na adolescência.

A importância de criar um ambiente acolhedor e solidário não pode ser subestimada, especialmente quando se trata de avós e netas lidando com os desafios da maternidade precoce. Necessário, portanto, explorar propostas de intervenções comunitárias que fortaleçam as relações familiares diante da gravidez na adolescência. Alguns pais mudam o comportamento em se tratando de uma nova titularidade, o da avosidade, apontam Jorge e Wolfgang (2015) que:

Para muitos desses avós, esta é uma segunda oportunidade para serem pais, para serem pais melhores. Permitem-se criar um novo papel, diferente do anterior construindo um novo significado, uma nova identidade enquanto avós, aliado a outros fatores contextuais, como a reforma da idade. Se alguns pais referem que só se sentem verdadeiramente a atuar como pais quando começam.... (Jorge; Wolfgang 2015, p. 9).

Uma das iniciativas mais eficazes é a formação de grupos de apoio, nos quais avós e adolescentes grávidas possam se reunir regularmente numa consolidação dos laços intergeracionais. Esses encontros podem ser um espaço seguro para compartilhar experiências, trocar conselhos e oferecer suporte emocional. Através de dinâmicas de grupo,

as participantes podem explorar suas emoções, discutir desafios comuns e celebrar conquistas, criando um senso de comunidade que é vital em momentos de vulnerabilidade.

Além disso, oficinas de capacitação podem ser implementadas, focando em temas como comunicação eficaz, gestão de conflitos e habilidades parentais. Essas oficinas não apenas equipam as avós com ferramentas práticas para lidar com a situação, mas também promovem um diálogo intergeracional que enriquece a compreensão mútua. Ao aprender sobre as preocupações e aspirações das adolescentes, as avós podem se tornar aliadas mais efetivas, oferecendo suporte que é tanto emocional quanto prático.

As atividades intergeracionais fortalecem laços familiares. Programas que incentivem a participação conjunta em atividades recreativas ou educativas podem criar memórias positivas e reforçar a conexão entre avós e netas. Seja através de aulas de culinária, artesanato ou mesmo atividades esportivas, essas experiências compartilhadas ajudam a construir um relacionamento mais forte e significativo.

A colaboração entre diferentes setores da sociedade é fundamental para o sucesso dessas intervenções. Escolas, serviços de saúde e organizações não governamentais podem atuar em conjunto para criar uma rede de apoio robusta. As escolas podem incluir em seus currículos programas que abordem a gravidez na adolescência, sensibilizando estudantes e professores sobre a importância do apoio familiar. Além disso, profissionais da saúde podem ser capacitados para identificar e encaminhar adolescentes grávidas e suas avós para grupos de apoio, garantindo que todas as partes envolvidas tenham acesso a informações sobre prevenção, assim como aos recursos necessários para suporte financeiro.

As intervenções devem ser adaptadas para respeitar e incorporar as tradições e valores locais, garantindo que todos se sintam representados e acolhidos. Nesse caminho, buscamos promover um ambiente em que avós e netas se sintam valorizadas e apoiadas, independentemente de suas origens, levando em consideração a diversidade cultural das comunidades.

Em suma, as propostas de intervenções comunitárias devem ser abrangentes e inclusivas, criando espaços onde avós e netas possam se conectar, aprenderem e crescerem juntas. Ao fortalecer essas relações familiares, não apenas ajuda as adolescentes grávidas a enfrentarem os desafios da maternidade, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais solidária e empática. A transformação começa em casa, no seio das gerações.

As políticas públicas e o suporte institucional são fundamentais para o fortalecimento das relações familiares, especialmente em contextos nos quais a gravidez na adolescência se torna uma realidade. Ao analisar as políticas existentes, é evidente que, muitas vezes, elas não

contemplam adequadamente o papel dos avós como agentes de apoio nas dinâmicas familiares. As avós, frequentemente, são as figuras centrais que oferecem suporte emocional, financeiro e prático, mas suas contribuições muitas vezes são invisibilizadas nas políticas direcionadas a adolescentes grávidas.

É crucial que as autoridades locais reconheçam a importância das relações intergeracionais ao formular políticas públicas. Isso significa desenvolver iniciativas que não apenas apoiem as adolescentes grávidas, mas que também integrem as avós como parceiras nesse processo. Um exemplo prático de como isso pode ser feito é a criação de programas que promovam a educação e a capacitação das avós, permitindo que elas se sintam mais preparadas para oferecer apoio às suas netas durante a gravidez e a maternidade, aqui nesse campo de vivências e aprendizados de sucesso e redimensionamentos com a educação intergeracional, está a UMA, com seus 13 polos.

Além disso, é necessário que as políticas públicas considerem as especificidades culturais e sociais de cada comunidade. Em Palmas, por exemplo, as tradições e valores locais influenciam profundamente a forma como a gravidez na adolescência é percebida. Portanto, as iniciativas devem ser adaptadas para refletir essas particularidades, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. Isso pode incluir a realização de consultas públicas que envolvam tanto adolescentes quanto avós, permitindo que suas experiências e necessidades sejam levadas em consideração na formulação de políticas.

Nesse patamar, a inclusão dos avós nas discussões sobre políticas públicas não é apenas uma questão de reconhecimento, mas uma estratégia eficaz para fortalecer as relações familiares e promover o bem-estar das adolescentes grávidas. Ao valorizar o papel das avós e integrá-las às iniciativas de apoio, contribuímos para a construção de um ambiente mais acolhedor e solidário, onde avós e netas possam enfrentar juntas os desafios da maternidade precoce.

Portanto, ao olharmos para o futuro das políticas públicas relacionadas à gravidez na adolescência, é essencial que haja uma mudança de paradigma. É fundamental passar de uma abordagem que vê a gravidez na adolescência como um problema a ser resolvido para outra que reconhece e valoriza as dinâmicas familiares e o papel vital que as avós desempenham nesse contexto. Essa mudança não apenas beneficiará as famílias diretamente envolvidas, mas também contribuirá para uma sociedade mais inclusiva, onde cada membro da família é valorizado e apoiado em sua jornada.

A reflexão sobre o fortalecimento das relações familiares, especialmente em tempos de desafios, é mais do que uma necessidade; é uma urgência. As avós desempenham um papel

vital na vida de suas netas, oferecendo não apenas suporte emocional, mas também uma sabedoria que atravessa gerações. Nesse contexto, torna-se essencial valorizar essas dinâmicas e reconhecer que a gravidez na adolescência, embora desafiadora, pode ser um catalisador para a construção de laços mais profundos e significativos. É fundamental vencer os tabus da comunicação. Desafio que Lima *et al* (2005, p.12), descreve que “há necessidade de repensar as relações familiares quanto à educação sexual. A família exerce papel importante nos saberes e nas práticas de adolescentes; contudo, essa temática persiste como um desafio.”

Ao olhar para o impacto das avós nas vidas de suas netas, percebemos que essas mulheres são verdadeiras fontes de resiliência. Elas trazem consigo experiências que podem iluminar o caminho em momentos de incerteza. O diálogo entre avós e netas não apenas promove um entendimento mútuo, mas também fortalece a identidade familiar. É uma oportunidade para que as jovens aprendam sobre suas raízes, compreendam os desafios enfrentados por suas antecessoras e, assim, sintam-se mais empoderadas para enfrentar suas próprias batalhas.

Fazer um chamado à ação é fundamental. A sociedade precisa reconhecer e apoiar essas relações intergeracionais. Isso pode ser feito por meio de políticas públicas que incentivem a participação das avós no cuidado de suas netas, promovendo espaços de diálogo e troca de experiências. Além disso, iniciativas comunitárias que reúnam avós e adolescentes em atividades de aprendizado e lazer podem ser um passo significativo para fortalecer esses laços.

É crucial que, enquanto sociedade, nos empenhemos em criar um ambiente que valorize a figura da avó e, conseqüentemente, o processo que as envolve: a avosidade. Isso não se limita ao reconhecimento de seu papel tradicional, mas exige uma compreensão mais ampla de suas contribuições para o bem-estar emocional e social de suas famílias. O apoio intergeracional deve ser uma prioridade, pois é por meio dele que vislumbramos a construção de uma cultura de respeito e solidariedade.

Ao final, a mensagem é de esperança. Ao nutrir e fortalecer as relações familiares, não apenas ajudamos as jovens mães a enfrentar os desafios da gravidez na adolescência, mas também contribuimos para a construção de um futuro mais solidário e promissor. É um convite a abraçar essa causa, reconhecendo que, ao valorizar as avós e suas contribuições, investiremos na saúde emocional e no bem-estar das próximas gerações.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação, intitulada "Gravidez na Adolescência: Avosidade e Intergeracionalidade nas Relações Socioafetivas Familiares em Palmas – TO", buscou aprofundar a compreensão acerca das complexas dinâmicas familiares que se estabelecem em torno da gravidez na adolescência, com um olhar direcionado para o papel dos pais/avós nesse contexto intergeracional.

Ao longo deste estudo, exploramos o conceito de avosidade, buscando desvelar de que forma as relações socioafetivas, em especial entre mães/avós de adolescentes grávidas, são impactadas por esse evento, desafiando as concepções tradicionais sobre família e cuidado. A pesquisa, de natureza qualitativa e com abordagem fenomenológica, possibilitou analisar como a gravidez na adolescência influencia o equilíbrio das relações socioafetivas entre mães/avós e filhas grávidas, bem como os resultados dessa intergeracionalidade.

Os resultados da pesquisa, obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com mulheres idosas que vivenciaram a gravidez na adolescência e com adolescentes grávidas, revelaram a importância do apoio familiar, em especial o apoio materno, avosidade, para o enfrentamento da gravidez na adolescência. As participantes da pesquisa relataram que o apoio emocional, financeiro e prático oferecido pelas mães/avós foi fundamental para que pudessem lidar com os desafios da gravidez e da maternidade.

A análise dos dados foi uma etapa vital na pesquisa, permitiu que as vozes das participantes ressoassem e que suas experiências fossem valorizadas e acolhidas. Ao interpretar as narrativas e identificar temas significativos, esperamos contribuir para um entendimento mais profundo das dinâmicas intergeracionais e das complexidades envolvidas na gravidez na adolescência. Essa compreensão não apenas enriquecerá o campo acadêmico, mas também poderá servir como base para ações práticas que promovam o bem-estar das jovens mães e de suas famílias.

A pesquisa também evidenciou que a gravidez na adolescência pode gerar conflitos familiares, especialmente quando a adolescente não recebe o apoio necessário. Nesses casos, a gravidez pode ser vista como um problema ou uma vergonha, o que pode levar à evasão escolar da adolescente e/ou ao rompimento de vínculos familiares.

Os resultados deste estudo dialogam com a literatura sobre gravidez na adolescência e relações familiares, destacando a importância do apoio intergeracional, especialmente de mães e avós, para as jovens mães. A pesquisa também reforça a necessidade de políticas

públicas que apoiem adolescentes grávidas e suas famílias, considerando as especificidades de cada contexto familiar.

Este estudo não pretende esgotar o tema da gravidez na adolescência, mas esperamos que contribua para uma compreensão mais profunda das dinâmicas familiares envolvidas e da importância do apoio intergeracional. Os resultados desta pesquisa podem servir como base para o desenvolvimento de políticas públicas e programas sociais voltados ao apoio de adolescentes grávidas e suas famílias.

Finalmente, é importante enfatizar que a gravidez na adolescência é um fenômeno complexo e multifacetado que requer uma abordagem multidisciplinar. Além da família, a escola, a comunidade e o sistema de saúde também devem estar envolvidos no apoio às adolescentes grávidas. Somente assim, será possível garantir que essas jovens tenham a oportunidade de desenvolver todo o seu potencial e construir um futuro para si e seus filhos. Com base nos resultados desta pesquisa, possível é tecer algumas recomendações:

- É essencial que o contexto intergeracional familiar, considere a primazia do sentimento de avosidade que é primordial no desenvolvimento das relações socioafetivas no processo da gravidez precoce;
- É fundamental que a família ofereça apoio emocional, financeiro e prático à adolescente grávida. Esse apoio é essencial para que a adolescente possa lidar com os desafios da gravidez e da maternidade de forma mais segura e tranquila;
- É importante que a escola ofereça apoio pedagógico e psicológico à adolescente grávida. A escola pode ser um espaço de acolhimento e de aprendizagem para a adolescente, ajudando-a a conciliar a maternidade com os estudos;
- É necessário que o governo invista em políticas públicas que visem à prevenção da gravidez na adolescência e ao apoio às adolescentes grávidas e suas famílias. Essas políticas públicas devem incluir ações de educação sexual, acesso a métodos contraceptivos, acompanhamento médico e psicológico, e apoio social;
- É importante que a sociedade como um todo se mobilize para combater o estigma e a discriminação contra as adolescentes grávidas. O estigma e a discriminação podem prejudicar a autoestima e o bem-estar psicológico das adolescentes, além de dificultar o acesso a serviços e oportunidades.

Vale salientar que o estudo também contribuirá para a elaboração de um protocolo de atuação das equipes multidisciplinares no contexto das escolas estaduais do Tocantins, além de incentivar adolescentes grávidas a não desistirem dos estudos. Ao concluírem o ensino médio, elas poderão buscar profissionalização, ampliar seu universo acadêmico, compreender

os riscos aos quais foram expostas e entender que a gravidez precoce não planejada é resultado de sexo sem prevenção, o que pode ocasionar outras patologias. Também será importante que compreendam que o corpo físico ainda não está preparado para a gestação, além dos danos psicológicos, que possivelmente poderão ser superados com o apoio familiar.

Esperamos, com os resultados deste estudo, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual as adolescentes tenham a oportunidade de realizar seus sonhos e projetos de vida, independentemente da gravidez. Que este trabalho possa sensibilizar para a importância de oferecer apoio e recursos adequados, garantindo que todas as jovens possam seguir seu caminho com dignidade, acesso à educação e possibilidades de um futuro pleno, sem que a maternidade precoce seja um obstáculo para o seu crescimento pessoal e profissional

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Rita Margarida Esteves Farinha; DOS SANTOS, Castelo. **Gravidez na adolescência: crise, resposta familiar e bem-estar emocional**. 2009. Tese de Doutorado.
- ALVES, N. L. **Educação em saúde com ênfase na sexualidade e prevenção da gravidez na adolescência no município de cedro PE**. Serra Talhada-PE, 2017.
- ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos pagu**, p. 281-315, 2003.
- ALMEIDA, José Miguel Ramos. **Adolescência e maternidade**. 2. ed. São Paulo: Ed. Lisboa, 2003.
- ALVES, Nádia Leite. **Educação em saúde com ênfase na sexualidade e prevenção da gravidez na adolescência no município de cedro PE**. Serra Talhada-PE, 2017.
- AMORIM, Camilla Daniele Medeiros Carlos de. **O impacto da gravidez na adolescência do âmbito familiar em Mossoró-RN**. Mossoró: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2012. Monografia (Graduação em Enfermagem) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2012.
- AMORIM, Melania Maria Ramos et al. Fatores de risco para a gravidez na adolescência em uma maternidade-escola da Paraíba: estudo caso-controle. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 31, p. 404-410, 2009.
- BARDIN, Laurence **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011. 229 p.
- BERNARDY, C.C.F.; BARRIQUELO, L. **Percepção da gestação por um grupo de adolescentes grávidas e seu familiar responsável**. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem Obstetrícia e Neonatal, 7.,2011, Belo Horizonte. Anais Belo Horizonte: ABENFO-MG, 2011.p. 343-364.
- BENEVIDES, Ana Lúcia da Silva, De Freitas, Patrícia Hilário, Lima, de Salete Janes Silva. A importância da educação em saúde na redução das taxas de gravidez na adolescência. **Ciências da Saúde**, v.25, ed.134/maio, 2024. Disponível: <https://revistaft.com.br/a-importancia-da-educacao-em-saude-na-reducao-de-taxas-de-gravidez-na-adolescencia/> Acesso em: 20 nov. 2024.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Lei nº 11.804, de 5 de novembro de 2008**. Disciplina o direito a alimentos gravídicos e a forma como ele será exercido. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 nov. 2008.

BRASIL. Código Civil (2002). **Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jan. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm. Acesso em: 8 jan. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.798, de 3 de janeiro de 2019. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 4 jan. 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13798.htm. Acesso em: 2 dez. 2024.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 2 dez. 2024.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de saúde da mulher. **Assistência em Planejamento Familiar**. Manual Técnico/ Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica de Saúde da Mulher, e. ed. Brasília: Ministério da Saúde, p. 150, 2002.

CABRAL, Cristiane da Silva; BRANDÃO, Elaine Reis. **Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa**. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, p. 420, 2020.

CAMPOS, Eugênio Paes. **Quem cuida do cuidador: uma proposta para os profissionais de saúde**. Editora Dialética, 2022.

CANAVARRO, Maria Cristina; ARAÚJO-PEDROSA, Anabela. **Gravidez e parentalidade na adolescência: perspectivas teóricas**. 2012.

CASTRO, Liana Garcia. Infância em relações entre avós e netos: vínculo, amor e potência de vida. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 1-20, 2023.

CARTER, Berton; McGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; GOMES, Romeu. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista Latino-americana de enfermagem**, v. 8, p. 18-24, 2000.

CARRENO, Sergio Ramon Palacios et al. **Importância da prevenção e controle da gravidez na adolescência na equipe de saúde da família**, município Datas-Minas Gerais. 2016.

CERQUEIRA-Santos, Elder; PALUDO, Simone dos Santos; SCHIRÒ, Eva Diniz Bensaja dei e KOLLER, Sílvia Helena - **Gravidez na Adolescência: Análise Contextual de Risco e Proteção**, 2010.

CLAPIS, Maria José; PARENTI, Patrícia Wottrich. O conhecimento produzido acerca da assistência à adolescente grávida. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, p. 284-287, 2004.

COELHO, Lizete de Souza; OSÓRIO, Neila Barbosa; NETO, Luiz Sinésio Silva. Envelhecimento. Avosidade. Intergeracionalidade: Revisão Integrativa De Literatura. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 16, p. 293-303, 2023.

COLTRO, Antônio Carlos Mathias. Família: cuidado, vulnerabilidade e sustentabilidade. **Revista Brasileira de Direito de Família**, Porto Alegre: IBDFAM, 2012.

CORDEIRO, Filomena Maria Gonçalves da Silva; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: o caso do estágio de docência na pós-graduação. **Olhar de professor**, v. 8, n. 2, p. 77-92, 2005.

DAMIANI, Fernanda Eloisa. Gravidez na adolescência: a quem cabe prevenir? **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 24, n. 2, p. 161-161, 2003.

DARTHIGUES, B. Fenomenologia e ontologia: caminhos de Husserl e Hegel. **Cadernos de Pesquisa**, v. 99, n. 17, p. 5-20, 1992.

MELO, Nívia Célia. **Conversas avulsas: uma abordagem de interlocução e escuta de meninas “sensíveis**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Belo Horizonte- MG, 2019.

DE SOUZA, Marileide Carvalho. **Universidade da Maturidade, Polo Barreiras-Bahia: Uma Implementação de Política de Atendimento às Pessoas Adultas/Idosas**- Palmas-TO, 2023 133 f. f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2023.

DE SOUZA SILVA, João Roberto. **Temas Contemporâneos Em Psicologia, Ciências e Profissão** – Vol.1 – 1 ed. Curitiba-PR, Editora Bagai, p. 165, 2021

DE SOUZA, Tereza Alves et al. **Gravidez na adolescência: percepções, comportamentos e experiências de familiares**. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, v. 13, n. 4, p. 794-804, 2012.

DE SANTANA, Wesquisley Vidal; BRITO, Ana Gabriela Ferreira; XAVIER, Andressa Borges; OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio. Tecnologia social educacional para idosos, inovação e extensão universitária. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, p. 85419-85433, 2020.

DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yonna. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 15-41.

DEUS, Meiridiane Domingues de; DIAS, Ana Cristina Garcia. **Avós cuidadores e suas funções: uma revisão integrativa da literatura. Pensando famílias**, v. 20, n. 2, p. 56-69, 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2016000200005&script=sci_arttext Acesso em: 27 dez. 2024.

DEUS, Meiridiane Domingues de; DIAS, Ana Crstina Garcia Dias. Avós cuidadores e suas funções: uma revisão integrativa da literatura. **Pensando Famílias**, v. 20, n. 2, p. 56-69, 2016.

DIAS, Ana Cristina; GOMES, Willam Barbosa; Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: Percepção das jovens gestantes. **Rev. Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre. 2000.

DIAS, Ana Cristina Garcia; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 20, p. 123-131, 2010.

DIAS, Ana Cristina Garcia; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Gravidez na adolescência: Um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paideia**. v. 20, n.45, p.123-131, jan./abr. 2010.

DOMINGOS, Andreia Couto. **Gravidez na adolescência: enfrentamento na estratégia de saúde da família**. 2010.

DOS SANTOS, Elis Souza; MOURA, Patricia Almeida. **As adolescentes grávidas e o contexto escolar: o papel dos/as docentes no processo de (re) construção dos projetos de vida**. 2012. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.editorarealize.com.br/editora/ana-is/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD1_SA11_ID9530_14082016221732.pdf Acesso em 27 de dez.2024.

DUQUE, Thais Oliveira; VALADÃO, José de Arimatéia Dias. Abordagens teóricas de tecnologia social no Brasil. **Revista pensamento contemporâneo em administração**, v. 11, n. 5, p. 1-19, 2017.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v.8, n.1, 135-146. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CXPDPQqLCLSYkKpPL7XDhvrD/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva; BECKER, Ana Cláudia. O envelhecimento, a velhice e o significado de ser avô(ó) na perspectiva de atores profissionais idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 289-305, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/NjpBXFzTwzGkNcrTmzS8Znx/?format=pdf>. Acesso em: 2 mar. 2024.

FERRARI, Roseli Aparecida Pinto; THOMSON, Zuleika; MELCHIOR, Rosângela. Adolescência: Ações e percepção dos médicos e enfermeiros do Programa Saúde da Família. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, SP, v. 12, n. 25, p. 387-400, 2008.

FERREIRA, F. R.; PEREIRA, M. G. Sobrecarga no cuidar e suas repercussões nos cuidadores de pacientes em fim de vida: revisão sistemática da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 9, p. 2731-2747, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2015.v20n9/2731-2747/> Acesso em: 27 dez. 2024.

FIEDLER, Milla Wildemberg; ARAÚJO, Alisson; SOUZA, Márcia Christina Caetano de. **A prevenção da gravidez na adolescência na visão de adolescentes**. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 24, p. 30-37, 2015.

FIGUEIREDO, Barbara; PACHECO, Alexandra; COSTA, Raquel; MAGARINHO, Ruth. **Gravidez na adolescência: Das circunstâncias de risco às circunstâncias que favorecem a**

adaptação da gravidez. Rev. International Journal of Clinical and Health Psychology, v.6, n.1, p.97-125, 2006.

FONSECA, João José Saraiva da. **Apostila de metodologia da pesquisa científica.** João José Saraiva da Fonseca, 2002.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível.** Eduel, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA). **Situação da População Mundial 2022: Vendo o invisível – O direito à saúde sexual e reprodutiva em crises negligenciadas.** Brasília: UNFPA, 2022. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/publications/situacao-da-populacao-mundial-2022>. Acesso em: 11 dez. 2024.

GODINHO, Roseli Aparecida; SCHELP, Joselaine Rosália Batista; PARADA, Cristina Maria Garcia de Lima; BERTONCELLO, Neide Marina Feijó. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? **Revista latino-americana de Enfermagem**, v. 8, p. 25-32, 2000.

GOVERNO DO ESTADO DO TOCANTINS- **Relatório detalhado do quadrimestre anterior** – Secretaria da Saúde do Estado do Tocantins. 1º quadrimestre de 2024 – revisada. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://central.to.gov.br/download/390390

GOMES, Marina; SÁ, Maria Eduarda Cavalcante Teixeira; DANTAS, Marília Christina Botelho; SAMPAIO, Maria Solange Nogueira. **Abordagem de IST's e gravidez na adolescência em UBS no Ceará. Aps Em Revista**, v. 4, n. 2, p. 149-155, 2022.

GURGEL, Maria Glêdes Ibiapina; ALVES, Maria Dalva Santos; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha; PINHEIRO, Patricia Neyva da Costa; BARROSO, Grasiela Teixeira.. Gravidez na Adolescência: Tendência na produção científica de Enfermagem. **Esc. Ana Nery Revista de enfermagem**, v.12, n.4, dez. 2008.

INÁCIO, Ana Luiza Rodrigues et al. **Relações familiares frente à repetição da gravidez na adolescência.** 2015.

JORGE, Helena; LIND, Wolfgang. Segurar a família pelas pontas: Os dilemas dos avós cuidadores a tempo inteiro. **Psychologica**, v. 58, n. 1, p. 7-22, 2015.

KNOBEL, Maurício A Síndrome da Adolescência Normal. In: CAMPOS, D.M.S. **Psicologia da Adolescência.** 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LACERDA, Carolina Brito Schutel. **O papel das avós no sistema de relações familiares.** 2020. 181fl. Tese de Doutorado, Universidade Beira Interior. 2020. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/11055> . Acesso em: 10 nov 2024.

LEITE, M. P.; BOHRY, Simone. **Conflitos relacionados à gravidez na adolescência e a importância do apoio familiar.** *Revista de Psicologia Encontro*. v.15, n.23, p.113-128, 2012.

LIMA, Lucas Vinícius de; PAVINATI, Gabriel; MARCON, Sonia Silva; BALDISSERA, Vanessa Denardi Antoniassi; MAGNABOSCO, Gabriela Tavares. **Educação sexual com adolescentes no contexto familiar à luz da (anti) dialogicidade freireana.** *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 27, p. 220-651, 2023.

LIMA, Taisa Maria Macena de; SÁ, Maria de Fátima Freire. O papel dos avós na gravidez infantojuvenil. In: PEREIRA, Tânia et al. (org.). **Avosidade: relações jurídicas entre avós e netos. Enfoque multidisciplinar**. Indaiatuba, SP: Editora Foco, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997

MAINETTI, Ana Carolina; WANDERBROOCKE, Ana Claudia Nunes de Souza. **Avós que assumem a criação de netos. Pensando famílias**, v. 17, n. 1, p. 87-98, 2013. Disponível em: <chromeextension://efaidnbmninnibpcajpcglclefindmkaj/https://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v17n1/v17n1a09.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2024.

MARCONI, Marcos Antônio de Souza; LAKATOS, Elaine Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento**. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

MONTEIRO, Edvaldo Cavalcante. **Avosidade: o exercício da função de avós, as relações e os conflitos**. *Anais CIEH*, v. 2, n. 1, 2015. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2015/TRABALHO_EV040_MD2_SA1_ID27_06092015121015.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

MOREIRA, Thereza Maria Magalhães; SILVA, Maria José; PEREIRA, Ana Lúcia; ALMEIDA, Rosana Pereira de; OLIVEIRA, Mariana Ferreira. **Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez.** *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 42, p. 312-320, 2008.

NUNES, Renata; OLIVEIRA, Cláudia Maria. **Acolhimento e redes de apoio escolar para adolescentes grávidas: práticas integradoras.** *Revista Brasileira de Educação*, v. 25, n. 87, p. 20-28, 2020.

OLIVEIRA, Máira Ribeiro de. **As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

OLIVEIRA, Máira Ribeiro de. **Nascimento de filhos: rede social de apoio e envolvimento de pais e avós**. 2009.

OLIVEIRA, Alessandra Ribeiro Ventura; VIANNA, Lucy Gomes; CÁRDENAS, Carmen Jansen de. **Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância.** *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 13, p. 461-474, 2010.

PEREIRA, Letícia Mendes; VIEIRA, Joice Melo. **“Adolescência Primeiro, Gravidez Depois—Tudo Tem Seu Tempo”** A Proposta De Retardar A Iniciação Sexual Se Justifica Enquanto Política Pública?. 2021. Disponível em: file:///C:/Users/glauc/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/DISSERATA%C3%87%C3%83O/pereira_leticiamendes_m.pdf

PINTO, Kelly Lins Beserra; ARRAIS, Alessandra da Rocha; BRASIL, Katia Cristina Tarouquella Rodrigues. **Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência.** *Psico-USF*, v. 19, p. 37-47, 2014.

RABELO, Dóris Firmino; NERI, Anita Liberalesso. **A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos.** *Pensando famílias*, v. 18, n. 1, p. 138-153, 2014.

RAMOS, Anne Carolina. **Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais.** *Educação & Realidade*, v. 40, n. 1, p. 191-225, 2015.

RAMOS, Natália. **Relações e solidariedades intergeracionais na família: Dos avós aos netos.** *Revista Portuguesa de Pedagogia*, p. 195-216, 2005.

ROLIM, Héryka Wanessa do Nascimento; OLIVEIRA, Mariah Leite de; DAVID, Ana Karoline Figueiredo; MEDEIROS, Paula Kaliana Fernandes de; MACHADO, Rebecca Travassos; GALVÃO, Ana Beatriz Oliveira; SOUZA, Giovanna Araújo; BEZERRA, Klenia Felix de Oliveira. **Educação permanente na prevenção da gravidez na adolescência.** *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 4, p. 14527–14538, 2021. Disponível em: ojs.brazilianjournals.com.br. Acesso em: 11 jun. 2024.

ROTHER, N. **Revisão da literatura: uma metodologia viável para a produção de conhecimento.** *Cadernos de Gestão e Empreendedorismo*, v. 12, n. 2, p. 203-218, 2007.

SAMPAIO, Pereira, Tânia da Silva. **Enfoque multidisciplinar.** Coordenação de Acary Souza Buli Oliveira et al. São Paulo: Editora Foco, 2021.

SANTOS, Ingrid Fernandes dos. **A parentalidade exercida pelos avós: desafios e impactos na dinâmica familiar.** 2024.

SEZERINO, Charlene Dekla; AZEREDO, Simone Dill. **Gravidez na adolescência e escola: uma revisão da produção científica brasileira.** 2010.

SILVA, Ana Maria; OLIVEIRA, Paula Regina. **Políticas educacionais e a formação de redes de apoio escolar: o caso das adolescentes grávidas.** *Revista Brasileira de Educação*, v. 24, n. 75, p. 61-70, 2019.

SILVA, Ana Paula; FERNANDES, Júlia. **Parcerias escolares e apoio comunitário: fortalecendo redes de solidariedade na educação.** *Educação em Foco*, v. 15, n. 2, p. 30-40, 2018.

SILVA, Lucía; TONETE, Vera Lúcia Pamplona. **A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 14, p. 199-206, 2006.

SILVA, Camila Cuencas Funari Mendes; CORREA, Mariele Rodrigues. **Trocas simbólicas entre gerações: avós, netos e a literatura infantil.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 19, n. 1, p. 111-120, 2014.

SEQUEIRA, Marlene Sousa. **Avós e netos: uma relação intergeracional na perspectiva dos avós: uma realidade na freguesia de Alpalhão.** 2015. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/14237>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SOUSA, Liliana. **Avós e netos: uma relação afectiva, uma relação de afectos. Povos e culturas**, n. 10, p. 39-50, 2005. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/povoseculturas/article/view/8806> . Acesso em: 20 dez. 2024.

STAKE, Robert Eugene. **A arte de estudar casos.** Porto Alegre: Artmed, 1995.

TABORDA, Joseane Adriana et al. **Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas.** Cadernos Saúde Coletiva, v. 22, n. 01, p. 16-24, 2014.

TEIXEIRA, Ana Carolina Brochado; RABELO, Sofia Miranda. Avosidade e avoternidade: a coparticipação parental dos avós no direito brasileiro. **Avosidade: relações jurídicas entre avós e netos. Enfoque multidisciplinar.** PEREIRA, Tânia et al. Indaiatuba, São Paulo: Editora Foco, 2021.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de pesquisa-ação.** 15 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TRIVIÑOS, Antônio Nogueira. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.

TOCANTINS. Secretaria da Saúde do Estado do Tocantins.. **Relatório anual de Gestão 2023. Disponível em:** [\(Prestação de Contas 2023 Completa - Proc 879-2024.pdf\)](#). Acesso em 20 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Universidade da Maturidade. **Projeto Político Pedagógico da Universidade da Maturidade.** Palmas, 2018.

VITALE, M. A. B. **Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência.** Psicologia em Estudo, v. 13, n. 4, p. 719-726, 2008. Disponível em: scielo.br. Acesso em: 7 jan. 2025.

YIN, Robert Kuo-zuir **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

YAZLLE, Marta Edna Holanda Diógenes. Gravidez na adolescência. **Revista brasileira de ginecologia e obstetrícia**, v. 28, p. 443-445, 2006.

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: **GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: AVOSIDADE E INTERGERACIONALIDADE NAS RELAÇÕES SOCIOAFETIVAS FAMILIARES EM PALMAS-TO**

entender, converse como pesquisador responsável pelo estudo ou com um membro da equipe desta pesquisa para esclarecê-los.

OBSERVAÇÃO: Caso o participante não tenha condições de ler e/ou compreender este TCLE, o mesmo poderá ser solicitado esclarecimentos quantos aos itens constantes neste termo a qualquer pessoa de sua confiança, como acadêmica da UMA.

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS:

O **motivo que nos leva a estudar o problema** é objetiva analisar como as gravidezes não planejadas influenciam o equilíbrio das relações socioafetivas entre avós e netos. A pesquisa se **justifica** por corroborar com estudos sobre as interações e vivências entre pessoas de fazer parte de diferentes gerações. Os **procedimentos de coleta de informações** serão da seguinte forma: realização por entrevistas gravadas e transcritas, com questionário previamente elaborado para subsidiar pontos dos estudos e articulação em atividades que envolvam os pesquisados nas unidades estaduais de ensino por amostragem em Palmas Tocantins.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA

Se notar algum problema relacionado aos questionários, faremos o encaminhamento aos coordenadores da pesquisa para ajustes e eventuais correções.

DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS: Visualização de cansaço ou desconforto do participante ao responder o questionário poderá realizar pausas, o ambiente de realização será disponibilizado dependendo de cada instituição. Podendo ser solicitado um local reservado para que os participantes se sintam mais confortável. Caso exista falha na precaução o participante não se sinta à vontade em continuar ele poderá desistir da pesquisa a qualquer momento. As informações serão armazenadas no computador e protegidos por senha. Não haverá a identificação nominal dos participantes na codificação e na categorização de modo a manter o sigilo da pesquisa e das informações que serão coletadas durante as entrevistas.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar.

Você

é

Ass.: _____

**Rubrica do
Pesquisador
Responsável**

**Rubrica do(a)
participante**

**Rubrica do(a)
Pesquisador
Acadêmico**

livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios. O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais no que for necessário. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Palmas e outra será fornecida a você.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS:

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional em caso de haver gastos de tempo, transporte etc.

DECLARAÇÃO PELA PARTICIPANTE: Eu,

_____,
portadora do CPF: _____. _____. _____ - ____ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. A professora orientadora Neila Barbosa Osório e a estudante de Mestrado Glauce Gonçalves da Silva Gomes, certificaram-me da manutenção da confidencialidade dos dados coletados nos arquivos e documentos, comprometendo-se com a privacidade de seus conteúdos, garantindo a privacidade dos indivíduos que terão suas informações acessadas. Em caso de dúvidas poderei chamar a orientanda no telefone (63) 98463-6079, ou pelo e-mail: glaucegomes@seduc.to.gov.br. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Em caso de dúvidas não esclarecidas de forma adequada de natureza ética poderão ainda contatar o **Comitê de Ética em Pesquisa do indicado pela plataforma BRASIL.**

Nome e Assinatura do Responsável:	
Nome e Assinatura do Pesquisador	
Nome e Assinatura da Testemunha:	
Local e data:	

() ACEITO PARTICIPAR DA PESQUISA () NÃO ACEITO PARTICIPAR DA PESQUISA

Ass.:

**Rubrica do
Pesquisador
Responsável**

**Rubrica do(a)
participante**

**Rubrica do(a)
Pesquisador
Acadêmico**

Apêndice B – Questionário para acadêmicos da Universidade da Maturidade

QUESTIONÁRIO PARA ACADÊMICOS DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE

Contextualizar e perguntar como foi

- 1) Como foi para a senhora viver a experiência de ser mãe na fase da adolescência? Quais foram os desafios e aprendizados nesse momento?
- 2) A senhora precisou se casar por causa da gravidez? Como isso influenciou a sua vida na época?
- 3) A senhora conseguiu continuar os estudos mesmo após engravidar? Poderia me contar como foi essa experiência?
- 4) Até que série a senhora conseguiu estudar? Como foram os desafios nessa etapa da sua vida?
- 5) Falar sobre sexualidade era algo tranquilo ou difícil para a senhora? Como era o diálogo sobre esse tema com seus pais?
- 6) E depois na vida na criação de seus filhos havia um companheiro para ajudar, e falar sobre sexualidade era uma tem tranquilo para vocês, no sentindo de orientação, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e mesmo a prevenção de gravidez?
- 7) Alguns de seus filhos também foram mães jovens, me conte como foi?
- 8) Se, ocorreu depois do susto inicial da gravidez anunciada, como foi o momento de conhecer seu neto pela primeira vez? Que sentimentos a senhora teve ao ver essa nova geração da sua família?
- 9) A Sua filha teve que se casar por causa da gravidez?
- 10) Para que seus netos tivessem um cuidado especial e saudável, a senhora precisou assumir cuidados exclusivos com eles para que sua filha pudesse estudar ou trabalhar? Como foi essa experiência para a senhora?

Apêndice C – Roteiro para entrevista para estudantes grávida

ROTEIRO PARA ENTREVISTA PARA ESTUDANTES GRÁVIDA

Fale um pouco sobre sua história de vida.

Na sua família ou no ciclo de amizade, conhece alguma adolescente que engravidou?

Comente.

Conhece sobre alguns métodos contraceptivos? Se sim, quem te orientou, a família, a escola, ou amigos: Comente:

Me fale um pouco do que conhece sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis – DSTs?

De que forma obteve informações sobre o tema sexualidade/sexo? Comente:

Se fosse possível opinar, como gostaria que o tema “sexualidade” fosse abordado na Escola:

Você passou sobre alguma situação de preconceito?

Estava em seu projeto de vida ser ter um filho nesta fase da vida?

Nas aulas ou na escola já foram abordadas temáticas sobre gravidez na adolescência?

Quais são os integrantes da sua família?

Você a relação dos avós do seu bebê? Como é sua relação com eles? Comente:

Para que pudessem continuar seus estudos, teve apoio das futuras vovós? Comente

Ao informar a gravidez a sua família e a do pai, quais foram as reações?

Teve que casar-se por causa da gravidez

Quais mudanças ocorreram em sua rotina diária com a maternidade:

Você estava estudando quando descobriu que estava grávida?

O que você descobriu que estava grávida?

Em algum momento chegou a pensar interromper a gravidez?

Já interrompeu alguma gravidez

De quem é a responsabilidade de prevenir a gravidez?

ANEXO

Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP

HOSPITAL DE DOENÇAS TROPICAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - HDT/UFT 

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AVOENGA: o equilíbrio nas ligações sócio afetivas ameaças de gravidez não planejada.

Pesquisador: GLAUCE GONCALVES DA SILVA GOMES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 83045124.0.0000.8102

Instituição Proponente: Universidade Federal do Tocantins Campus Palmas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.289.802

Apresentação do Projeto:

Protocolo apresentado para apreciação ética após solicitação de ajustes as pendencias sinalizadas em parecer consubstanciado anterior.

O projeto buscar entender como as relações socioafetivas entre avós e netos são impactadas pela ocorrência de gravidez não planejadas nas famílias. Serão convidados para participar do estudo todas as Adolescentes grávidas estudantes das unidades de ensino: Colégio Estadual Don Alano Du Nodai, e todas as acadêmicas da Universidade da Maturidade (UMA) que foram mães adolescentes. A pesquisa será conduzida por meio da aplicação de um questionário.

Objetivo da Pesquisa:**OBJETIVO GERAL**

Analisar como a gravidez não planejada influenciam o equilíbrio das relações socioafetivas entre avós e netos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

¿ Entender como os avós lidam emocionalmente com a notícia de uma gravidez não planejada.

Endereço: Av. José de Brito Soares, nº 1015. Bloco administrativo 1º piso	
Bairro: Setor Anhanguera	CEP: 77.818-530
UF: TO	Município: ARAGUAÍNA
Telefone: (63)3413-8642	E-mail: cep.hdt@ebserh.gov.br